

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***LEON RABINOVITCH***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - A biotecnologia em saúde no Brasil

Entrevistado – Leon Rabinovitch (LR)

Entrevistadores – Nara Azevedo (NA) e Wanda Hamilton (WH)

Data – 06/12/1996 e 13/01/1997

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 5h16min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

RABINOVITCH, Leon. *Leon Rabinovitch. Entrevista de história oral concedida ao projeto A biotecnologia em saúde no Brasil, 1996-1997*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 109p.

## Sumário

### Fita 1

Origem familiar; o curso primário realizado na escola Israelita Brasileira de Madureira; o estudo secundário; a graduação em farmácia na UFRJ; a formatura em farmácia em 1962 e a entrada no Instituto de Microbiologia como bolsista; descrição do trabalho desenvolvido nos laboratórios da faculdade; a opção pela graduação em farmácia; descrição das cadeiras que compunham o curso de farmácia da UFRJ no período em que estudou na graduação; a entrada para o laboratório de Imunologia no Instituto de Microbiologia; o convite para trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz; o trabalho como bolsista do CNPq; considerações sobre a reedição do Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz em 1964; comentários sobre a profissão de seu pai e da mãe; breves considerações sobre a chegada de sua família ao Brasil; comentários sobre a origem de sua família; considerações sobre a escola judaica fundada por seu pai; comentários sobre as escolas judaicas no Brasil; considerações sobre a miscigenação no Brasil e no mundo; o judaísmo no Brasil; o trabalho desenvolvido com o Dr Gobert de Araújo Costa; o concurso para professor da faculdade de farmácia da Universidade Federal Fluminense.

### Fita 2

Comentários sobre a entrada de pesquisadores no IOC durante o governo de João Goulart; os biólogos do IOC em 1964; o panorama da Fiocruz durante o governo militar; as opções profissionais após o término de sua graduação no curso de farmácia; a produção de vacinas na Fiocruz; breve comentário sobre o curso que fez com o Dr. José Fonseca da Cunha; o mandato universitário do IOC; o regime militar e o IOC; breve comentário sobre o trabalho desenvolvido por sua equipe de pesquisadores; a questão das descobertas científicas e as patentes; a opção pela pesquisa científica; a relação entre ciência e mercado; novas considerações sobre a questão das patentes; o mercado e o cientista; a relação entre ciência, política e apoio financeiro para pesquisa; considerações sobre o trabalho de pesquisa desenvolvido na Fiocruz; as dificuldades do pesquisador em patentear sua descoberta; a importância dos convênios para a atividade científica.

### Fita 3

Considerações sobre a relação entre ciência e mercado; descrição de seu projeto de pesquisa em bacteriologia aplicada ao controle de vetores; novos comentários sobre a questão das patentes; a publicação do catálogo sobre a produção científica da Fiocruz; o processo de desenvolvimento da toxina produzida por seu laboratório para controle de vetores; as parcerias para desenvolver produtos dentro da Fiocruz.; o prestígio da Fiocruz; a relação entre a ciência e as empresas privadas; a questão das patentes e as empresas privadas.

### Fita 4

Considerações sobre sua dedicação ao seu tema de pesquisa; o interesse em estudar bactérias anaeróbicas e aeróbicas; o trabalho no Departamento de Bacteriologia no IOC após a saída do Dr Gobert de Araújo Costa; breve comentário sobre as teses de livre

docente; o panorama do Departamento de Bacteriologia após a saída do Dr. Gobert de Araújo Costa; breve comentário sobre a questão do concurso público para ingresso na instituição; a entrada de estagiários no IOC; a atividade científica no IOC; considerações sobre a administração de Rocha Lagoa; a produção de vacinas na Fiocruz antes da construção de Bio-Manguinhos; a área de produção do IOC; o panorama do IOC nos anos 60; as vacinas produzidas na Fiocruz; as dificuldades do Departamento de Bacteriologia nas décadas de 1960 e 1970; as agências de financiamento à pesquisa; o financiamento da Finep para o desenvolvimento das pesquisas em seu laboratório em 1988; a criação do catálogo de coleções; a importância de treinar estagiários em seu Laboratório; a dificuldade em se ter bolsas de pesquisa nos anos 1960.

#### Fita 5

Continuação dos comentários sobre a entrada de bolsistas no IOC; considerações sobre a formação de sua equipe de trabalho; o problema da permanência dos bolsistas de iniciação científica treinados no IOC; os concursos públicos para ingresso na Fiocruz; comentários sobre a trajetória de seu laboratório; a vontade de trabalhar com engenharia genética; a especificidade de seu campo de atuação na área de pesquisa; breve comentário sobre a pesquisa desenvolvida para o controle de vetores; o convênio firmado com Fergus Prist, da Heriot Watt University para isolamento de microorganismos ; comentários sobre as indústrias farmacêuticas no Brasil; novas considerações sobre a relação entre ciência e mercado; a questão das patentes e as verbas para os pesquisadores; crítica à mercantilização da ciência; considerações sobre a produção de Bio-Manguinhos; relação entre empresa privada e ciência.

#### Fita 6

Novos comentários sobre as pesquisas do IOC; novos comentários sobre a relação entre ciência, empresa privada e o mercado; o trabalho desenvolvido em parceria com a Impal; crítica ao salário dos pesquisadores; comentários sobre a questão das patentes; o encantamento pelo trabalho no IOC.

Projeto - A biotecnologia em saúde no Brasil

Entrevistado – Leon Rabinovitch (LR)

Entrevistadores – Nara Azevedo (NA) e Wanda Hamilton (WH)

Data: 06/12/1996

### **Fita 1 - Lado A**

NA - Hoje é 6 de dezembro de 1996, estamos fazendo uma entrevista com o Dr. Leon Rabinovitch aqui no Pavilhão Rocha Lima, na Bacteriologia. Dr. Leon, nós podíamos começar o senhor falando onde o senhor nasceu, um pouco a sua origem familiar, quando, onde, o que o seu pai fazia, a profissão do seu pai, se havia médicos na sua família, pessoas ligadas à área de ciência. Seria interessante se o senhor pudesse começar por aí.

LR - Eu nasci aqui no Rio de Janeiro, na Tijuca e estudei numa escola israelita, existente em Madureira. Hoje ela não existe mais. A escola que ia ser fundada por um grupo de amigos do meu pai. Meu pai presidiu, organizou e implantou essa escola primária em Madureira. E depois de lá eu fui estudar o ginásio no...

NA - Como é o nome da escola?

LR - Israelita Brasileira de Madureira. Ela não existe mais porque a comunidade espalhou para outros bairros e essa escola desapareceu.

NA - Ela data de quando? O senhor sabe quando ela foi construída?

LR - Eu não tenho ideia precisa não, mas eu me lembro que eu estudei lá até mais ou menos 1950, e de lá eu passei para o Colégio Arte Instrução, em Cascadura, onde eu fiz o ginásio. De Cascadura fui para Botafogo estudar no Colégio Andrews e terminei o científico lá, me graduei lá e tive a sorte, com o preparo que eu tive no colégio, de ingressar diretamente na universidade.

NA - O Andrews é uma boa escola?

LR - É, eu acho que ainda continua uma boa escola. Naquela época dirigia a escola o Flexa Ribeiro.

NA – O dono da escola.

LR - Continua ainda, os filhos. Flexa Ribeiro...

NA - Edgard.

LR - O Edgard, parece que a irmã do Edgard casou com o filho do Carlos Lacerda, ex-governador do Estado. Então, eu fiz a faculdade de Farmácia na ex-Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, faculdade essa que me deixa muita saudade, porque a formação que os professores davam ao seu corpo discente era muito boa.

NA - Quando o senhor entrou na faculdade?

LR - Eu entrei em 59. 1959.

NA - Em 59 o senhor fez vestibular... Mas nessa época o vestibular era dirigido, não é isso?

LR - Era feito para a faculdade.

NA - Não era vestibular...

LR - Era uma outra modalidade de avaliação do candidato. Nós fazíamos uma prova escrita, depois tínhamos uma prova prática e depois uma prova oral. Esse era o vestibular. E consegui entrar na faculdade e segui a carreira saindo farmacêutico, químico. Como eu vivia próximo à faculdade, estava próximo ao Instituto de Microbiologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, naquela época era Universidade do Brasil. Então, saindo em 62 ingressei no Instituto de Microbiologia.

NA - Direto?

LR - Direto, fui lá trabalhar, ser bolsista e isso ajudou; me conferiu o gosto pela Biologia.

NA - O senhor não fez o curso de Microbiologia?

LR - Não, eu não cheguei a fazer. Não tive oportunidade de fazer, mas lecionei no curso a convite. Não como principal professor, mas como auxiliar e isso também me deu uma grande...

NA - O senhor falou que sente saudade do seu curso. Por que? Eu lhe interrompi quando o senhor estava falando...

LR - Porque a gente passava grande parte do dia na faculdade e quem quisesse fazer alguma coisa, explorar bem o seu tempo fora do período de aula, podia fazer. Então, a gente ia para os laboratórios com o auxílio dos professores para fazer pesquisa. Eu me lembro de uma delas que era subtração de um alcalóide, de um vegetal do gênero (inaudível). Eu não me lembro agora da substância mas todo mundo conhece. Diminui o batimento cardíaco e a gente extraía isso, esse sedativo e se tentava cristalizar esse sedativo ou então extrair cafeína de borra de café que a gente tirava das chaminés e separávamos a cafeína num alto grau de pureza. Ou então trabalhar com microorganismos partindo de um material fecal e separando o que ia encontrando, na cadeira de higiene e legislação farmacêutica e isso era muito interessante. Existiam muitas outras coisas mais e o curso deu uma cancha muito boa. Tinha muito bons professores, alguns ainda vivos. Valeu a pena esse curso. Eu não sei se hoje... Depois eu fui ser professor. Não sei se eu fui tão bom professor quanto aqueles que nós combatíamos.

NA - Combatiam por que?

LR - O estudante tem que combater, de uma maneira geral, o professor. (risos)

WH- No princípio.

LR - No princípio, depois vai se arrependendo.

WH - Eu queria lhe perguntar uma coisa Dr. Leon. Como surgiu essa opção pela farmácia e por essa faculdade especificamente? Queria que o senhor me explicasse um pouco, como é que o senhor se direcionou a esse curso.

LR - Eu tinha uma vizinha, nós morávamos em Madureira, e ela vinha de Madureira para estudar na Praia Vermelha e se graduou farmacêutica química. Conversando com ela, ela me dava umas ideias, eu queria fazer Química.

WH - O senhor já tinha esse...

LR - Eu queria fazer Química.

WH - No segundo grau, na aula química ou não? Ou foi em outro lugar.

LR - No científico, era alguma coisa no Andrews. A gente tinha um pouquinho de aula prática e eu gostava disso. E essa colega então mostrando de que era constituído o curso de Farmácia, aí nós vimos que o nome Farmácia não combina bem com o que tem lá dentro, com o que se faz lá dentro. Não reflete bem, dá uma noção errônea. A gente pensa que o profissional vai ser balconista e vender remédios e não é nada disso! É muito mais do que isso porque na faculdade a gente estudava desde botânica e princípios ativos de interesses medicamentosos. Existem vegetais de interesse para a medicina humana ou, às vezes, animal, principalmente animal. Nós saímos dali até a feitura do medicamento, passando por microbiologia, micologia, parasitologia, farmacologia...

WH - Muita química também.

LR - Química Analítica I, Química Analítica II, Bioquímica, Química Orgânica, Síntese Orgânica, quer dizer, um monte de conhecimentos.

NA - É uma formação ampla.

LR - Muito ampla e isso dá um vasto conhecimento para esse tipo de profissional e ele entra em vários campos.

WH - O senhor tinha algum campo?

LR - Então, eu olhei para isso. Eu vi a matéria do vestibular: era Química, Física e Biologia também.

WH - O senhor já tinha uma área assim de interesse particular ou isso foi gerado durante o curso?

LR - Não, não, não, isso veio quando ainda no curso acadêmico, surgiu a oportunidade de trabalhar no laboratório de Imunologia no Instituto de Microbiologia. Então, fiquei um

ano lá como acadêmico, depois saí. A gente começa a procurar, a entrar em contato com a realidade e vê que não tem nada e não sabe nada. Mas tinha um colega que já estava dentro do Instituto de Microbiologia, enquanto eu aguardava uma oportunidade para fazer uma pós-graduação, já estava inscrito. Essa oportunidade não veio porque outros mais antigos ganharam a vez e os mais novos perderam, deixaram de ter a vez. Então, o colega me levou para Microbiologia e assim eu me tornei bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa, passei uma temporada lá até que me convidaram para vir para cá, em 1963.

NA - Quem lhe chamou?

LR - Foi o chefe do então, departamento, laboratório de Bacteriologia do Instituto Oswaldo Cruz. Depois se constituiu em departamento. Era o doutor Gobert de Araujo Costa. Ele chefiava aqui e me chamou para ficar perto dele para um trabalho em comum com a antiga Susam, Superintendência de Saneamento [Ambiental].

NA - Acho que era do Ministério.

LR - Não! Do Estado.

NA - Do Estado, Susam. Já ouvi esse nome.

LR - Hoje é Feema.

NA - Fundação...

WH - Meio Ambiente.

LR - Fundação Estadual de Engenharia e Meio Ambiente. Então, o doutor Fausto Pereira Guimarães que comandava uma área microbiológica dentro da Feema, da antiga Susam, em combinação com o meu chefe resolveram fazer um projeto e precisaram de pessoas. Daí esse Fausto Pereira Guimarães, de quem eu era aluno, me indicou, me convidou para sair do Instituto, vir trabalhar aqui. Teria uma bolsa para desenvolver um tipo de trabalho.

NA - A bolsa é do CNPq?

LR - Era bolsa do CNPq. Depois se transformou numa bolsa do Instituto Oswaldo Cruz, que era repassada do Ministério para o Instituto Oswaldo Cruz, aí fiquei aqui. Em 64 veio o curso - final de 64 - o Curso de Aplicação, a reedição do Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz.

NA - Tinha desaparecido.

LR - Tinha desaparecido. Então, era o curso montado, imaginado por Oswaldo Cruz e seu grupo. Um belo dia ele parou, ele deixou de existir e, em 1963, foi imaginado, foi reeditado pelo então Francisco de Paula da Rocha Lagoa, que veio a ser diretor do Instituto e depois Ministro da Saúde. Esse curso gerou, dentro do Instituto Oswaldo Cruz, os outros que vocês estão vendo ali. Ele vem dali, com aperfeiçoamentos...

NA - Mas esse período...



WH - Desdobramento, especializações.

LR - Isso.

NA - Mas a gente tem uma informação de que em 1950, 51, por aí, o Olímpio da Fonseca tinha de novo tentado remontar o Curso de Aplicação. Não com os mesmos moldes antigos, mas enfim, era uma ideia de que o Instituto teria uma área de ensino. O senhor não tem ideia? Nessa época quando o senhor chegou não tinha nada?

LR - Não, não tinha nada.

NA - O Rocha Lagoa é que reiniciou.

LR - Porque quando ele... Poderia existir era um laboratório, como havia no curso. Isoladamente, mas não era institucional, vamos dizer. O laboratório fazia um curso de parasitologia ou de micologia, ou patologia.

NA - Eu queria voltar um pouquinho e perguntar ao senhor antes de continuar sobre o Instituto, a respeito do seu pai, da profissão do seu pai, da sua mãe. Se tinha alguém da sua família que tivesse vínculo com a Medicina.

LR - O meu pai é nascido na Rússia, a minha mãe é romena. Foram imigrantes. Não sei precisar exatamente o momento que eles imigraram para cá, mas vieram muito jovens e eles se conheceram aqui e se casaram.

NA - No Rio de Janeiro mesmo.

LR - No Rio de Janeiro.

NA - Ele veio direto para o Rio de Janeiro?

LR - Ele veio direto para o Rio de Janeiro, com mais dois irmãos e outros permaneceram... A região de onde eles vinham é a Ucrânia. Eu ainda conheci um irmão dele que está lá na Ucrânia, ainda é vivo.

WH - O senhor ainda tem família lá?

LR - Tenho um tio lá.

WH - Que época que eles vieram?

LR - Eu não estou lembrando bem, mas...

WH - Foi entre guerras?

LR - Depois da Guerra de 14, muitos fugiram de lá porque havia...

NA - Perseguição.

LR - É, havia várias coisas, inclusive pelo fato de serem judeus, isso era um agravante e não um atenuante. Então, normalmente, aquelas famílias que costumavam ter quatro filhos, cinco filhos, três filhos, procuravam, se houvesse, qualquer porão de navio para botar o pessoal para o novo mundo. Eles mandavam embora e os pais costumavam permanecer. Dificilmente você vê pais também por aqui.

NA - É de origem rural a sua família, a família do seu pai? Ou urbana?

LR - Olha, acho que é mais rural, de cidade pequena. Meu pai era comerciante, minha mãe também era comerciante, mas me parece que o pai do meu pai...

NA - Sua mãe também tem origem judaica?

LR - É. Ele era comerciante, mas me parece que era uma pessoa muito bem conceituada que funcionava como uma espécie de juiz. Quando existiam problemas...

NA - Era ele que resolvia.

LR - ...ia lá o cara para ele dizer: “Não, tem que ser assim, tem que ser assado”. E funcionava desse modo. E eu sei que eles morreram por lá, um irmão da minha mãe morreu na 2ª Guerra Mundial, assassinado e do meu pai, dois irmãos sobreviveram, mesmo com a entrada dos nazistas na Ucrânia. Onde eles estavam, eles sobreviveram. Mas, eu sei que o irmão do meu pai ficou meio adoentado de ter apanhado um pouco. Então, vieram para cá e eu acho que é um ato de coragem muito grande você vir. Quem lê russo não sei como lê português e vice-versa, mas a gente aprende.

NA - O senhor lê?

LR - Não, não. Eu estive em uma missão da Fiocruz em visita a São Petersburgo e objetivava-se com aquela visita criar algum intercâmbio entre instituições de pesquisa. Faltava pouco para ocorrer essa transformação, a gente percebeu lá...

NA - Foi antes da queda do Muro?

LR - Antes da... Até o vestibular estava nascendo, a gente não entendia muito por aqui o que era isso...

NA - Foi nos anos 80 então.

LR - É, final.

NA - O Muro de Berlim caiu em 89, deve ser por aí.

LR - Foi um pouco... 88... De fato foi assinado um acordo de cooperação só que não foi implementado.

NA - Isso eu ouvi: “Os cientistas russos estão vindo”.

LR - Exato.

NA - Tem vários deles na UERJ.

LR - Naquela época nós fomos para Leningrado. Já percebemos algo esquisito, altofalantes fazendo propaganda política, com pouca gente em volta, mas fazendo propaganda. Por quê? Não era propaganda política, era Leningrado que estava mudando de nome.

NA – Sim. Voltando a ser...

LR - Uma espécie de... Como é que nós chamamos?

NA - Não é uma campanha?

LR - Não, uma consulta popular.

NA - Saber se as pessoas queriam.

LR - Sim ou não, concorda ou não.

NA - Um plebiscito.

LR – Plebiscito. Houve um plebiscito para isso e votaram a favor da mudança. Então, hoje é São Petersburgo.

NA - É o nome antigo.

WH - Nome original.

LR - Exatamente, e o nome Lenin estava caindo em desgraça. Então foi mudado. Depois houve os outros desdobramentos que a gente conhece. Então, estivemos lá em missão e, naquela oportunidade esse parente sabia que eu ia lá. Ele veio da Ucrânia e veio me ver, pegou o trem e veio me ver. Então, eu o conheci lá e algumas ramificações de família, parentes e parentes e parente, eu encontrei lá. E assim, ainda me correspondo com ele, substituindo meu velho.

NA - Fazia correspondência, mas o senhor fala russo, então?

LR - Não, não, não.

NA - E o senhor se corresponde como?

LR - Eu escrevo em iídiche, que eu aprendi na escola ainda. Eu descobri isso muitos anos depois: o valor que tinha eu ter conseguido aprender uma língua completamente estranha à nossa.

NA - É difícil de aprender?

LR - É um pouquinho.

NA - Seu pai falava?

LR - Falava.

NA - O senhor falava em casa?

LR - Falava com a minha mãe então eu ouvia, mas na escola que eles fundaram eles ensinavam hebraico e iídiche, lógico, o português. Então eu aprendi bastante o iídiche e descobri isso mais tarde, não sabia... Então, por necessidade de serviço, para eu me comunicar com ele eu escrevo, mesmo sabendo que eu escrevendo quebrado, mal, mas eu me entendo com ele. Então, o russo não faz falta.

NA – Exatamente. (*RISOS*)

LR - O iídiche é uma língua que veio do alemão. Você ouvindo falar iídiche e falar alemão você é capaz de entender coisas.

NA - Agora, é engraçado, porque uma coisa é a gente falar e ouvir, outra é escrever que é muito mais difícil.

LR - Muito mais difícil. Então, mesmo errando, eu sei que estou errando. Se eu estou trocando o “a” indevidamente ou usando uma letra mal colocada, mas isso não importa.

WH - Que por declinação e o alemão.

NA - É como o latim?

LR - É. Exato.

WH - Os tempos de verbo, o sujeito, pela declinação, não é isso? É outra racionalidade.

NA - Agora me diga aqui, que eu fiquei curiosa: o seu pai construiu essa escola por que motivo?

LR - O motivo eu acho que é interessante. Eu não sei se herdei o espírito dele ou do pessoal da laia dele, do grupo dele. Eles viam nisso uma maneira ainda de conservar a identidade, porque veio herdado dos pais deles.

NA - Eles vieram sozinhos, o senhor falou.

LR - Sozinhos, eles vieram sozinhos. Dinheiro não tinha. Tinha que ir lá para o china na cidade. Não sei quantos centavos era o prato feito e a sobremesa era banana d’água, isso ele me dizia. Então, como é que eles trabalhavam? Eles procuravam encontrar crédito em alguém, ou dando dinheiro, emprestando dinheiro ou emprestando mercadoria para eles venderem. E eles entravam pelo interior do Brasil vendendo. Eram prestamistas e vendiam. Meu pai conta que entrou aqui no Estado do Rio uma vez. O transporte era em lombo de burro. Ia montado no burro e levava a mercadoria atrás. Não podia ir sozinho.

Iam dois, três amigos e iam às fazendas, fazendas de café. Chegavam nas fazendas e ofertavam lá: “Quer comprar tecido? Quer comprar isso, quer comprar aquilo?”, e os caras recebiam.

NA - Ele aprendeu a falar português aqui então assim nessa...

LR - Uns aprenderam bem, o sotaque começou desaparecendo, outros não, conservam o sotaque.

NA - Seu pai falava bem o português?

LR - Ele falava bem. A minha mãe falava menos bem. Ele já errava pouco.

NA - Era obrigado a aprender.

LR - Tinha que ser no peito, não tinha outra condição.

NA - Para sobreviver.

LR - Exatamente. Então, me lembro que ele foi para uma fazenda dessas vender um treco lá e o cara o recebeu bem. O fazendeiro o recebeu bem, e tal, batendo papo, não sei o quê, não sei o quê e o fazendeiro, às vezes, oferecia a filha para ver se ele não queria casar com a filha. (Risos) E aí, ele me disse: “Você vê, eu podia ter me casado com uma moça rica, mas eu preferi...”. Eu me lembrava do meu pai: “Não, eu tenho que ver uma moça judia”.

NA - Ele era religioso?

LR - Não, era tradicional, porque tem várias gradações. Tem os radicais, tem os que não veem outra coisa, se não ver o Deus todo o dia, eles não enxergam outra coisa, mas ele era mais de tradição.

WH - De manter a tradição cultural.

LR - É, a tradição. Porque você no dia tal comemora isso, o que simboliza isso, o que isso trás, o que isso representa tradicionalmente, enfim o que isso significa. Então, ele seguia mas não era religioso. Ele podia ir para a sinagoga no dia tal, rezar lá mas não é isso, vive em função de rezar, aí absolutamente, não era, nem a minha mãe. O que eu estava dizendo...

NA - Que o seu pai preferiu casar com uma judia do que com uma filha de fazendeiro.

LR - Ele não quis casar com a filha de fazendeiro. Bom, mas aí, anoiteceu e ele disse: “Bom, eu vou embora”. O fazendeiro disse: “Não, não vai embora, fica aqui, vai jantar aqui e amanhã você vai embora”. Aí está bom. Ele aceitou e pernitoou lá; no dia seguinte o fazendeiro apresentou a ele a conta da hospedagem (Risos). Ele conta isso com um tamanho humor. Teve que pagar porque pernitoou lá! Mas, então, esse era o tipo de vida. Quando eles apuravam alguma coisa, eles voltavam para cá, para o grande centro e

procuravam continuar tendo crédito, até que eles montaram o seu estabelecimento comercial. Isso foi um período assim.

NA - Anos 30, mas isso não aconteceu com todos os imigrantes judeus que vieram para o país nesse período?

LR - Olha, eu acho que não.

NA - Não?

LR - Você vai encontrar o pessoal mais intelectualizado, de vez em quando você encontra... Você vai ver um cara que veio como advogado de lá, outro que era médico lá ou outros que, mesmo sendo estrangeiros, tentaram fazer uma Medicina, uma Engenharia. Eles procuraram entrar e não quiseram, conseguiram dominar a língua de uma maneira suficiente para fazer um curso nosso. Então, você encontra isso também. E assim, eu tenho um primo que veio da Romênia... Não, não, ele é brasileiro, nascido aqui e fez Medicina. Então eu tenho parentes médicos.

NA - Ele é mais velho do que o senhor?

LR - Mais velho.

WH - O senhor tem irmãos Dr. Leon?

LR - Tenho um.

WH - Também formado?

LR - Não, não. Ele resolveu ir para o lado do comércio. Todo o esforço, o que nossos pais procuravam fazer? Educação, tem que estudar, não tem colher de chá. Então, eles trabalhavam mais para esse fim ou muito para esse fim, de dar uma educação superior. Então, por exemplo, saí de Madureira e vim para Copacabana para ficar perto da universidade, porque eles não queriam que eu fizesse o que um primo fez, sair de Madureira, acordar cedo, apanhar o trem para a cidade, na cidade tinha que pegar um ônibus para ir a Praça XV, para pegar as barcas para estudar na Faculdade de Odontologia e Farmácia, da atual Universidade Federal Fluminense.

WH - Demora uma hora e meia para chegar.

LR - Tranquilo.

WH - O senhor veio morar sozinho em Copacabana?

LR - Então, você vai ver o pessoal acostumado a ter um nível superior porque está dentro dele, dá isso.

NA - Sua mãe trabalhava?

LR - Bom, aí é um aspecto curioso, as nossas mães, elas costumam ser donas de casa, em geral. Há uma ou outra exceção, mas são donas de casa, família, para os filhos, marido, família, os filhos, só pensam nisso, é gozado isso. Hoje o tempo está diferente, mas aquele pessoal que veio, uma ou duas gerações, dificilmente. Dificilmente você vai ter uma professora, uma médica, uma engenheira; tem, mas é mais raro. Agora, eles empurravam para que os filhos ou as filhas fossem, aí você vai encontrar médica, engenheira.

NA – Comecei a falar no seu pai por causa da escola que o seu pai fundou.

LR - Hein?

NA - Comecei a falar do seu pai por causa da escola, que eu achei interessante.

LR - Normalmente eles se reuniam, se agrupavam, talvez uma maneira de, não digo se autodefender, mas...

NA – Até pela identificação deles.

LR - Construía grupos, eles se identificavam em Madureira, por exemplo, e tem alguns outros bairros próximos. Então, ele se identificava lá: “Olha, vamos fazer isso”. Iam na casa do outro: “Você está convidado a aparecer, nós vamos fazer uma reunião para isso, isso, isso”. Então, naquela época surgiram muitas escolas israelitas com nome de algum poeta ou de algum intelectual judeu, normalmente era isso. Por exemplo, você já ouviu falar em Sholem Aleichem esse cara eu não consegui ler tudo que ele fala, mas aquele... “O violinista no telhado” baseia-se em contos dele. Então, quem gosta, entende, deve se deliciar com a história que esse cara contava. Então, eles davam nomes, nos estabelecimentos, desses caras intelectuais, poetas, escritores.

NA - E essa do seu pai como é que chamava?

LR – E.I.B. Peretz, era o nome da escola, Escola Israelita Brasileira I.L. Peretz. Então, um grupo, às vezes era um irmão, com o primo, com o tio, com amigo, se reuniam e estabeleciam fundar uma escola. E a escola servia de Centro Cultural também, porque ali eles queriam fazer teatro, iam fazer política, iam fazer uma vida social, educavam os filhos ali. Então, você tinha tudo que a legislação brasileira obriga, exige e mais hebraico, ídiche. Então, a minha filha estudou numa escola israelita em que o ídiche não é o forte, mas o hebraico é o forte. Então, ela sabe falar hebraico. Então, isso é importante.

NA - Isso ela aprendeu a falar nessa escola.

LR - Nessa escola. Aprendeu isso nessa escola.

NA - O seu pai teve algum cargo de direção?

LR - Tendo falar inglês não consigo, agora o ídiche falo melhor.

NA - O seu pai teve algum cargo na escola, ele dirigiu ou ele só organizou?

LR - Ele durante algumas gestões foi o presidente da comissão organizadora.

NA - Mas a escola era aberta a outros ou só pessoas do grupo?

LR - Não, não, aberta. Curioso, você, às vezes, encontra o não-judeu entrando, e ele entra normalmente. Ele está em formação, ele absorve tudo, até religião. Aí depois leva... Se em casa o caminho não é bem aquele, eu vou para Israel ou não vou para Israel? Se isto é um... Religiosamente eles imaginam que o povo vai se reunir um dia, todos lá, depois da Diáspora. Ficam alimentando essa ideia. Então, existe esse tipo de pensamento que não é, necessariamente, o pensamento de todos, mas o que eu estava dizendo?

NA - Das crianças, crianças às vezes não-judias, elas entram...

LR - É. Tem algumas que entram e...

NA - Depois aí ficam.

LR - E aí o que quê ocorre? O que você vai fazer? Vai se converter...

### **Fita 1 – Lado B**

NA - ...não judeus. Mas nessa época eram abertas?

LR - Elas eram fechadas.

NA - Essa do seu pai. Que nem as alemãs na época, meio...

LR - Eram fechadas mas, com o tempo isso vai desaparecendo. Quer dizer, se não tem pressões que obrigam à existência de medo...

NA - Ameaças, externas.

LR - Ameaças, isso vai abrindo. Se você vê, por exemplo, casamentos mistos, eu não sou um *expert* nesse assunto não, estou apenas dando mais ou menos o que eu percebo. Se você for observar casamentos mistos, hoje ocorre maior número do que numa Segunda Guerra Mundial, antes da fundação do Estado de Israel.

NA - Há maior integração.

LR - Inclusive, uma maior integração. Isso me parece uma tendência. Por mais que exista o lado religioso “não, não pode porque assim desaparece”. Parece que a síntese é essa: não pode porque senão desaparece, vai tender a desaparecer e nós não podemos desaparecer. Então, com esta ideia eu acho que... Com as aberturas que estão existindo, dos últimos anos, está havendo de tudo. Inclusive, eu estive há pouco no Estado de Israel, num congresso. Fui em agosto agora, então você vê um negro, você já viu judeu negro? Eu nunca vi, eu vi.

NA - Judeus negros, não, africanos.

LR - Os africanos eles estavam (inaudível)... foram descobertos, os etíopes...



NA - Os etíopes, houve uma emigração em massa porque estavam sendo perseguidos.

LR - ...não sei o que ligados a rainha de Sabat, então tem toda uma história aí... Como as coisas se passam tantos mil anos para isso, tantos mil anos para aquilo. Então, você vai encontrar um cara negro, com umas variantes na...

NA - Escrita?

LR - Nos dogmas, mas tem uma coisa comum: esses caras tiveram contato sim. Então eles (inaudível) nós, trás tudo para cá. Porque o Estado lá diz o seguinte: se ele quiser vir para cá ele se torna cidadão rapidamente. Eles têm interesse nisso e em consolidar o país. Só por isso, consolidar uma terra onde eles já existiram há tantos anos, eles querem continuar. Então você vê negro, assim. Então é um país como qualquer outro, uma mistura danada, árabes...

NA - Árabes para todos os lados.

LR – Então, é um troço. Quem gosta de história deve ficar apaixonado e vai ver o que aquilo significa e porque Deus resolveu fazer onda justamente lá, porque é um lugar tão árido, tão seco, que: “Pô, mas aqui? Poderia ir lá para o Brasil, lá é melhor”. (*RISOS*) “Tem mais planta, mais vegetação, mais sol. O sol daqui é escaldante, não tem água, tudo é problema. Por que ele veio parar aqui e fazer essa confusão toda?” Isso eu é que me pergunto lendo... Eles procuram, por exemplo, fazer a história de Jerusalém. Está comemorando 3000 anos agora. Aqui tinha mongol, isso foi possessão dos mongóis, depois romanos, depois portugueses, é impressionante. Então, uma curiosidade assim, eu fico penetrando. Mas o que eu queria dizer é o seguinte: onde o pessoal encontra certa tranquilidade, as pessoas ficam.

NA - E no Brasil o senhor acha que houve isso?

LR - Momentos, por influências.

NA - Mas fora o período da guerra, da Segunda, não houve uma perseguição, não só à colônia israelita, mas às outras nacionalidades porque este país é feito de várias nacionalidade, italianos, alemães.

LR - Nós estávamos vendo coisas interessantes, dinheiro italiano retido no Banco do Brasil, vocês acompanharam? Viram alguma coisa que O Globo andou divulgando?

NA - Semana passada, saiu.

LR - E parece que dos alemães também.

NA - Mas fora aquele período não houve assim, não é?

LR - Talvez determinados pontos, consta que na época, logo após a descoberta do Brasil, muitos judeus estavam por aqui, fugidos ou arranjanado serviço. “Terra nova, vamos para

lá, deve ser bom”, mas como não podiam aparecer com os nomes eles resolviam trocar os nomes.

WH - Os conhecidos como cristãos novos.

LR - Isso, muitos...

NA - Eu digo, depois da Segunda Guerra Mundial acho que não houve nenhum tipo de pressão política.

LR - Eu tenho a impressão... Não, não. O meu pai conta porque o Getulio Vargas tinha um irmão que não gostava muito dos judeus. Então, na rua em frente ao Palácio Guanabara... O Guanabara era o palácio da Presidência da República, residência, parece que o Getulio Vargas morou lá. Então, tem a Paissandu. Não podia ter judeu morando na Rua Paissandu.

NA - É mesmo?

LR - É, se não era um negócio baixado em Ata, publicado no Diário Oficial mas existia essa pressão para que isso não ocorresse. Provavelmente por influência de outros. Brasileiro normalmente não tem essa índole, ele absorve qualquer coisa, mas pelo que ele me conta também, o Brasil é melhor do que muitos países que existem aí. Não é a mesma coisa como a Argentina.

WH - A Argentina tem um movimento...

NA - Anti-semita.

LR - A Argentina é...

WH - Inclusive os militares, na época do...

LR - Muito forte, isso é influência que vem da Europa.

WH - Alemã. Agora, o Getúlio era simpatizante do nazismo, agora eu não sei se...

LR - Durante algum tempo....

WH - Mas não chegou a ter uma prática mais de perseguição aqui.

LR - Não, eu acho que não. Tirando assim uns lances de uma ou outra pessoa que foi ser muito ativa na política, que não agradava a eles, podia sofrer. A gente conhece aí alguns lances do Carlos Prestes, da esposa do Carlos Prestes, era judia.

NA - A Olga [Benário].

LR - E outros casos que tem aí.

NA - É, que a participação política nessas situações é muito complicada.

LR - Mas eu tenho a impressão que no governo Getúlio Vargas, a gente sabia que tinha o Dr. Horácio Lagos que foi Ministro da Fazenda. Horácio Lagos era de origem israelita. Um ou outro. Então, isso é relativo, a gente pode dizer, de uma maneira geral, que não existe. Às vezes, as influências para que ocorra alguma coisa vem de fora. São ideias que vem de fora, não é uma coisa que está aqui, é nossa, do Brasil. A comunidade, de uma maneira geral, procura mostrar isso sempre, a sua importância, a sua participação e evitar que o governo se enrede com coisas que façam segregações.

NA - O senhor é religioso?

LR - Não.

NA - O senhor não frequenta a sinagoga?

LR - Olha, eu vou, eu vou de vez em quando. Eu vou à sinagoga da ARI [Associação Religiosa Israelita] para assistir à cerimônia da entrada do sábado. Então, eles são reformistas e parece que atinge a gente mais facilmente. Então, a título de um repouso mental e até para atender a minha esposa e as minhas filhas eu acompanho, mas não, nem sei ler, sei muito pouco...

WH - É mais uma coisa cultural mesmo.

LR - Eu vou para descansar. Às vezes fico ouvindo órgão, assim como em Paris eu entro na catedral de Notre Dame, especialmente se vai começar uma missa. Eles vão tocar o órgão e eu vou lá ouvir.

WH - Que é uma beleza.

LR - Que é uma beleza. Então, me agrada. Eu assisti um concerto em alguma igreja. Paris, tem algumas que as abobodas ajudam a valorizar a música. Então a gente corre para assistir. Mas não sou assim religioso, embora a minha filha tenha casado lá com um rabino.

NA - Ah é? Ele não fica querendo levar o senhor não? Não faz preleção?

LR - Não, não. Agora, tem outros que acabam perdendo os filhos... Tenho aí uns parentes que... Jovens que se tornaram religiosos, ficam lá rezando, deixam crescer aquela barba.

NA - Se tornam ortodoxos.

LR - Se tornam ortodoxos e isso, sei lá, eu não gosto muito disso.

NA - O senhor nunca nem cultivou isso com as suas filhas.

LR - Não.

NA - Mas também o senhor não teve com a sua família.

LR - Elas são livres para escolher.

NA - Vamos voltar aqui para a ciência.

LR - Vamos voltar.

NA - Estamos falando da religião, a ciência é um outro pólo, ou não?

LR - Eu acho que é um outro pólo sim, embora eu tenha lido um artigo de um físico judeu que dirige um grande centro em Israel e já dirigiu nos Estados Unidos, mas eu achei que forçaram um pouco as opiniões dele. Querer justificar o livro religioso fundamental da religião judaica que é a Torá e o que está escrito ali querendo explicar tudo que está ali já... Eu não concordo muito, mesmo ele sendo um físico, provavelmente, numa expressão muitos anos luz na minha frente. Mas eu não concordei, eu acho que foi forçar um pouco para justificar que o livro está bem de acordo com o que a ciência vai descobrindo. Eu acho que esses livros são escritos por pessoas muito espertas, que falam de uma maneira muito geral de modo que tudo acontece e fica coberto por esse geral.

NA - É tão geral que tudo cabe ali, explica tudo.

LR - Explica tudo. (RISOS) Então, há uma diferença.

NA - Mas e aí, o senhor veio para cá em 63, início de 64, reabriu o Curso de Aplicação com o Rocha Lagoa e o senhor estava trabalhando no laboratório do Gobert na Susam.

WH - Era para desenvolver o que, particularmente?

NA - O senhor só chegou a falar um pouquinho sobre o projeto.

LR - O projeto estudava resistência de alguns tipos de Salmonella em águas de abastecimento da cidade. Existia algum tipo de preocupação do lado deles e eles queriam desenvolver um projeto nesse sentido. Na realidade esse projeto nunca saiu do papel.

NA - Ah é?

LR - Não conseguiram concretizar, todavia, eu já bem integrado com o Doutor Gobert Costa aqui, ele fez outras propostas de estudo que aí eu ingressei e daí eu estar trabalhando com um tipo de microorganismo desde lá.

NA - Pois é, o senhor podia contar um pouquinho disso.

LR - O Doutor Gobert, durante algum tempo, trabalhou com bactérias anaeróbias do gênero clostridium, ele queria implementar isso. Ele também desenvolveu estudos sobre pestes. Ele era, podíamos dizer, um especialista em peste, bactéria da peste bubônica. Ele escreveu um trabalho sobre isso, fez um livreto que ficou clássico durante muito tempo. Não existia muito conhecimento a respeito no país sobre a peste bubônica.

NA - Estranho, porque a peste era muito estudada, aqui não?

LR - Sim, nós temos um pavilhão aqui no Instituto...

WH - Antigo, desde Oswaldo Cruz.

LR - Hoje quem está nesse pavilhão, que não é mais pavilhão da peste, está lá o Dr. Lobato, tem o seu laboratório de malacologia lá. Mas, antes do Dr. Lobato aquele prédio ficou vazio algum tempo. Mas até a época pelo menos do Rocha Lagoa, tinha alguém trabalhando com bacilo pestoso lá. E o Gobert também desenvolveu alguns trabalhos e alguns ficaram clássicos no nosso país sobre enterobactérias. Alguns tipos de Salmonella foram estudados, diarreias infantis produzidas por algumas enterobactérias e ele implementou um laboratório que está até hoje aqui.

NA - É este laboratório?

LR - Você hoje tem um departamento. Com o tempo houve uma reorganização do que nós somos hoje, fundação. Nós temos a reorganização com unidades que tem internamente departamentos. Antigamente eram divisões, eram laboratórios que pertenciam a divisões.

WH - Esse laboratório pertencia a que divisão?

LR - Divisão de Microbiologia e Imunologia.

WH - Guilherme Lacorte era...

LR - José Guilherme Lacorte, de início bacteriologista e depois virologista. Chegou também a ser diretor da...

NA - Ele não foi chefe da divisão?

LR - Ele foi chefe, um dos chefes da divisão de Microbiologia e Imunologia. José Guilherme Lacorte.

WH - Agora, nessa época a divisão, e no caso o Gobert, ele estava envolvido com alguma produção de vacina quando o senhor entrou?

LR - Não sei. Quer dizer, como técnico que entende um pouco de Imunologia, entende da bactéria, entende da resposta imune, ele podia estar dando conselho, ele poderia ter os seus conhecimentos sendo utilizados aí por outros colegas, mas, me parece que ele fez o... Eu tenho a impressão que ele participou de grupos que andavam estudando o soro antigangrenoso. E ele deve ter assistido, e talvez participado, da construção do Pavilhão Rockefeller, nesse sentido, exatamente nessa posição onde Bio-Manguinhos está. Ali se fazia o soro antigangrenoso. O prédio foi construído por americanos, pela Fundação Rockefeller porque era uma maneira dos americanos estarem aqui participando. Havia a Segunda Guerra Mundial e esse tipo de soro era uma arma importante para evitar a gangrena que ocorria produzida por alguns clostridiuns que o Gobert queria estudar. Alguma coisa ele conhecia desse tipo de bactéria que cresce em lesões profundas que fazem a gangrena.

WH - Ferimento de guerra principalmente.

LR - Como uma das conseqüências tinha que amputar, e o Gobert conhecia um pouco de gangrena, inclusive a gangrena gasosa.

NA - Ele nunca participou do soro antipestoso, que é uma coisa também fabricada pelo Instituto?

LR - Aí eu não sei dizer.

NA - Porque é uma coisa antiga e fabricada até pouco, não sei se ainda continua.

LR - O antipestoso nós não estamos fazendo.

NA - Não, mas já fez muito.

LR - Já , há muitos anos não se faz mais.

NA - Mas aí o senhor estava trabalhando com ele e ficou nessa linha dele.

LR - Exato. Ele então sugeriu trabalhar um pouco com clostridium mas pediu para que, antes de eu começar a manusear essas bactérias anaeróbias, que tem a capacidade de expor no ar e que não crescem na presença de oxigênio, no ar, por isso nós a chamamos de anaeróbias ou anaeróbicas, eu trabalhasse com um outro grupo que é aeróbico e cresce na presença do ar e faz também esporos para eu me habituar, com a qual que eu gostei dessas bactérias e não larguei mais.

NA - As aeróbicas?

LR - As aeróbicas, nós estamos até hoje e elas pertencem ao gênero *bacillus* e esse gênero tem várias espécies que podem ter interesse industrial, podem trazer benefícios. A gente pode explorar isso, não ficar preocupado que elas possam trazer doenças para o homem. São poucas espécies que trazem doenças e agora, essas que produzem, que são inimigas naturais de insetos e que a gente pode aproveitar essa propriedade para usá-las como princípios ativos de inseticidas contra esses insetos. Então, isso ocupa bastante, aí tem um grupo jovem aqui.

NA - Eu acabei de ver.

LR - Desde Engenheiros Químicos a Biólogos e até jovens do Joaquim Venâncio, estão pegando o gostinho pela coisa. Parece que tem um aí com um gosto grande, está todo dia aí olhando no microscópio. Ele já deve estar fazendo aquela outra fase, que já não é mais de fazer um estágio uma vez a cada quinta-feira, mas ele vem aqui todo dia. Já deram um trabalho para ver o que acontece quando uma dada bactéria que mata a mosca negra, que é o borrachudo, também conhecida dessa maneira, o que acontece quando essa bactéria fica lá dentro da larva que foi morta pela toxina da bactéria. Então, a gente está querendo ver a reprodução bacteriana e outros acidentes que possa observar. Então, tem uma colega que está ajudando a orientar e é colega, colega feminina, porque o espírito materno entra em jogo então, dá um carinho especial ao Rodrigo.

NA - O senhor tem paciência com eles?

LR - Tenho, tem que ter, senão não dá (RISOS)

WH - Porque eles são bem jovens.

LR - São bastante jovens, tem que segurar, orientar.

NA - O senhor gosta dessa área da docência?

LR - Olha, eu sou professor aposentado da Federal Fluminense.

NA - Que a parte dessa história da pesquisa tem o lado do ensino.

LR - Isso.

NA - O senhor começou a dar aula quando?

LR - Enquanto eu estagiava no Instituto Oswaldo Cruz, a gente não sabia qual seria o futuro. Mas, profissionalmente existiam concursos públicos e eu me candidatei a vários concursos públicos. Fui entrando e um deles foi para o Estado. O Estado do Rio de Janeiro fez um *big* concurso na época do Carlos Lacerda para repovoar de farmacêuticos os hospitais do Estado, para fortificar essa área da Farmácia Hospitalar importante. Às vezes a gente não ouve, mas a Medicina, a Enfermagem, a Farmácia, a Psicologia são importantes a um hospital. Então ele repovoou. Quer dizer, houve um grupo planejando. Ele aceitou tudo isso, esse planejamento e repovoou. E fez concurso público para fulano ser estatutário, ao nível de profissional do Estado. E eu entrei com um grupo. Fui para um laboratório chamado Laboratório Estadual de Produtos Farmacêuticos e Biológicos e a destinação desse laboratório era produzir medicamentos para os hospitais do Estado. Ao mesmo tempo, existia o Instituto Vital Brazil que depois englobou esse laboratório que desapareceu. Eu acho uma pena. Mas nesse laboratório, nós estávamos, na realidade substituindo uma geração que não preparou a geração subsequente. Então, ele entra em decadência. Normalmente o órgão entra em decadência, faz um lapso de tempo. Se ninguém apaga, tira ele do mapa até que alguém observa que ele é importante e há um lapso de tempo que não se faz nada. Então, nós entramos, digamos, terminando com esse lapso de tempo. Houve um repovoamento de técnicos neste laboratório e ele voltou a produzir medicamentos. Ele produzia, por exemplo, desde comprimidos de importância para os ambulatórios e hospitais até pomadas, anti-helmínticos, complexos vitamínicos. Eu fazia produto biológico. Aquele laboratório chegou a fazer toxóide diftérico, toxóide tetânico. Tinha gente muito competente fazendo, mas com o tempo aquilo foi deteriorando, vai parando, desapareceu.

NA - Quando o senhor entrou? O senhor lembra quando o senhor fez o concurso?

LR - Eu entrei lá... assim na altura de 64, 65.

NA - Nessa mesma época que o senhor veio para cá.

LR - Eu trabalhava lá de manhã e à tarde eu vinha para cá. Com o tempo eu larguei o Estado e passei a fazer tempo integral aqui, eu pedi demissão.

NA - Ah, o senhor pediu demissão do laboratório?

LR - E vim fazer tempo integral aqui.

NA - Mas aí o senhor foi contratado pelo Instituto.

LR - Mas quando eu larguei lá eu fui convidado a lecionar na Universidade Federal Fluminense que estava surgindo. Ela estava sendo federalizada e para as suas diferentes unidades havia uma corrida para pegar professores, para começar a compor os quadros. Os quadros já existiam em parte, mas também, muitos estavam se aposentando. A universidade estava surgindo, então era preciso... Surgiram novas disciplinas e era preciso então povoar de professores. Então, eu entrei para lá, primeiro contratado, depois houve concurso para garantir o meu futuro.

NA - Para que faculdade o senhor foi?

LR - Eu fui para a faculdade de Farmácia, me convidaram para montar a disciplina de Enzimologia e Tecnologia das Fermentações. Essa disciplina existe até hoje. Parte do corpo de professores da disciplina é constituída por ex-alunos meus. Então, eles estão continuando com o trabalho e, logicamente, eu fico todo prosa com isso.

NA - (RISOS) Orgulhoso, não é, Dr. Leon. Mas o senhor não está dando mais aula?

LR - Não, me aposentei nessa corrida que houve.

NA - Agora, este ano?

LR – Em janeiro de 95 saiu a minha aposentadoria. Em dezembro havia um pavor no corpo de professores da universidade. Eu vi que muitos estavam se aposentando. As professoras saíam com 25 anos. Havia o risco delas perderem isso, elas não queriam perder, então saíram, imaginando até que iam arranjar... Queriam garantir aquela situação. Eu acompanhei, vendo as notícias, as notícias: “Vão tirar isso, e vão fazer aquilo”. E iam fazer mesmo. A gente vê hoje que se não fizeram tudo é porque houve pressões contrárias que sustentaram a situação mas iriam fazer mesmo. A gente já tinha sofrido muito. Sentia ao longo da carreira de magistério que faziam pressões no sentido de querer privatizar a universidade. Houve pressões assim que a gente deveria fazer quatro turmas por ano. A cada três meses devíamos produzir um... Dar a disciplina em três meses. Uns absurdos, porque a prática mostrava que seria impossível. Então, o pavor veio chegando. Eu entrei nesse bolo, eu disse: “Bom, eu vou deixar a faculdade, não vou todo dia em Niterói e vou continuar em Manguinhos”.

NA - Mas é lamentável isso, Dr. Leon, para a universidade.

LR - Eu acho que sim, porque vai ficar um lapso lá durante muito tempo, até o pessoal aprender, vai levar tempo. Então esse lapso deixa um prejuízo.



NA - Um prejuízo de pessoas como o senhor em plena atividade intelectual. A universidade precisa de muita gente que saiu.

LR - Muita gente saiu, não me lembro quantos.

NA - Não só aqui na UFF, em várias universidades do Brasil.

LR - Muitos colegas se aposentaram, foi uma corrida muito grande. Interessante, que a gente percebeu que o processo de aposentadoria também foi muito rápido. Eu soube que puseram funcionários para trabalhar sábado e domingo. Então, mostra-se que pode se aposentar em 30 dias ou menos, se você quiser. Você vê, em 30 dias o meu processo estava publicado no Diário Oficial. Então, mostra que havia mesmo alguma determinação. Eu não sei se era o corpo administrativo querendo ajudar o professor ou se havia realmente uma determinação para facilitar essa saída.

NA - Agora, vamos voltar lá para trás um pouquinho. Eu fiquei curiosa, o senhor falou que fez o concurso para o laboratório em 64. Aí foi para a UFF, e continuou aqui. Mas o senhor foi contratado aqui quando? Contratado mesmo, não mais com bolsa do CNPq.

LR - Aqui nós ficamos...

NA - Foi antes de 70?

LR - ...durante uns anos como bolsistas mas...

NA - Porque a situação aqui era precária.

LR - Precária.

NA - O senhor não tinha um salário? Não tinha contrato de trabalho, o senhor tinha uma bolsa?

LR - Nós tínhamos algum tipo de remuneração que nós chamávamos de bolsa. Essa remuneração poderia ser dada pelo próprio Instituto Oswaldo Cruz. O diretor conseguia com o Ministro alguma verba e aplicava essa verba naquilo. Hoje nós fazemos isso, não é novidade, hoje nós temos isso aí, se é Papes ou... Está funcionando dessa maneira, mas naquela época, nós nos auto-denominávamos "recibados", assinávamos sete vias de um recibo, uma pilha de papel, assinando mensalmente aquilo. Assinando também um documento dizendo que nós jamais reivindicaríamos qualquer coisa. É uma segurança da Instituição. Eu acho isso lógico, nós nunca reivindicaríamos nada, não tínhamos direito a nada.

NA - Férias, nada disso o senhor tinha?

LR - Não.

NA - E nem reivindicaria nada de Legislação Trabalhista, seus direitos trabalhistas.

LR - Não, não, você tinha um papel assinado. Se vale ou não vale eu não sei, mas tínhamos um papel assinado de posse da administração.

WH - Nessa época entrou muita gente assim, na mesma situação que o senhor? Inclusive, para trabalhar como Gobert nesse projeto ou foi pouca gente?

LR - Deixe me ver. Pouco antes mais ou menos de eu entrar, ocorreu algo mais ou menos desse tipo: o Instituto Oswaldo Cruz tinha bolsistas. No Ministério da Saúde, em alguns órgãos, existiam bolsistas, por exemplo, no Instituto Nacional do Câncer, que é também do Ministério há muitos anos. Então, quem pode às vezes dar detalhes mais ricos pode ser o Dr. José Joubert, o irmão dele Pedro Jourbert...

NA - Ele é dessa época, não é?

LR - É, o então, o Hermann Schatzmayr...

### **Fita 2 – Lado A**

LR - ...se não me engano assinado pelo João Goulart.

NA - Então, vamos só repetir porque....

WH - Dr. Hermann também, né?

LR – Dr. Hermann também.

NA - O Pedro e o José Joubert entraram no IOC através desse ato.

LR - Exato. A Dra. Ana Cohn, a esposa do Dr. Hermann Schatzmayr, Dra. Mônica Barth. Deixa eu ver, tinha a Noema Grinberg, foi para o câncer e hoje parece que ela está na Universidade Rural e outros colegas mais. Ah, deixa ver se ainda tem...

WH - Delir também entrou nessa época?

LR - Delir também.

WH - Luiz Fernando Ferreira, um grupo...

LR - Luiz Fernando eu não me lembro...

NA - Ele trabalhava com...

LR - Luis Fernando eu não sei se é desse momento.

WH - Não, a Delir é que trabalhava com o Dr. Lauro Travassos.

LR - Exato, exatamente, o Luiz Fernando eu não sei, porque, veja bem, o Luiz era da Escola Nacional de Saúde Pública. A Escola, ali ainda não era a Fiocruz, a Escola estava ali no Fernandes Figueira e depois ela veio para cá. Houve um momento em que se

construiu o prédio aqui e não era uma única coisa, os órgãos eram do Ministério da Saúde mas não integravam ainda a Fundação.

WH - Só em 70 que virou Fundação.

LR - Por aí. Então, a Leonor Laura, de casada era Leon, que está na Imunologia, ela também, provavelmente tem uma história interessante para contar e o Silvio Celso Gonçalves da Costa, também é desta época.

NA - Essas pessoas, foi um grupo que entrou antes...

LR - Parte de um grupo...

NA - Tem mais gente?

LR - E deixa eu ver mais o seguinte, este grupo está aqui até hoje, porque parte dele saiu daqui, foi para outros lugares por algum motivo, até por pressão de saída. Então, alguns que deixaram aqui a instituição com esse negócio de que você hoje é estatutário, amanhã é celetista, você é celetista depois volta para estatutário e obriga... Esse negócio de dizer que não obriga, a situação obriga. Há um momento que, no mínimo veladamente, você está sendo expulso. Ou você se agarra com unhas dentes a isso aqui e consegue se prender ou então você é lançado para outro lugar. Então, alguns foram para o Instituto Nacional do Câncer como melhor alternativa e alguns saíram deste grupo que nós estamos falando. Bom, então esse grupo era a estagiária que... Tinha também a Dra. Pedrina Cunha de Oliveira. Esse grupo foi colocado como biólogo, se não me engano e assim ficaram fixados aqui. E desde essa época que eu percebi - agora nós tivemos concurso público - mas, de lá até aqui não havia nada, tudo ingressava, se prendia de alguma maneira e aguardava a fixação por parte de algum ato legal, que fosse considerado legal para fixar esse pessoal.

NA - Esse grupo entrou na administração do Rocha Lagoa?

LR - Entrou... Não, espera aí, deixa eu te dizer...

WH - Ainda era Joaquim...

LR - Não! Antes, Joaquim Travassos...

NA - O senhor falou que era um ato do João Goulart.

LR - Exatamente. Foi em alguma coisa, um ato do congresso. O pessoal, logicamente cavava uma situação, uma fixação, alguma coisa assim e ela veio desta maneira.

NA - Mas o Instituto tinha um corpo pequeno de pesquisadores, não é? Chamava biólogo na época, não chamava pesquisador.

LR - Tinha, tinha.

NA - Era um corpo razoavelmente pequeno.

LR - Isso.

NA - O senhor tem idéia assim do número de pessoas que existiam nesse momento, em 63, 64 quando o senhor chegou?

LR - Não tenho idéia não. Eu acho que se eu falar alguma coisa eu vou estar errado. Não tenho idéia, 50, 60, 100 mais...

NA - O senhor não tem idéia.

WH - É, mas tem esse período...

LR - Poderia não ser mais do que isso. Eu vou dar um número grande que talvez não pudesse ser suplantado, 150 pessoas desde o capinador até o diretor.

WH - E tem um período também...

LR - Capinador é aquele que apanhava o capim e levava para o biotério, alimentar os animais.

WH - Nesse período também, Dr. Leon, é um período que por conta dessas pressões, inclusive de CLT, estatutário, até por conta da situação política na época, sobem os militares. O IOC, não sei se o senhor pegou, é uma pergunta que eu queria lhe fazer, ele vai mingando em termo de pesquisadores, de biólogos, não?

LR - Não sei se é exatamente isso que você está querendo saber mas, nós entramos num processo de declínio, viramos Instituto Oswaldo Cruz... Deixa eu ver... Não, já Fundação me parece, quando administrava Oswaldo Costa que vinha da Escola de Saúde Pública, então nós entramos num processo... Havia, me parece, um desinteresse governamental em cima da Fundação, ou ela sofria um desinteresse. O Instituto em si, isso eu costumo comentar muito com os colegas, ontem mesmo eu estava comentando isso com o Paulo Buss, conversando com ele aí, quando falavam de eleição. Então, eu lembrava isso a ele, como lembro aí para outros, que o Instituto Oswaldo Cruz tinha um mandato universitário, a qualidade do povo científico daqui, da casa era muito elevada e comparável, sem qualquer exagero, ao que existia na própria Universidade do Brasil. Aí houve um ato, me parece, do colegiado, da congregação ou do Conselho Universitário da universidade, um reconhecimento que o Instituto Oswaldo Cruz poderia ter um mandato universitário. E os biólogos, depois de uns 25 anos como tal, teriam as prerrogativas de um cargo de um professor catedrático, na época era essa denominação. Então, isso era algo extremamente honorífico para a instituição. Isso acabou com o tempo, isso parece que acabou, não sei se por um ato governamental ou por um esquecimento.

WH - Mudou a estrutura universitária em 68.

LR - Exato, também pode ter colaborado para que isso não ficasse assim, dessa maneira. Para você ser um titular você tem que dar umas provas especiais que você tem condições para isso, pode ser, pode ser.

NA - O senhor não está lembrado da data, quando o senhor entrou já existia isso? Existia o mandato...

LR - Esse mandato existia, eu cheguei a ver, se tiver guardado esses documentos, eu cheguei a ter essa... Ou era um decreto, um decreto-lei, algo assim que conferia esse mandato. Era oficial e cheguei a ver uma listagem com nome desse pessoal aí, biólogo, não sei, alguns que, fazendo esses 25 anos ganhavam... eram catedráticos.

NA - Mas isso significava, por exemplo, que os alunos da Universidade do Brasil podiam vir para cá ou os professores darem aula lá ou não? Ou era só um reconhecimento da universidade?

LR - Eu acho que extra-oficialmente isso ocorria, não sei, mas eu vou arriscar dizer que uma pessoa com quilate do Dr. Haity Moussatché ser convidado para dar aula na UFRJ, ou então o Dr. Domingos [Arthur Machado] da parasitologia dar aula na Rural. Isso não devia de ser anormal, era perfeitamente normal e até se tornar quase que, obviamente, um professor da universidade, porque era gente que tinha um... Hoje estamos formando outros, mantendo os quilates, mas gente daquele quilate não podia ser desprezada normalmente. Então, era normal você ter essa união, alunos que vinham estagiar aqui, tentar fazer carreira aqui, era perfeitamente normal e você deve encontrar aí. Eu não estou me lembrando assim quem, vinha muita gente aí.

NA - Quais eram as chances, por exemplo, quando o senhor sai da universidade com 22 anos, 21 anos?

LR - É, por aí, no máximo.

NA - Quais eram as chances que o senhor tinha, assim opções de carreira profissional que o senhor tinha nessa época?

LR - Ah bom, ela existe.

NA - Pois é, fala para gente. Além da carreira de pesquisa o senhor teria o que?

LR - Como farmacêutico químico, nós poderíamos trabalhar na área de alimentos, pesquisa ou produção...

NA - Indústria.

LR - Indústria. Poderia trabalhar em algum órgão do governo fazendo controle de qualidade como o Instituto Noel Nutels. Você vai encontrar um monte de farmacêuticos lá ou ir para uma empresa privada, vai para uma Nutrícia, uma Nestlé.

NA - É amplo o campo de trabalho, não é, doutor?

LR - ...ou então você vai para uma indústria farmacêutica para produzir o medicamento. Não para produzir o princípio ativo, que é uma coisa que ainda não temos. E, parece, se eu não tiver muito errado, que nós estamos cometendo um retrocesso como país que luta para, digamos assim, se tornar independente ou mais independente, ou seja, quando ele

começa a fazer internamente tudo. Como isso é impossível, então, quase tudo. Então, o que eu quero dizer com isso, eu poderia ir produzir antibióticos, produzir antibióticos não é fazer o comprimido ou fazer a cápsula, é produzir a matéria-prima, produzir o princípio ativo. Então, o Brasil estava fazendo até... O Governo do Presidente Collor de Melo estava fazendo antibiótico. Ou seja, existiam técnicos brasileiros que entravam na empresa, iam trabalhar de manhã e davam continuidade a um trabalho que estava ocorrendo ali. Os reatores estavam funcionando, os meios de cultura multiplicando microorganismo, e depois, excretando antibiótico e outros sabiam como tirar o antibiótico desse meio de cultura, purificando, cristalizando e levando até a condição de ser aplicado no corpo humano ou animal. Então, este conhecimento desapareceu, provavelmente poucos no Brasil sabem fazer hoje penicilina, estreptomicina, clorofenicol.

NA - Mas por que isso?

LR - Porque ficou interessante para essas empresas de capital estrangeiro não mais produzir isso aqui porque saía caro.

WH - Estranho, saía caro?

LR - Assim como a Fundação Oswaldo Cruz, com órgãos como Bio-Manguinhos hoje, que ficou a cargo dele produzir os chamados imunobiológicos, outrora chamados de vacina, hoje imunobiológicos. Fermentação alcoólica hoje é chamada biotecnologia, é muito mais bonito.

NA - É milenar.

LR - Então, o *know how* de produção de vacina contra a febre amarela, ainda tem alguma coisa ali mas não sei como está isso hoje. Eu não sei como é que está, eu não sei como é que eles estão.

NA - Está mal, o senhor sabe que está mal.

LR - Não sei como está a questão, porque o pessoal que sabia fazer foi saindo e não deixa a prole com conhecimento no mesmo nível e com os mesmos procedimentos que envolvem. Hoje se fala muito em biossegurança aqui.

NA - Hoje de manhã eu estive em um seminário, eu lhe falei.

LR - ...muito biossegurança, mas eu vejo muita gente falar em biossegurança que não pratica biossegurança. Porque se eu entrar no laboratório dessas pessoas, eles não estão fazendo o que falam, com honrosas exceções.

NA - Procedimentos mínimos.

LR - Procedimentos mínimos e depois conhecimentos técnicos científicos. A fábrica de vacina de febre amarela, no meu entender, era um brinco, era um exemplo.

NA - A deixada pela Rockefeller?

LR - Não essa aqui, a ali perto da casa amarela.

NA - Ah sei, não era na casa amarela que funcionava?

LR - Na casa amarela fazia-se a antivariólica.

WH - Com o Dr. Fonseca da Cunha.

LR - Exato. Fonseca da Cunha foi meu professor. Quando fiz o curso, ele deu aula de varíola e, por extensão, até a produção da vacina. Então, nós fomos aprender com ele como se fazia a vacina.

WH - Ele é responsável pelo Brasil todo.

LR - Ele é responsável. Então, suponha que ele falte e que nós precisemos desse conhecimento, e que eu não possa fazer isso em fermentadores? E que tenha que fazer no dorso do vitelo? Não sei se vamos rapidamente desenvolver isso. Você sabe como nós vivemos, não é? O avião da TAM tem que cair, mata 102 aí a gente vai pensar o que tem que fazer, as prevenções, não é isso? Nós vamos deixar morrer bastante gente no trânsito, então parar para pensar... Então, preventivamente nós não vamos fazer nada. Eles não, eram pessoas que, mesmo que a gente não fosse nenhum Estados Unidos, nem França, sei lá que outro país mais desenvolvido, o conhecimento que essa gente tinha acumulado e o que eles praticavam era uma segurança. Quando muda a geração anula-se isso como se: “Olha, aqui só tem beócios, idiotas”. então é preciso: “Ah, não faz mais na garrafinha de Roux não, vamos fazer com o fermentador porque eu aprendi na faculdade”. Então pensa que é só falando que vai resolver e não é. Então, isso é muito perigoso, porque tem vários níveis de aprofundamento, inclusive estratégico. O Instituto Oswaldo Cruz tinha um mandato universitário mas tinha uma outra prerrogativa que eu não sei como está hoje. Ele, num conjunto de órgãos de segurança nacional, se você se vê como nação... Não precisa também ficar pensando só nisso mas, de vez em quando é preciso pensar, como nação. Se você precisa recorrer a situações de acudir a população rapidamente, este era um órgão que poderia dar tipos de respostas. Difteria, tétano, antiamarílica, antivariólica, antitifoídica, entende. O corpo de pesquisadores poderia, rapidamente, dar soluções, mesmo que não fossem as mais americanas, mas que dariam para garantir a saúde.

WH - Você tinha um conhecimento para isso.

LR - Pois é, eles tinham um jogo de cintura, não estamos falando de perfeição mas era uma realidade.

NA - Era um corpo técnico eficiente.

LR - Que o governo poderia mobilizar, digamos, o presidente chama o diretor e o Ministro: “O que nós vamos fazer, temos que fazer isso agora assim, assim, assim, então bota essa turma para fazer”.

NA - Isso desapareceu quando, na sua opinião?

LR – Ah, assim...

NA - O senhor acha que tem algum momento em que isso começou a desaparecer? Esse tipo de eficiência, quando foi isso? O senhor tem alguma ideia?

LR - Olha, eu acho, em princípio que foi quando democratizou demais. Porque, ao lado da gente xingar um Rocha Lagoa, quando encontrava comigo no elevador: “Leon! Como é que vão as pesquisas?” Eu dizia: “Vão bem, senhor diretor, vão bem” (RISOS) Era uma pessoa que fez o que fez, mas tem que haver um pouco de hierarquia, um pouco de organização, um pouco de medo, um pouco de obediência.

NA - Autoridade.

LR - Na organização tem que ter autoridade, tem que ter os diferentes níveis... Meu diretor pulou, mas ele mandou. Não vou botar a minha cabeça no trilho do bonde, mas ele me mandou tenho que fazer. Não é todo mundo dizer: “Meu diretor está louco. Eu vou se eu quero, faço se acho que devo fazer”. Não, isso não, isso ajuda a desorganizar. Então, acho que foi mais ou menos numa época como essa. Muita liberalidade, eu diria já licenciosidade, não pode existir. Em uma missão nós temos que ser mobilizados repentinamente, ou não. Senão, tudo bem. Mas, se o governo que nos paga e confia muita coisa para gente, eu sinto isso, eu agradeço muito ao governo porque eu acho que ele tem um grau de confiança muito grande. Quando ele está me dando isso aqui, um dinheiro da nação, ele está me dando um alto grau de confiança. Ele deu lá para o presidente, que dá para o diretor e faz chegar até a gente. Então, isso é extremamente importante, mas eu não posso também fazer picaretagem, com licença da má palavra, ou abandonar isso. Eu tenho a impressão que nós estamos muito soltos, graças a Deus não está acontecendo nada de ruim. Então, o Exército tinha mandado gente, os oficiais, saber o que nós fazemos.

NA - Ah é? O regime militar?

LR - Lógico.

NA - Durante o regime militar?

LR - Lógico. Quer dizer, você pode ter vários aspectos aí: “Ah, está ligado ao militar, militarismo”. Não, o corpo de oficiais, sobretudo o pessoal da área de saúde, médicos, veterinários, farmacêuticos, dentistas...

NA - Eles tem instituto, eles tem instituto de pesquisa.

LR - Eles têm, eles têm.

NA - Eu não sei se na área biomédica, eu sei que na Marinha tem até hoje.

LR - Você tem o Instituto de Biologia aqui perto, do Exército.

NA - Biologia Marinha.



LR - Que presta vários tipos de serviços. Inclusive tem algo de pesquisa lá e congrega veterinários, farmacêuticos, médicos, dentistas, enfermeiros. No caso de uma situação, que a gente não precise saber disso, mas também a gente não sabe o que o vizinho está pensando, então, você tem que ficar mais ou menos preparado para qualquer coisa. Então, eles sabem para onde recorrer. Porque, às vezes, o presidente da República está lá em cima contando as suas vantagens e não sabe exatamente o que ele tem.

WH - Eu ia lhe fazer uma pergunta.

LR - Então ele vai perguntar ao ministro, vai perguntar ao coronel: “Claro, é lá, é o Instituto Oswaldo Cruz. Então tem que fazer tantos milhões de vacina, tem que fazer diagnóstico rápido de algum problema sério”.

NA - O senhor quer dizer que durante o regime...

LR - Tem um instituto, logicamente, São Paulo tem o Biológico, tem o Butantan.

NA - Sim, tem outros, Vital Brazil, mas durante o regime militar, o senhor disse o seguinte, o que eu estou entendendo: criou-se uma confiança, uma credibilidade no instituto por parte dos militares é isso? Até porque eles vinham saber o que estava sendo feito.

LR - Até por necessidade de saber onde eles podiam recorrer para coisas que não são do conhecimento deles.

NA - Mas os oficiais que vinham visitar eram oficiais pesquisadores ou pessoas...?

LR - Não sei, pode ser que sim.

NA - Isso chegou a acontecer no seu laboratório?

LR - De ele vir?

NA - É.

LR - Ah sim, claro. Às vezes dávamos aula de uma semana. Não tem o negócio de guerra bacteriológica?

WH - Eles vinham fazer os cursos também.

LR - Guerra biológica ou guerra bacteriológica. Eles queriam saber o que é isso. Onde é que está, se tem alguma idéia de bacteriologia. Os profissionais das Forças Armadas têm uma idéia, pela natureza da sua formação, mas algumas das particularidades não são do dia-a-dia deles. Então, eles vinham até aqui.

WH - Eles vinham fazer curso também, o Curso de Aplicação?

LR - Vinham.

WH - Eu ia lhe perguntar, Dr. Leon, o senhor estava falando um tema interessante, essa perda virtual da relação dos cientistas, dos pesquisadores, dos técnicos do instituto com demandas da área de saúde, de responder a certas questões prementes. Eu ia lhe perguntar, o senhor acha, na sua avaliação hoje, que a formação... Quer dizer, o senhor falou da questão da democracia demais, da falta de uma autoridade. A formação do pesquisador hoje dá a ele capacidade para também responder a isso ou hoje não existe essa preocupação, digamos assim, dentro da própria formação, da própria carreira do pesquisador? Hoje, isso foi se perdendo ou não?

LR - Eu não sei se eu peguei toda a tua, me parece que eu perdi algum ponto.

NA - Ela está perguntando se estes vínculos com a saúde pública hoje ainda existem.

WH - Tinha na época. Isso que eu estou perguntando, do pesquisador, na formação dele.

LR - Em alguns, talvez não em todos.

NA - Isso era mais forte no passado.

LR - Era.

WH - É isso que eu estou lhe perguntando. Porque hoje a gente...

LR - Era mais forte no passado. Hoje, talvez, pela natureza da ciência o leque que se abriu de opções para você investigar é tão grande que, às vezes, o cara se perde. Então, nós temos colegas aqui que devem ser brilhantes e vão cada vez mais se tornar brilhantes. Mas tem alguns que fazem toda uma linha voltada para uma pesquisa que não deve ter uma aplicação imediata. Eu sou partidário de uma aplicação imediata, sem prejudicar quem quer apenas ficar especulando, encontrar novidades que serão novidades mas que não vão trazer um retorno imediato. Por que eu digo isso? Porque como empregado do governo, tenho que responder mais rapidamente a ele. Ao invés de eu ficar fazendo política do PT, não sei o quê, eu prefiro dar uma resposta mais imediata dessa maneira. Eu vou pegar o que eu... Por exemplo, por que a gente está fazendo inseticida biológico? Porque isso foi percebido uma vez quando eu estava na França, que tinha uma bactéria que matava: “Ah, vamos falar com fulano que está trabalhando com doença de Chagas para ver como é que a gente pode arquitetar isso. Para ver se ele bloqueia o desenvolvimento do barbeiro. A gente corta o ciclo da doença ali no vetor”. Aí então, começamos a fazer contatos, entende? Agora, eu não vou ficar pegando essa bactéria. Nós temos isso também ocorrendo aqui no laboratório de biologia molecular: “Vamos ver qual é o peso molecular dessa proteína, vamos comparar essa bactéria com aquela outra, vamos tentar fazer um vetor de clonagem de um gene para botar na bactéria”. Isso nós temos que desenvolver porque não podemos ficar leigos. Agora, nós temos uma área importante que é desenvolvimento de processo de produção de um inseticida que possa ser utilizado pelo Ministério da Saúde e nós chegamos a isso. O resto não é culpa nossa. Se isso não está industrializado ou se o Ministério não está usando é porque ele não quer, porque ele não se interessa. Os seus componentes não estão achando isso importante, deixa o Leon ficar falando lá sozinho, não importa.

WH - Agora, interessante Dr. Leon, o senhor enquanto...

LR - Deixa eu mostrar uma coisa a vocês. Isso é um fax que chegou hoje da Secretaria de Saúde do Meio Ambiente.

NA - Do Rio Grande do Sul?

LR - Rio Grande do Sul, nós temos contato com vários colegas. Nós temos nosso grupo e colaboradores. Como é um grupo muito grande, eles pegam um monte de gente de diferentes áreas. Por exemplo, bacteriologistas, não-bacteriologistas...

NA - É amplo.

LR - É amplo, é multifacetado em termos de ter necessidade de contar com profissionais de diferentes áreas. Então, aqui eu estou falando com médicos veterinários mas que se dedicam ao controle de vetores na secretaria de Saúde e Meio Ambiente lá no Rio Grande do Sul. Eles conhecem o que a gente está fazendo, tem confiança. Então, resolveram experimentar o produto que nasceu de um acordo de cooperação entre a Fiocruz e uma empresa privada, que por sua vez também não está investindo como ela vinha investindo.

WH - Esse produto que o senhor desenvolveu?

LR - É, que o grupo desenvolveu.

NA - Eu queria que o senhor contasse para nós. Depois o senhor vai contar com o que está na sua área.

LR - Então, esse fax está dizendo o seguinte: “Olha, eles fizeram um teste, duas baterias de teste. Nos dois testes realizados o produto que tem esse nome aqui, esse nome está sendo registrado e esse é o produto que nasceu aqui dentro com o acordo de cooperação da Fiocruz com esta empresa. Apresentou eficiência matando 95% das larvas de simulídeos, borrachudos”. É um estado que usa, primordialmente, um controle dito biológico, secundariamente controle químico que não pode também ser abandonado. A gente chama isso tudo de controle integrado, químico, biológico mas talvez mais biológico porque o químico tem alguns problemas que vão sendo cada vez mais evidenciados. Então, diz o seguinte: os dois testes foram realizados no município de Barão, Arroio de Canoas. A descrição do teste é a seguinte: primeiro teste, eles usaram o produto, a quantidade dele, 171 gramas do produto, isso representando, na vazão de um rio, onde esse inseto se procria. Eles usaram uma concentração de 20 partes por milhão. Eles alcançaram isso aplicando somente 171 gramas desse chamado concentrado emulsionado que a gente prepara aqui e conseguiram eliminar 95% das larvas.

NA - Foi num rio isso?

LR - 500 metros, jogou aqui, 500 metros na frente 95% das larvas estavam mortas.

NA - Nossa, que eficiente!

LR - Logicamente também não se procura matar 100%, porque o inseto tem a sua utilidade, isso se fala controle.

WH - Ia até lhe perguntar, que é um problema do controle biológico, bacteriano assim, é um desequilíbrio que ele pode causar ecológico, então tem esse lado também.

NA - Mais o químico, tem o químico também.

LR - Bom, isso é a guerra. Eu sou interessado no químico, sou especialista, sou produtor, sou vendedor, você é o biológico, você vai dizer o seguinte: “Olha, o biológico tem uma ação estreita. Ele objetiva insetos alvos, não pega todos. Então isso é desejável”. Por outro lado ele desaparece rapidamente, não acumula na natureza.

NA – É degradável rapidamente.

LR - Então, você tem que aplicar de novo, é um item de segurança mas é tido também como item de desqualificação. Eu quero aplicar uma vez, se eu tiver que ficar aplicando vai sair caro. Então a desculpa do cara vem sendo a aplicação.

NA - Porque abre a brecha para o químico entrar.

LR - Mas senão a gente não precisaria ter nem saúde oficial. Porque saúde é caro e o governo tem que dar. É constitucional. Então, eu acho que se você paga caro para controlar o vetor e que, comparativamente... Aí entra o negócio de custo e benefícios, é um monte de troço mas, se você consegue...

NA - Ele é mais caro que o químico.

LR - Ele é mais caro hoje e pode ir barateando. É porque você não tem tanto químico, você tem tanto... Está mais consagrado.

WH - Tecnicamente mais desenvolvido

LR - Porém não é o espectro de ação maior. Você pega o alvo e o não alvo.

NA - Mata tudo que quer e o que não quer.

WH - É, e é uma questão que hoje com toda essa discussão ecológica ela surge, ela aparece.

LR - Isso aí ajuda o biológico.

WH - Exatamente.

LR - Mas o pessoal do biológico sabe que só o biológico não resolve. Você tem coisas que o biológico, situações que não dá para aplicá-lo num local de difícil acesso. Então, talvez o químico tenha que ser, mas tem que ser muito bem estudado para saber qual o prejuízo que ele estará causando na região, nas coisas que estão em volta, nas coisas viventes.

NA - É, e os homens inclusive, não é Dr. Leon...

## Fita 2 – Lado B

NA – As pessoas dessa região estão com problemas pulmonares. Os trabalhadores que estão usando coisa química. Quer dizer, tem prejuízos ou desvantagens em relação ao biológico, mas é uma opção política também.

LR - Eu não sei se esse biológico que você está falando é o mesmo biológico que nós estamos falando. Porque se o teu biológico forem hormônios ou alguma coisa que mexa no bioquimismo do desenvolvimento do fruto, ele está interferindo no mecanismo do desenvolvimento do fruto. Então ele é pequeno, então esse controle não serve. Quer dizer, você está prejudicando...

NA - Inclusive contamina o alimento, seria uma coisa de contágio, poderia se usar esse termo, da contaminação?

LR - Tem que ver o que é isso, o que significa esse negócio de contaminação. Porque se essa contaminação não acomete animais de sangue quente, então tudo bem.

NA - Mas de qualquer modo essa discussão é muito importante hoje, essa discussão ambiental, biológica.

LR - Porque tem que existir, enquanto os químicos orgânicos tiverem sintetizando estruturas com facilidade. Tem que ver o que tem, isso aqui vem do petróleo. Isso aqui também, a qualidade desse papel também, isso aqui também, esse fio também.

NA - Tudo, tudo.

LR - Então, isso vem de química orgânica, o que a gente tem pendurado aí? Aquela cadeira tem síntese orgânica ali, tinta, pigmentos, pigmentos para fazer tinta, eu não sei o que mais. Isso aqui vem do petróleo, então... Você vê quanto benefício está surgindo, mas em compensação você pode ter estruturas no afã de criar utilidades mas levar para o lado comercial... Eu estou falando, mas eu acho que sem me policiar um pouco. Você vai criando coisas que depois vai experimentar para ver para o que servem. Então, vai fazer ‘n’ tipos de testes para ver para o que serve, vantagens e desvantagens. Então, tem que haver um certo policiamento para você... Tem estruturas ruins, gases tóxicos, se cair na mão de uns caras vão... os nazistas vão experimentar “Olha que material bom a gente tem aqui (inaudível) vamos experimentar, vamos fazer um estudo farmacológico daqui *in anima nobili*”. Então, a gente tem que se policiar para não deixar isso escapar do controle.

WH - Entram as questões éticas também.

LR - Exato.

WH - Não só ecológicas, mas éticas.

LR - Então, a quantidade que eu queria dizer é isso. A quantidade que vai surgindo é incrível, incrível. As empresas vão botando aqui no bolsinho: “Ah, fulano traz, está aqui”. Publica a patente, o anúncio da patente sai no jornal, “Nova estrutura tal, tal, tal, tal, o número, 1 milhão, 2 milhões, 3 milhões, não sei o que, vamos fazer uma patente”. E as

empresas depois, elas tem a programação de tudo, o que vai aparecer primeiro, não é isso? Então, eles vão tirando: “Agora vamos fazer isso aqui, novo pigmento, nova tinta, nova...”. Aí surgem coisas que são nocivas também, causam riscos para a gente.

NA - Deixa eu lhe perguntar uma coisa, porque aí eu queria juntar a biotecnologia mas antes de juntar a biotecnologia me ocorreu o seguinte: quando eu lhe perguntei qual era o mercado de trabalho quando o senhor saiu da faculdade, o senhor lançou o certo e o possível. Por que o senhor optou pela pesquisa?

LR - Sei lá, por gosto.

NA - O senhor nunca pensou em ter alguma atividade paralela ou na indústria ou sair...

LR - Houve um momento, a gente percebe que tem que ganhar alguma coisa senão...

NA - Sim, o senhor tem que sobreviver, ganhar dinheiro

LR - Exato. Aí tinha um colega que trabalhava no Winton (incompreensível), que faz o Melhoral, lá em Marechal Hermes. Hoje eu não sei se é Winton (?), não sei. Hoje as empresas conjugam, mas naquela época era Winton (?). Então me chamou lá: “Você não quer trabalhar em controle de qualidade? É espetacular, tem uma série de vantagens, só o almoço aqui é espetacular”. Então, eu fui lá e me apresentei, quando eles perguntaram o salário botei um preço tão absurdo que eles nem me chamaram, nem lá nem na Parke-Davis.

NA - Mas os salários das indústrias não são maiores que do Estado?

LR - Eu não sei, acho que agora não.

NA - Não são? Uma pessoa com a sua formação, numa indústria não ganha muito mais que o senhor ganharia aqui?

LR - Ah bom, claro, claro, depende, talvez em posições mais privilegiadas fora do...

NA - Do que a mão-de-obra dos operários.

LR - Exato.

NA - Na verdade, o senhor trabalhando em P&D lá, era muito mais alto do que o Estado?

LR - Fora do normal é, assina um contrato especial.

NA - O senhor não iria para uma coisa dessas se lhe fizessem um convite hoje?

LR - Se o Fernando Henrique ficar com essa idéia e o seu Ministro eu tenho que sair, e eu não quero sair.

NA - De não dar aumento salarial para ninguém.

LR - Não dá aumento salarial e fica amedrontando: “Vocês vão ter que ir para a aposentadoria duros. Vão ter que pagar para ter aposentadoria”.

NA - Eu só falei disso porque eu queria emendar numa outra pergunta.

LR - Mas de vez em quando surge uma outra proposta.

NA - Propostas. O senhor nunca pensou nisso?

LR - Não, nunca pensei.

NA - Em sair daqui?

LR - Até mesmo estavam me falando: “Você não quer ir para a Impal, não?” Eu não quero ir para a Impal, eu quero ficar aqui. Depois, eu acho que a Impal não está valendo nesse momento isso aí, não é a empresa que vai... Acho que ela devia responder um pouco mais. Provavelmente ela vive algum momento ligado a essa conjuntura toda, fica com medo de investir, prefere ficar encontrando um *partner* para se associar e deslanchar. Mas eles estão registrando esses produtos, encontram várias dificuldades.

WH - Essa empresa, Impal é a que fez o convênio com a Fundação para desenvolver...

LR - Já tem um exame...

NA - Impalbac.

LR - Impalbac é o nome que foi sugerido para o produto surgido aqui.

NA - Nós já vamos chegar lá no produto. Eu só queria perguntar, aproveitando que o senhor estava falando sobre produtos biológicos, o seguinte: eu tenho ouvido, nesse trabalho que a gente está fazendo, por parte dos pesquisadores uma resistência ou... Eu não estou fazendo nenhum julgamento de valor, eu só queria compreender um pouco o negócio. Uma resistência em relação a esta relação entre ciência e mercado, porque o senhor estava falando... Eu juntei isso, primeiro porque eu lhe perguntei sobre as ofertas de trabalho, no mercado de trabalho, porque não pode se imaginar que pesquisador vive de vento. Não é, vive de vento, atmosfera e no nosso país não são muitas oportunidades de trabalho fora o campo público, das universidades, dos institutos de pesquisa que já são poucos. Institutos de pesquisa fora da universidade são poucos. Então, esse seria um caminho natural se as indústrias nacionais e internacionais instaladas aqui abrissem possibilidade de desenvolvimento, não é? Pesquisa e desenvolvimento dentro das suas unidades, o que também não é muito comum, como o senhor mesmo estava falando. Na hora que o senhor falou do número de pessoas que vai reduzindo dentro do instituto, perdeu-se um elo, *know how*, o elo que esse *know how* do passado. Eu pensei que o senhor ia falar das indústrias essas dos antibióticos que ninguém mais sabe fazer, certo? Porque as indústrias agora compram o que? Matéria prima fora, trazem para cá, não fazem mais aqui?

LR - Claro. Deve ter alguém produzindo mais barato em algum lugar.

NA - Lá na Ásia, de certo.

LR - Pode ser.

NA – Voltando. Eu encontrei aqui uma certa resistência em relação a esta relação, não só com a saúde pública, como o senhor já mencionou, esse vínculo mais direto com as demandas do ministério e tal e com relação ao mercado. Como se produzir um bem, o conhecimento também é um bem, que se destine a sua comercialização, que se destine ao mercado é uma coisa que as pessoas resistem a isso, os pesquisadores. Não tanto o pessoal de Bio-Manguinhos, mas mais os pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz. Como se isso fosse contaminar o seu trabalho, a ciência e a pesquisa. Eu só queria a sua opinião sobre isso, se eu estou errada.

LR - Eu não sei se eu saberia te explicar muito isso não. Provavelmente o lado comercial pode ser encarado como uma coisa pouco humana.

NA - Uma resistência às patentes também. Porque a Celeste [Emerick], por exemplo, me disse que os pesquisadores resistem muito, agora já um pouco menos, à idéia de patente do seu trabalho. Ela me dizia que isso não é uma coisa daqui. A comunidade científica brasileira tem uma grande parcela que até hoje resiste a essa idéia. Quando tem gente na Amazônia levando genoma dos índios e vão patentear, como é que não pode? Mas houve uma conversa por aí, estariam levando genoma. E aí, a gente não vai proteger o que é nosso?

LR - A noção que a gente tem do lado comercial é que nós ainda não estamos muito desenvolvidos técnica e cientificamente. Nós precisaríamos fazer um esforço japonês ou um esforço alemão para alcançarmos rapidamente, ficarmos pouco menos distanciados deles. Eles têm uma vontade muito própria de correr atrás, de conhecer, de fazer rapidamente, ver a importância. Eles gastam muito tempo do seu dia resolvendo esse aspecto, correndo atrás desse aspecto. Nós aqui não, a nossa mentalidade é a seguinte: “Ah, vamos abrir uma fábrica de antibióticos”. O que era a nossa fábrica de antibióticos própria? Quando eu estava na faculdade eu sabia que faziam antibióticos. O que era isso? Era comprar as barricas com cloridrato de tetraciclina. Elas vêm já em condições de esterilidade para serem envasadas, já para botar num frasquinho, mistura com solvente, seringa, via parenteral. Então, a idéia de fabricar era isso, você compra a caixa, abre num ambiente estéril, foi construído lá no Rocha, como é o nome? Estação do Rocha, é uma quimio ligada a um grupo francês que hoje...

NA - É uma empresa que o senhor está falando?

LR - Silva Araújo Roussel o que faz o (inaudível) e outros produtos éticos médicos. Então, o que eles montaram lá? Montaram uma casinha bem pintada com câmara, antecâmara, dentro sistema de filtração suficiente para diminuir a carga de microorganismos que estão sendo jogados aqui dentro, como a gente está jogando, então os homens, os operários vão ter que entrar com roupa estéril. Saiu tem que tirar a roupa e botar outra roupa estéril para entrar. Foi ao banheiro, tem que mudar de roupa. Então, eram chamados marcianos. Esses marcianos manipulam, vão enchendo os frasquinhos com antibiótico, botam tampinha, lacram aquele negócio, depois que lacrou, agora pode contaminar por fora, por dentro está estéril. Esta era a fabricação do antibiótico e isso era



dito assim para todos nós, vai fazendo. Na realidade nós sabemos que isso não é fazer. Fazer é fazer o princípio, a matéria prima.

WH - O senhor disse que nas indústrias hoje já nem se faz mais, se importa.

LR - Pois é, nós sabíamos fazer a matéria prima, as formas, cápsulas, o que fosse, também, sabíamos fazer. E o que nos foi passado foi bem incorporado e isso poderia ter utilidade por muitos anos. Os antibióticos dos anos 40, 50, 60 estão aí, ainda estão valendo. Tem outros novos mas estão valendo. Sabíamos fazer penicilinas semi-sintéticas, ainda tem. A única empresa que sobrou inteira foi a Cibram com quem nós fomos fermentar, aonde nós entramos e que, infelizmente, os cabeças não se acertaram para fazer industrialmente o produto. Logicamente o Ministério da Saúde precisava puxar. Então, o Ministério, a Secretaria do Estado e a Secretaria Municipal que se interessam por isso. No mais não tem ninguém. Por isso que esse tipo de inseticida que vai matar o *Culex*, que vai matar o *Aedes*, controlar o *Aedes*.

NA - Esse seu produto serve para isso também? *Para o Culex e para o Aedes?*

LR - Esse aqui está matando borrachudo, borrachudo causa oncocercose, chama-se 'cegueira dos rios', mas nós temos o outro que mata o *Aedes*, que pode ser usado no programa da dengue. Então, nós sabemos que a Fiocruz fez a proposta, que provavelmente não chegou ao Ministério.

NA - Por quê?

LR - Volatiliza igual álcool, no meio do caminho evapora. Entretanto, ofertas do exterior aparecem lá, ofertas de algum competidor da Fundação Oswaldo Cruz. Brasileiro consegue chegar lá, faz um *lobby* no ouvido do ministro, do chefe do gabinete ou do presidente da Fundação Nacional da Saúde.

NA - O senhor não faz *lobby* nenhum não?

LR - Nós não conseguimos, nem a Celeste consegue. Quer dizer, a Celeste tentou, que é o órgão aqui que dá um apoio à gente enorme.

NA - Precisa, não é?

LR - Quando eu falo produto, tem um conjunto de coisas ajudando, não só o nosso trabalho mas tem outras coisas silenciosas aqui dentro que ajudam mas esbarram em dificuldades, aqui dentro, lá em cima um pouco. As autoridades estão sabendo que nós temos capacidade de fazer, só que elas fingem que não sabem.

NA - Mas por quê?

LR - Você tem que ter um *lobby* de convencimento, tem que ter uma força.

NA - Política, força política.

LR - Política, eu acho que muito política, mas não uma política suja, a política força para dizer: “Olha aqui, pega esse troço. Testa lá nos Estados Unidos, testa lá na França, peça um laudo e vê se vale”. A gente sabe fazer e a gente precisa até melhorar. A gente tem condições disso, tanto que nós estamos querendo fazer um projeto de formulação. Nós temos consciência que nós sabemos fazer o produto, os resultados estão mostrados. Isso está valendo tão bem quanto o estrangeiro e não é alta tecnologia não, é média tecnologia, porque se a gente sofisticar fica mais caro. Pintar de amarelo, preto, azul vai ficar caro, vai ficar bonito mas vai ficar caro e aí diminui a competição..

NA - Ele é eficiente do jeito que ele está, estão lhe mostrando isso.

LR - Exatamente, isentos são colegas que não vão puxar a brasa para a minha sardinha, são absolutamente livres para dar esse parecer.

NA - Agora, o senhor está dizendo que a Fundação é que perdeu a capacidade política de intervir no Ministério da Saúde?

LR - É.

NA - Intervir eu não digo, mas de sugerir, propor de alguma forma.

WH - É, mas eu acho que também tem um problema, a Fundação, enquanto Instituição, está interessada nisso? Ou não há um interesse de ir negociar?

LR - Existe interesse de alguns e não existe interesse de outros.

WH - É que há uma divergência.

LR - São surpresas que a gente se depara. Pode imaginar que isso ainda existe e isso vai num crescendo, porque se você chega ao Ministro e fala em nome da Fundação Nacional de Saúde e diz a ele: “Escuta, você quer dar uma chance ao produto cubano tudo bem, mas dá uma chance ao produto feito aqui pela Fiocruz. Você quer dar uma chance ao lobby dos Estados Unidos, da Abbott, tudo bem, mas dá uma chance também para o...”. Isso não tem.

WH - Falta uma política institucional dirigida.

LR - O negócio é complexo, a gente pensa nisso de várias maneiras. Inclusive, nós fizemos uma oferta direta ao Conselho Nacional de Saúde. Nós fomos instados a opinar, levantar situação de controle com inseticidas bacterianos. Não são hormônios, não são fungos, não são vírus, bacterianos. Porque isso é o que da... Se você examinar esses inseticidas como eles estão no mundo, nos países mais desenvolvidos, esses dois que nós estamos fazendo, nós não estamos fazendo nada de novo. Nós estamos fazendo também, feito todo aqui dentro, de cabo a rabo. Claro que nós temos contatos com o Exterior. O Instituto Pasteur permite que a gente faça isso e dá até a bactéria para gente fazer. Não recusa, dá, porque ela está ligada à OMS e a OMS acha que cada país tem que fazer o seu.

NA - É uma doação do Instituto Pasteur, não é isso?

LR - É, é, tem um bom relacionamento com essa área deles então, isso não é problema.

NA - Agora, como é que o senhor começou a desenvolver isso? O Impalbac? Como é que foi que essa coisa apareceu? O senhor está trabalhando com essa coisa há muito tempo, o senhor já disse, não é, mas como é que apareceu essa idéia? Ou as condições para?

LR - Primeiro, surgia aqui na Fiocruz um grupo do qual a Maria Celeste pertence, o Carlos Gadelha também pertence, entraram novinhos aqui e procuraram botar seus serviços à causa da Fiocruz. Uma das coisas que eles bolaram, ficavam conversando com os pesquisadores, conhecendo o que é isso aqui e, supõe-se que viram coisas desse tipo: “Olha, aqui tem coisa interessante que poderíamos fazer até uma relação delas e divulgar aí por fora o que a Fiocruz faz. Poderíamos divulgar no empresariado o que a Fiocruz tem de conhecimento para oferecer às empresas”. Então, fizeram um catálogo aí e esse catálogo está sendo divulgado. Eu conheço o dono da Impal de jogar vôlei com ele na praia há 40 anos atrás, mas não sabia que era o dono da Impal, a filha dele estudou com a minha filha na mesma escola, mas eu não estou sabendo que esse é o cara da Impal. E houve um momento em que um grupo do planejamento saiu aí pela cidade distribuindo o catálogo e eles estavam procurando se aliar a uma empresa estrangeira para trazer esse produto e vender aqui.

NA - Ele só seria um representante.

LR - Sim, não é difícil, eles podem pagar aí um despachante. Agora nós estamos achando tão difícil registrar, quer dizer, nós não, conversando com eles a dificuldade que eles encontram... Aliás eu já falei com a Celeste que a Fiocruz precisa usar o seu peso para ajudar a rediscutir isso. Por que não? Porque eles vão, por exemplo, a Secretaria Estadual de Saúde tem que dar um laudo, um exame de plantas e ambientes onde isso é feito para eles encaminharem para ir para Brasília para eles poder fazer o registro no Ministério da Saúde. No entanto, a Geratec, uma empresa do Rio Grande do Sul que apanhou o *know how* de um produto desenvolvido na Embrapa em Brasília, já registrou o produto e não fez esses testes que nós estamos fazendo.

NA - Mas esses testes que o senhor está fazendo, o senhor está sendo obrigado a fazer?

LR - Não, isso aqui é ético.

NA - O senhor está fazendo porque o senhor quer.

LR - Escrupulo e ético. Se eu botar isso num processo, um laudo desses num processo que vá atestar o que é esse produto, soma mais do que devia. Dá mais credibilidade do que poucas coisas constituídas num processo que você levando aquilo para técnicos examinar vão dizer: “Por que não foi feito isso? Como é que você sabe disso? Você prova isso aqui?” Vão ter milhões de perguntas: “Isso mata peixe? Mata borboleta? O homem pode comer esse troço aí? Nós vamos deslocar alguma coisa de uma fauna ali ou de uma flora? Eu vou prejudicar”. Então, isso, passou, registrou por que? Porque tem um *lobby*, porque tem gente que é paga para fazer o registro em Brasília. Então, manda carta para o Ministro, um Ministério manda para o outro. Quer dizer, o Ministério da Agricultura

manda para o Ministério da Saúde, é curioso isso. Nós temos muito mais dificuldade aqui, internamente, do que outros.

NA - Fora do Ministério?

LR - É extremamente curioso isso.

NA - O senhor não usou o nosso secretário lá, do Coreb [Coordenação Regional de Brasília]? Tem o Coreb lá.

LR - Veja o seguinte, nós desenvolvemos, damos uma assessoria por acordo com a Impal, mas a Impal tem que fazer o lado dela.

NA - Isso eles tem que registrar?

LR - A empresa privada tem que fazer. Eles têm que registrar.

NA - A patente está pedida com o senhor e para eles? O registro de patente é deles e do senhor? Como é que ficou isso?

LR - O registro de patente é Fiocruz e a Impal.

NA - Os dois?

LR - Nós pesquisadores não temos nada.

NA - Mas a patente está pedida em nome da Impal e da Fiocruz?

LR - É, são sócios, parece que são sócios, o que a gente lê.

NA - Os termos são o que?

LR - E são os dois que entraram no INPI com o pedido.

NA - Mas os termos, quer dizer, é 50% para ele, 50% para Fiocruz, meio a meio, é isso?

LR - É, isso aí. Eu não sei se nesse caso é 50% ou se tem *royalties*, não sei.

NA - Às vezes tem diferença.

LR - Ah, na patente sim, na patente sim, o acordo nas vendas é que tem *royalties* para a Fiocruz e na patente é meio a meio.

WH - Mas eles já estão produzindo isso?

LR - Onde?

WH - A Impal.

LR - Não, Não está produzindo, mas rotineiramente: “Eu vou ali comprar, quero um quilo desse negócio” não tem. Mas nós produzimos, teve um momento, setembro e outubro do ano passado, a Cibram... Também não entendo isso, muito porque... Eu tenho contato muito grande com ele, mas tem coisas que a gente não sabe, a gerência industrial, os chefões me chamaram e disseram: “Vamos produzir isso”. Mas não foi assim de repente porque o contato para os assuntos nós já tivemos anos antes e a Cibram veio, com o conhecimento da Fiocruz e da Impal foi feita uma vinda de técnicos, cataram o *know how* nosso, e, rapidamente, transplantaram para lá.

NA - Eles iriam industrializar, na verdade, o senhor passaria...

LR - Industrializar. Nós passamos o *know how*. Houve a concordância da casa e da Impal e então passamos o *know how*. Por quê? Porque eles vão industrializar isso aí.

NA - A escala quem vai fazer são eles, não é isso?

LR - Exatamente. Eles vão calcular mercado, custo. Nós fazemos a parte técnica do assunto. Estamos ajudando a redigir documentos para a legalização disso, mas isso aqui eu estou pedindo, isso vai entrar no processo porque se um colega aqui dizer: “Não, vem cá, me explica uma coisa aí”. Eu vou dizer: “Está aqui”.

NA - Claro, claro. Está sendo testado.

LR - Está aqui, você tem uma resposta desse tipo aqui? Então, são caminhos mostrando que a gente está andando bem.

NA - São testes validados.

LR - Eles dão credibilidade ao que a gente está fazendo.

WH - Que validam o produto.

LR - Que validam o produto. Então, isso tem vários aspectos, inclusive que nem isso eles: “Pô! Mas vocês estão fazendo igual! Funciona bem ou melhor!” Essa é a reação dele. Então, para a Fiocruz isso é bom, para a Impal isso é bom, para mim também é bom, para o grupo aqui também é bom.

WH - Agora, esse produto Dr. Leon...

LR - Para os funcionários da Impal que estão trabalhando aqui dentro é bom.

NA - O senhor conta um pouquinho como é que foi, aliás, conta agora, porque eu já pedi para o senhor contar como é que apareceu a idéia?

WH - Deixa só eu lhe perguntar uma coisa voltando, terminando esse assunto. Esse produto caso ele fosse comercializado, ele seria comprado por quem? Ou seja, quem seria o cliente que compraria esse produto?

LR - Os mesmos clientes que compram os inseticidas para fazer controle na cidade. Então, ou é uma Secretaria Municipal ou é a Feema. A Feema parece que é mais normativa, vai ser a Comlurb e a Fundação Nacional de Saúde. Por que a Comlurb? Porque um mosquito é estadual e o outro é federal (RISOS). O *Aedes* é federal e o *Culex* é estadual (RISOS) e a Feema normatiza tudo isso, diz como é que tem que ser feito. Outrora ela fazia, agora ela passou para a Comlurb. Então o fumacê que você vê na nossa cidade, é a Comlurb fazendo o controle. Então, eu disse a muitos, disse ao presidente da Fundação, disse ao Presidente da Impal, disse à Fabíola da Fundação Nacional de Saúde que é preciso vocês se reunirem e ver como se faz. Aí temos que ser bastante castristas, ousar bastante da filosofia do PT, ou do PCB, tendo que nos reunir, sentar e discutir se é importante, se é um produto bom. Honestamente falando, é bom? Então, podemos talvez utilizar em campanhas etc e tal. “Ah, mas tem uma empresa”. Vamos discutir com ela o que ela ganha e o que ela não ganha.

NA - O senhor acha que isso é um problema da empresa. É isso que eu estava lhe perguntando aquela hora que ela saiu.

LR - O que ela ganha e o que ela não ganha e o que a Fiocruz ganha e o que a Fiocruz não ganha. Porque sempre houve o cuidado, todos os passos foram dados sempre com colegas que entendem desse traçado e que vieram aprendendo ao longo desse tempo e se aperfeiçoando. Os contratos feitos hoje não são da mesma maneira como eram feitos no início. Lógico! Evidente! Estavam aprendendo. Hoje devemos ter espertos aqui dentro, que, às vezes, até me incomoda. Quando começam a dizer: “Você não pode falar com fulano”. Eu digo “Mas eu não posso falar com o meu amigo?”, “Não, porque você pode estar dizendo alguma coisa que vai prejudicar aqui”, “Pô, eu vou perder a minha liberdade de falar com outro pesquisador porque eu vou estar transferindo...”. Então, existe também esse tipo de discussão. Então, eu achava que as cúpulas deveriam se unir e, socialistamente, ou socialisticamente falando, deviam assinar um convênio. Ou faz ou não faz. Mas o fato é que está aqui, não é um produto que é de *lobby*, produto mal feito, como tem, aproveitando, produtos mal feitos que estão sendo ofertado mas que vem com as suas cores, que vem com o *lobby* formado, entende? Então é curioso.

NA - De fora?

LR - É, de fora.

### Fita 3 – Lado A

LR - Uma multinacional está fazendo pressão para empurrar o seu produto. Curiosamente eu não vejo isso, o máximo que aconteceu outrora foi alguém, um brasileiro representando uma indústria, quer dizer, você não desenvolve isso, o a Abbott já fez isso há 20 anos, você vai fazer isso? Eu digo: “Eu vou fazer. Você quer me dar um fermentador?” Ele diz: “Não, fermentador eu não te dou, mas eu te dou um computador, te dou o produto, você experimenta e depois você publica os trabalhos”. Então, isso existe no Brasil. Eu disse: “Não, eu não quero, eu vou fazer o produto. A Organização Mundial de Saúde diz que cada qual pode fazer o seu”. Ensina, dá a fórmula, só que nós desenvolvemos um processo nosso, matérias primas nossas, barato, viável, competitivo.

NA - Mas como é que surgiu essa idéia?

LR - De fazer?

NA - É.

LR - Bom, então, quando se fez o catálogo...

NA - Isso foi em 91.

LR - 91 só?

NA - Ele foi publicado em 91. Na verdade foi um pouco antes.

WH - O catálogo de capacitação tecnológica é de 91 mas o seu produto...

NA - O catálogo foi publicado em 91.

LR - Bom, então o catálogo surgiu. Ele fez uma oferta, esse negócio foi entregue a Impal. A Impal estava com interesse de fazer o produto, já tinha feito até um pagamento a uma empresa fora...

NA - Para esse produto?

LR - Para esse produto, viu o que podia fazer aqui, recolheu a gente e aí foi sopa no mel. “Ah, você é o fulano! Sua filha estuda com a minha...”

NA - Aí que o senhor viu quem era da Impal?

WH - Mas o senhor já vinha trabalhando nessa área, da bacteriologia aplicada, de vetores, não?

LR - Sim, mas de modo incipiente, experimentando em barbeiro. Pegando uma das toxinas que não pode ser usada comercialmente, experimentando em barbeiro. Depois a gente parou com esse negócio porque era inviável prosseguir. Procurando algum vetor de interesse do programa da Fundação para dar uma destinação prática. Por exemplo, eu tinha feito um projeto de basitracina que nós descobrimos uma bactéria que produz basitracina aplicamos projetos e nunca foram aprovados. Então, saímos fora, porque o patrão está cobrando, todo ano eu tenho que fazer o meu relatório senão vão tirar a minha patente de laboratório. Se eu não responder vão dizer que não é laboratório ou então vai chegar um diretor que vai classificar: “laboratório de segunda categoria”. Solta isso aí no campus de Manguinhos. Laboratório de segunda categoria, por quê? Não tem publicação, tem um lapso aí de três anos que não tem publicação, não pode!

NA - É, mas o senhor estava fazendo...

LR - Isso está surgindo aí que aparece com o tempo. Agora, vão surgir publicações, um informe...

NA - Agora o senhor já pode publicar?

LR - O da patente o pessoal já permitiu.

NA - Já.

LR - Já, com algumas reservas.

WH - Sua patente já saiu?

LR – Não. Eu não sei como é que a Asplan está conseguindo administrar isso.

NA - É muito difícil, demora muito tempo.

LR - Não, estaria faltando pouquíssima coisa para sair isso que ela está perguntando, a carta-patente.

NA - Pois é.

LR - Ainda não temos. Nós temos o registro, nós temos o pedido mas está faltando alguma coisa. Às vezes a Maria Elza que entende muito disso, também não sabe explicar muito bem. “Caiu em exigência, se tiver uma exigência mas não sei porque que está demorando”. Já se espalhou o boato aí...  
(interrupção da fita)

WH - Eu queria lhe perguntar uma coisa, em relação do que o senhor falou aí da patente, o tempo que demora...

LR - Está faltando alguma coisa que não depende de mim, ou é administrativa...

NA - O senhor pediu em outros países ou só no Brasil?

LR - Não, eu acho que o planejamento não quis pedir porque é caro, muito caro. Não sei se eles tinham dinheiro. Para fazerem o registro aqui, esperaram um momento em que pudesse ter os recursos para dar entrada logo. Como eles ficam pensando em estratégias, estratégias: “Não demora, não demora, porque os aventureiros podem aparecer aí e te prejudicar”. Então, eles correram e fizeram. Aliás, o laboratório tem dois pedidos de patente. Olha, não é tecnologia ultra-complicada, simples e até um exemplo de que a gente pode fazer coisas simples que ajudam a resolver problemas importantes a baixo custo.

WH - Eu queria lhe perguntar, Dr. Leon, porque pelo o que eu entendi, essa questão do pedido de patente, demora um tempo. Isso implicaria, no caso do seu produto, que poderia surgir algum outro produto novo ou que o senhor está pesquisando ainda alguns aperfeiçoamentos técnicos, tecnológicos, desse produto? Ou o senhor fechou essa etapa e está esperando somente que surja a possibilidade de produzi-lo via patente?

LR - Eu acho, que sim. Eu diria que no momento eu não estou pensando, vamos chamar de fechar essa etapa, esperando que seja produzido. Vamos publicar trabalho, é obrigação de serviço, é necessidade de serviço e vamos passar para a etapa à frente.



WH - Mas esse tempo grande que demora para conseguir a patente, não colocaria em risco, por exemplo, se houvesse algum outro produto similar desenvolvido com menor custo?

NA - Desde o momento que registra não pode mais, fica registrado.

WH - Mas se tem outro tipo de processo...

LR - Aí não sei, não sei. O processo em si, no registro de patente não tem...

WH - O senhor registrou o produto, não é?

LR - O produto e uma série de condições, e essa condição não é só fixa numa linha mas ela está numa faixa. Esse é o aprendizado do pessoal que fez. É a experiência... Quer dizer, aí entrou uma pessoa, me parece, muito experiente que é a Fernanda.

WH - Porque eu fico me perguntando, demora tanto até patentear, até conseguir a patente desse produto que a ciência caminha a passos rápidos...

LR - Claro.

WH - ...e eu não sei até que ponto colocaria em risco, digamos, esse produto.

LR - Eu não sei lhe dizer, eu confesso que não sei. Eu também não sei se a patente é tão importante assim, não sei.

NA - O senhor não é partidário da patente?

LR - Não, por exemplo, se você perguntar assim: “Bom, a patente está aqui. Agora vamos ficar aqui no balcão esperando o cliente vir comprar”. Acho que não vem, isso não é assim tão...

NA - Não, aí o senhor está garantindo o seu... Como é que eu vou dizer?

LR - O privilégio, ou a primazia...

NA - Não, está garantindo o seu engenho, a sua capacidade de engenho. O senhor e o grupo de pessoas que trabalhou com o senhor tem direito a essas idéias. O senhor não é favorável a isso não? Qualquer um não pode chegar aqui e piratear as suas idéias e fazer outras. A patente é isso, não é? Ela envolve dinheiro, evidentemente, mas ela basicamente é isso.

LR - É, agora eu não sei. Dá um trabalho enorme esse negócio, dá um trabalho enorme até você soltar o documento que entra. Olha, eu fiz só uma parte, o grosso mesmo foi o pessoal do planejamento que fez.

NA - Mas a Fiocruz está muito mal servida nisso, afora o grupo da Celeste...

LR - Não sei se ela não está dando o valor devido a essa questão. Não há dúvida, ali a Celeste é um baluarte.

NA - É um grupo pequeno de pessoas. Ela sabe que precisa de mais gente e tudo. Porque eu estava lhe perguntando antes, é como se os pesquisadores da Fiocruz resistissem ou não entendessem exatamente o que é essa idéia.

LR - Porque eles devem focalizar a coisa de maneira diferente, não achar valor. Não sei que outra explicação poderíamos dar a isso. Mas, veja, deixa eu contar uma passagenzinha. Não sei se vai ilustrar muito mas... Quando iniciei carreira científica, eu estava no instituto de microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro levado por um colega. Lá eu via colegas – eu também me encaminho um pouco por aí – que iam trabalhar domingo. Faziam planejamento. Para você não perder 72 horas com feriados, você inoculava o negócio na sexta-feira e ia ler no domingo. Você ganhava. Segunda-feira você tinha a resposta na mão. Mas tem experiências que podem rodar a noite, então vamos dormir na bancada, nós já fizemos isso aqui, ter gente fermentando aí para ver o que acontece montando uma caminha aí do lado do fermentador, meninas até. Então, isto aí ocorre, nós já fizemos muito isso. Hoje não estamos fazendo mais, mas se fosse necessário eu faria. Ainda não perdi o interesse pela coisa. Enquanto eu estava lá, porque eu estava te contando isso? Queria dar um exemplo...

NA - O interesse, não entendimento a respeito da importância da propriedade...

LR - Ok, então havia simples loucura. O pessoal estudava, fazia seminários, pesquisava, obtinha resultados, tabulava esses resultados, gostava de apresentar para os vizinhos. Então, isso é um tipo de loucura, porque ele abdica de uma série de coisas para ficar fazendo isso aí. Agora, se você falar: “Bom, você não quer abrir um negócio? Vamos abrir uma lojinha de cachorro quente. Bota registradora, toda hora aquilo fica tliim, tlim, abre, fecha, está entrando dinheiro”, “Você é louco rapaz, ciência é muito melhor, é um negócio nobre”. Hoje, este colega é dono de uma indústria de produtos biológicos, está fazendo o AZT contra a Aids, é o Fernando Cruz. Ele e um grupo da UFRJ saíram para montar uma empresa. Nem todos seguiram mas eu sei que ele foi seguindo nisso. Então, eu vi que mudou. Ele não ia fazer negócio para patente, hoje provavelmente ele quer fazer patente. Existe esse aspecto.

NA - O senhor acha que é uma tendência?

LR - Eu acho que é uma tendência sim. Sadia ou não, eu não eu não sei. Mas é outra coisa.

NA - Sem julgamento de valor, mas...

LR - ... Mas é uma tendência como sistema de proteger o conhecimento, proteger a idéia. Tenho impressão que sim. Isso aí não é novidade, no mundo isso existe há muito tempo. Eu ainda, sei lá, quando iniciava a carreira universitária trabalhei na área de tecnologia das fermentações. Tinha um jornal japonês que publicava a listagem de patentes. Tinha até dez linhas escrevendo mais ou menos o que consistia aquilo para patente, que era o tal negócio botar aqui no bolso, que hoje deve estar saindo, ele deve estar tirando do

bolso: “Agora nós vamos fazer isso, agora nós vamos produzir isso”. E assim vai. Bom, então, você perguntou o porquê da idéia de...

NA - Como é que apareceu? Foi depois do catálogo? Foi na época do catálogo?

LR – Ah, não. O catálogo foi o catalisador, porque houve esse negócio de contato com a empresa, a empresa disse: “Vamos fazer”. Então começa a unir-se, discutiu-se oito meses o primeiro documento escrito, firmado pelo presidente. Há um acordo escrito...

NA - Com a empresa? Vieram os técnicos deles?

LR - Escrito com o Morel, o presidente. Não, não, os técnicos... Isso ficou por minha conta...

WH - A sua equipe que desenvolveu?

LR - Que desenvolveu. Eles eram estagiários, bolsistas...

NA - Não veio ninguém deles?

LR - Não veio ninguém deles, e depois o conhecimento para produzir uma tonelada e quatrocentas, na Cibram, de BTI *Bacillus thuringiensis israelense* foi feito...

WH - O senhor podia repetir o nome aqui?

LR – *Bacillus thuringiensis israelense*, subespécie israelense, é uma bactéria que tem uma toxina que mata *Aedes aegypti*... Mata culicídeos e simulídeos.

NA - O da Cibram é outro?

LR - Não, não, Cibram é o nosso. Eles é que com os seus equipamentos iam produzir em alta escala. Então o *know how* industrial já foi alcançado. Agora, a decisão de botar isso, primeiro instruiu para registrar e, ao mesmo tempo, enquanto isso, fazer ensaios ao nível estadual e municipal, pelos órgãos competentes para eles atestarem se valem ou não valem.

NA - Agora que eu entendi, uma triangulação, entre a Fiocruz, Impal e Cibram.

LR - Isso, só que a Cibram não é nada. A Cibram alugou e a Impal pagou. Agora, eu estava dizendo que era preciso o Ministério, mais a Fiocruz, mais a Impal e mais a Cibram discutirem a coisa.

NA - A comercialização disso.

LR - Produção e comercialização. Porque você pode atender aos governos e pode ainda atender de tal sorte a revender, a até exportar, porque a planta tem uma capacidade muito grande. Na avaliação deles, na Cibram disserem: “Olha, eu posso destinar um mês meu para produzir BSBTI”. Tudo bem, e BSBTI é a ponta de um iceberg, porque o que se ganha com isso não é dinheiro, se ganha conhecimento, cancha. Você pode fazer enzimas

de restrição como algumas que a gente tem aí nesses bacilos e uma delas foi desenvolvida, escrita pelo Morel e o grupo dele. Aliás, um orientando fez uma tese sobre enzima de restrição que tem um valor agregado muito grande. Outras poderiam... então, você pode ter 'n' produtos de importância.

NA - O senhor disse que tem um outro produto que está sendo pedido o processo além desse? Não eu entendi mal.

LR - Em termos de patente?

NA - É.

LR - Tem duas, a Asplan preparou duas patentes...

NA - Para este produto.

LR - Uma como processo de isolamento de bactérias com formulação para...

NA - É o processo.

LR - ...é o caminho, você pode fazer o teu com outras conotações que não se chocam ou se superpõe com este aqui. Mas aí, pode ser que seja mais ou então o teu pode ser mais barato, não sei, isso é questão de se ver depois. Mas, então, tem isso feito e tem o processo de produção de um inseticida *Bacillus sphaericus*, que é o segundo pedido que a Asplan introduziu em 95.

NA - O senhor está desenvolvendo alguma outra coisa atualmente, ou alguém do seu laboratório do departamento mesmo? Tem alguém desenvolvendo outro produto nesse momento, ou está investigando?

LR - Desenvolvendo sim, perdão, nós estamos juntando interessados, conjuntos de laboratórios para...

NA - Dentro da Fiocruz?

LR - ...dentro da Fiocruz e, provavelmente, um ou outro fora da Fiocruz, para fazer formulação. Formulação o que é? Vou dar um exemplo: você tem o ácido acetilsalicílico, é um medicamento, um analgésico antitérmico. Como é que você vai administrar isso no corpo do animal ou no corpo do homem? Então, vamos pensar sobre as formas farmacêuticas. Será sob a forma de um xarope? Será sob a forma de um granulado, granulado efervescente? Vai ser na forma de um emplasto, uma pomada, um comprimido, um injetável, um xarope? Como é que será isso? Então, isso tudo é estudado até você chegar: "Olha, é melhor esse medicamento por via oral, funciona assim, assim, assim, e excretado assim, assim, assim. Atinge os seus objetivos em tanto tempo. Via parenteral é difícil, é pouco solúvel, causa problemas assim, então, bom, é via oral. Como é que nós vamos fazer? É xarope, é drágea, é um comprimido?", "Ah, comprimido é melhor", "Então vamos fazer comprimidos". Então é a maneira que você bota lá eficiente, analogamente nós vamos fazer isso com a toxina. Nós sabemos fazer a toxina, essa aqui, sabemos fazer, agora nós vamos botar capotes, pólvora, coisas em cima para aumentar o

tempo de liberação no meio ambiente. Porque isso aqui está sendo testado em Belo Horizonte. Então, parece que lá conta culicídeos, você dá uma pancada, chama-se ‘*knock down*’ joga o produto a população de larvas desce, mas o produto não tem uma ação residual muito longa. Então, ele fica aqui embaixo. Até começarem a aparecer larvas de mosquito de novo vai levar uns 20 dias. Então, nós queremos agora aumentar esse espaçamento, para aumentar a competitividade do inseticida aqui com o convencional, ou não-microbiano. E aí a gente está trazendo a arte culinária farmacêutica para desenvolver isso, revestindo a toxina com diferentes substâncias que se desprendem, ou são destruídas no meio ambiente lentamente sem destruir a toxina.

NA - Na verdade o senhor está melhorando ela.

LR - É, agora é parte de um aperfeiçoamento. Deixa mostrar uma coisa a vocês. Nós poderíamos parar hoje?

NA - Claro, claro.  
(INTERRUPÇÃO)

NA - O Dr. Leon continua nos mostrando o impalbac.

LR - O esferobac e o impalbac.

NA - A gente está conversando com ele que está agora num processo de desenvolvimento ainda dessa toxina, não é isso? Vestindo as roupinhas nela para ter maior durabilidade, maior resistência.

LR - O que em inseticida química é chamado de efeito residual. A gente quer...

NA - Aumentar.

LR - Exato.

WH - Passar de 20 dias para seis meses.

LR - Veja, o programa nacional de erradicação do *Aedes aegypti*, erradicação é uma expressão que muitos técnicos tem medo de falar porque acham que não vai existir erradicação. Mas, usando essa denominação o plano prevê uma alternância do uso de inseticidas convencionais com inseticidas produzidos com as toxinas do *Bacillus thuringiensis israelense*. Só que eles tem uma preocupação muito grande: o BTI, os inseticidas preparados com BTI podem deixar um efeito que perdure por uns 20 dias, enquanto que um inseticida químico, convencional, ele vai deixar um efeito de 60 dias e ele queria que o biológico desse também 60 dias para que o sistema de aplicação fosse o mesmo, variando apenas o produto. Então, isso nos estimula a investigar uma formulação que atenda a esse aspecto, porque, como eu disse, a toxina a gente sabe fazer.

WH - Eu tinha lhe perguntado, Dr. Leon, para o senhor me esclarecer, nesse acordo com a Impal, o que ela deu? Deu recursos, deu pessoal, equipamentos?

LR - A Impal forneceu alguns equipamentos como o fermentador. Não foi o fermentador que a gente queria, mas foi o que nós ganhamos. Esse fermentador não permite o registro de certos parâmetros do processo fermentativo. Mas a Fundação comprou um outro fermentador que por sinal está levando quatro anos para ser instalado.

NA - Já está aí?

LR - Já está aí.

NA - Mas não foi instalado.

LR - É um problema simplesmente incrível, curioso. Merecia ser estudado até por psicólogos (RISO). É porque outras categorias profissionais não conseguem encontrar resposta, provavelmente um psicólogo deve. Então, a Impal comprou algumas centrífugas, de vez em quando ela patrocina uma viagem, uma saída para contatos com outros grupos. Mas precisava de um investimento maior ou melhor. Agora, a Fiocruz dá a sua contrapartida. Nós somos da Fiocruz, os laboratórios ligados a Fiocruz...

NA - Quantas pessoas estão nesse trabalho?

LR - Bom, a Impal também tem no momento cinco pessoas, funcionários dela ligados ao programa. Três dessas pessoas estão sediadas no Rio de Janeiro, a sexta pessoa que nós teríamos direito eu não quero trazer no momento. Poderíamos ficar brigando para trazer a sexta pessoa porque faz parte do contrato, do acordo. E duas pessoas estão no Centro de Pesquisas René Rachou. Aliás, é bom, falando em René Rachou me lembro da Dra. Rotraut Consoli é uma importante entomologista.

NA - A gente conheceu ela.

LR - Conheceu? Infelizmente, no mês passado ela deixou a Fiocruz e para nós foi uma perda importantíssima. Eu escrevi à Impal pedindo a Impal para contratá-la. Impal entrou em contato com o Centro de Pesquisa René Rachou para ver a situação, houve uma tranquilização, mas eu, com toda a tranquilidade eu não posso de prestar uma homenagem à Dra. Rotraut porque é uma pessoa brilhante, uma entomologista importante com quem eu tive um prazer muito grande de trabalhar. Muita coisa que a gente está escrevendo deve-se ao trabalho da própria Rotraut. E o que está sendo desenvolvido com a Prefeitura de Belo Horizonte e com a Prefeitura de Montes Claros que também está testando o produto que teve uma aceitação grande e que é mais uma... Dali surge a demonstração da existência no mercado desse produto. Então, eu queria deixar esse registro aí que eu sinto saudades do trabalho... Eu posso ligar agora para a Rotraut e falar com ela, mas o trabalho profissional parou e é uma pena. Vamos continuar as nossas teses, os nossos orientandos até o final, mas não haverá renovação. Isso é uma pena muito grande.

NA - Ela é a sua grande parceira dentro da Fiocruz?

LR - Grande parceira dentro da Fiocruz.

NA - Na Fiocruz nesse trabalho?

LR - Nesse trabalho, não há dúvida nenhuma.

NA - O senhor teve outras parceiras aqui?

LR - Nem sempre conseguimos parceria deste nível, desta qualidade. Infelizmente a gente não consegue, às vezes, sensibilizar outras áreas que poderiam estar participando por vontade própria.

NA - Mas um entomologista aí é fundamental.

LR - O entomologista é importante, porque... Ah sim, se a gente não tiver todo um conjugado de colegas participando, a gente não vai longe, não vai longe. Então, o que nós temos aqui? Temos farmacêuticos, biólogos, engenheiros químicos. Isso são um, dois, três, quatro, um, dois, três, quatro, nesse conjunto, entomólogos, quer dizer, biólogos especializados em entomologia, o que mais... Temos químicos, temos contatos dentro da

Impal que tenta empurrar as coisas para frente, fazer todas as conexões com essas secretarias, com esses órgãos todos e às vezes a gente encontra dificuldade dentro da Fiocruz.

NA - A Impal tem o corpo de pesquisadores dele?

LR - Não, não.

NA - Ela não tem nada de desenvolvimento lá.

LR - Não tem nada de desenvolvimento, é uma indústria que transforma... perdão, desenvolvimento não, mas ela pode ter passos de síntese.

NA - Não tem pesquisa em desenvolvimento lá?

LR - Não, não. Pode comprar um *know how*, adquirir um *know how* que envolve uma, duas ou três etapas de síntese. Ela compra a matéria prima, isto mais isto, mais aquilo outro, colocado a tantos graus sobre pressão, não sei o quê, no reator, não sei o quê, vai sair do outro lado pó amarelo, útil para indústria têxtil.

NA - Então, para eles foi vantajoso, não foi vantajoso?

LR - Ah claro, é lógico.

NA - Por exemplo, a Wanda perguntou ou que ela lhe deu, mas qual é a vantagem que ela teve ao entrar nessa parceria com o senhor?

LR - Eu imagino...

NA - Porque ela é uma empresa privada, o que ela está visando com isso?

LR - Eu diria, como um todo da Fiocruz, não sei se outros industriais visam isso mas, deve ser bacana você ser sócio da Fiocruz.

WH - O senhor acha que é só por um...

LR - Deve ser importante.

WH - ...prestígio que a Fundação tem?

LR - Também, é lógico.

WH - Econômicos não tem?

LR – Eu, às vezes, falo com colegas e até com alguns candidatos à presidência atual, já falei com outros que por mais indiferente que seja o Ministro da Saúde, que entra para nos coordenar, orientar, por mais desinteresse que ele tenha pela Fiocruz, ele descobre um momento que tem que correr para cá. Ou porque é peste, ou porque é salmonelose, ou porque tem um surto de leptospirose, ou porque tem epidemia de meningococo e assim vai. Não desfazendo, às vezes, até de colegas que estão nas universidades próximas, que podem auxiliar, como foi o caso agora da descoberta de umas algas aqui na UFRJ que estavam implicadas em mortes de pacientes lá em Pernambuco.

NA - Mas o retorno financeiro a essa empresa não é importante para ela?

LR - O retorno financeiro...

NA - Uma das coisas que se vê também em relação à biotecnologia é que as empresas brasileiras... Lendo a literatura sobre isso, como é que a biotecnologia se desenvolveu no Brasil, as empresas brasileiras não têm interesse em aplicar, investir na pesquisa básica e tal, porque elas não vêm lucro nisso. Há uma grande dificuldade, são interesses divergentes entre ciência e empresa. Qual o interesse da Impal em investir nesse trabalho? Em dar o fermentador enfim, o senhor poderia contratar técnicos...

WH - É, valendo o prestígio que o senhor estava falando, existe algum dividendo econômico, no caso, por exemplo? Que ela veria assim: “Tem um mercado, ganha-se dinheiro, tem possibilidades disso”, será?

LR - Olha, eu tenho impressão que ela quer tirar os seus lucros quando isso surgir, quando for oportuno. Só que eu acho que a oportunidade está passando, já devíamos ter concretizado isso talvez fazendo outras coisas. Que outras coisas? Já falei para muitos aqui, a enzima de restrição pode ser um programa para esse laboratório mas de outros.

NA - Pode vender, pode fazer e vender.

LR – Exatamente. Eu estou falando de enzima de restrição, mas às vezes você pode ter uma outra enzima... vamos supor lecitinase de bacilos que possa ser aplicado em... Ou vender lá, para mais tarde o Sigma botar no catálogo dele. Por quê? Da onde vem? Ele não faz, mas da onde vem? A matéria prima vem do Brasil, já vem num estado puro, reembala lá e aparece, a qualidade Sigma aparece.



### Fita 3 – Lado B

LR - ...tem o que ele faz lá dentro e tem a matéria prima que vem de fora, Sigma ou alguma empresa alemã que faz esses reativos de laboratório, isso pode ocorrer. Então, quer dizer...

NA - Há outras possibilidades.

WH - Agora, o senhor não teve problema com a Impal por conta dessa demora da Fundação de bancar esse produto?

LR - Problema como assim?

WH - O senhor está falando. O senhor pediu a patente em 95, já passou mais de um ano, a coisa ainda não fluiu...

LR - Não eles não estão...

WH - Não reclamaram.

LR - Isso que você está me perguntando eu nunca pensei. E é um negócio lógico.

WH - É, porque quando uma empresa privada vai investir, ela tem um...

LR - Eu acho que eles não têm estrutura para isso. O que é estrutura? Vamos dizer, eles constituíram internamente um grupo para olhar para essas coisas. Viram aqui na Fiocruz: “Minha gente, vamos fazer esse troço aí. O que está faltando?”, “Tem que correr lá no INPI, tem que...”, “Então, combina aqui com o pessoal e então vamos lá todo dia, vamos falar com...”. Não existe, agora, porque eu não sei, está entendendo? Eu sei que a Impal investe, está investindo. Ela está procurando outras coisas, como uma maneira de prosseguir. Como a área dela não é só essa, nós não somos a área dela, nós somos uma coisa insignificante. Eles tinham uma empresa de... eles tinham, eu não sei se a gente pode chamar de holding, é um conglomerado de... Eles compraram um grupo de empresas, uma delas era para fazer ácido lático. Isso acabou, não vão fazer, então, biotecnologia tem essa pequena ligação com a gente. Agora, está investindo no Paraná, saiu do Nordeste e está investindo no Paraná em amido.

WH - Amido.

LR - Derivados de amido, estão tentando entrar num programa de silicone, derivados desse tipo de silicato, compreende? Agora, pelo o que você perguntou eu não sei o que quê ela devia... Logicamente que dar o braço à Fiocruz é importante.

NA - Mas a Fiocruz é um elefante branco...

WH - Nos outros projetos talvez...

NA - O senhor não acha que a Fiocruz é uma coisa emperrada, um elefante. Eu ouvi um pouco disso também, que a Fiocruz não tem essa agilidade que uma empresa privada tem quando trata das suas coisas.

LR - Agora, se você perguntar por que a Fiocruz não faz? Porque ela não quer ou não tem capacidade. O que quê quer dizer isso? Quer dizer o seguinte, dentro do meu entendimento, eu vou tentar explicar o que eu estou falando, é que antes de ir, até fazer parceria com uma empresa lá fora, muita coisa foi ofertada aqui dentro. Ofertada, por exemplo, a Bio-Manguinhos. Por um dever até de ser eu membro da Fiocruz, tendo um colega aqui do meu lado, talvez no mesmo prédio chego para ele e digo: “Fulano, eu tenho um meio de cultura aqui que compete com o meio de cultura tradicional que está aí no mercado, para contagem de bacilo cereus e descrição presuntiva do bacilo cereus”. Isso foi ofertado, então deslizaram porque talvez não fosse interessante. Foi publicado o trabalho, falei com o planejamento “Olha tem isso aqui”, “Então publica”. Pode ser que em algum momento alguém pegue isso ou parte da idéia, bote mais um tostão de alguma coisa ali e industrialize. Aí um dia um Merck, entende? Foi bom vocês tocarem, lembrarem desse ponto, porque primeiro nós ofertamos a Fiocruz, inclusive, parcerias foram ofertadas aqui dentro do Instituto Oswaldo Cruz, nem todos aceitaram. Então, se Rotraut viu alguma coisa de bom e levou a entomologia do René Rachou foi uma sorte nossa. Isso também é importante, porque aí eu fui conhecer o René Rachou, fui conhecer Rotraut as suas potencialidades, a boa vontade do diretor lá em ter aceitado e concordado com esse trabalho conjunto.

NA - Isso tudo, para esclarecer, esse seu conhecimento com Rotraut começou o que, em 91, 90?

LR - Começou em 88 quando a gente fez o primeiro Simpósio de Controle Biológico. Nasceu aqui e nós vamos fazer o sexto agora, vai ser no Rio de Janeiro em 1998, estamos trabalhando nisso aí, com um grupinho aqui do laboratório e com alguns departamentos do IOC e alguns não do IOC.

NA - Última pergunta, Dr. Leon, a Impal foi encontrada pela Celeste, quando ela começou a distribuir...

LR - Exato, e aí descobrimos...

NA - Que tinha essas relações... foi importante o trabalho do escritório da Celeste lá, da Asplan. Na verdade foi o que viabilizou o contato com a Impal.

LR - Claro, claro. Eu imagino que tudo que se conseguiu assim de patente, vem daquele iniciozinho. Era a Celeste, o Carlos Gadelha, antes tinha... Quem que estava lá? Antes tinha a Marília Marques. A Celeste tem uma grande importância, continua assim até hoje. O primeiro pedido de patente foi feito com um aprendizado conjunto, eu com Maria Elza, estava lá também, arranhou um pouco isso, como é o nome dele... o Sergio Gil, estava também entrando aí, mas a Elza se especializou. Você é capaz de encontrar diferenças entre o pedido (inaudível) entre o primeiro e o segundo, mas o segundo teve uma participação também da Fernanda.

NA - Eu gostaria de saber, você tem alguma pergunta Wanda?

WH - Não.

NA- O senhor gostaria de falar alguma coisa, para a gente encerrar?

LR - Poderíamos fazer uma pausa aí e continuaríamos uma outra hora.

NA - Agora, a gente poderia fazer dessa gravação...

LR - ....pesquisadores titulares da Fundação Oswaldo Cruz, dão essa gravação para a Fiocruz, para que ela faça o seu melhor uso.

NA - Está bem, muito obrigado Dr. Leon.

LR - De nada.

Segunda entrevista

Data: 13/01/1997

#### **Fita 4 – Lado A**

NA - Hoje é 13 de janeiro de 1997, e nós estamos aqui na segunda entrevista com o Dr. Leon Rabinovitch. Dr. Leon, uma coisa que ficou assim como uma curiosidade para nós, depois que a gente fez aquela primeira entrevista com o senhor é o seguinte: nos surpreendeu - acho que posso dizer assim - o tempo com que o senhor tem se mantido fiel a um certo tema de pesquisa. Eu gostaria de lhe perguntar, se a gente entendeu bem, aquilo que o senhor está desenvolvendo hoje, na verdade tem 20 anos de estudo, de acúmulo de trabalho seu para chegar ao que o senhor chegou hoje. Então, eu gostaria que o senhor falasse um pouco, primeiro, se isso é comum entre os pesquisadores. Segundo, que o senhor falasse um pouco como é que o senhor começou. Acho que o senhor falou um pouco *un passant*, como é que começou a se interessar por esse tipo de bactérias anaeróbicas e aeróbicas, lá quando o senhor chegou aqui no Instituto Oswaldo Cruz, na década de 60?

LR - Bem, na realidade eu acho que eu poderia, em cima do que você indagou dizer o seguinte: desde que, se eu não me engano, uns dois anos depois de eu ter chegado aqui no departamento de bacteriologia para trabalhar com o Gobert Costa, ficou claro e evidente que ele queria que eu trabalhasse com bacilos. No caso usando uma espécie para poder me adaptar, de tal modo que eu pudesse transferir os conhecimentos depois para anaeróbicos. No caso, eram bactérias do gênero clostrídium. Então, eu comecei a trabalhar com bacilos, que eram bacilos pequeniformes (?), tanto essa espécie pequeniformes (?) e a gente viu que com o passar do tempo ela produzia um antibiótico, foi motivo até de uma tese de livre docência mas, com o tempo o Dr. Gobert se afastou. Ele se aposentou e tinha sido convidado para trabalhar na universidade Gama Filho para ajudar a montar a escola médica da universidade e ele me deixou, herdando todos os ambientes que pertenciam a ele aí, que são esses complexos de laboratórios que vocês já devem ter visto...

NA - Nessa época já era departamento de bacteriologia? Já se constituía dessa forma?

LR - Era algo como um departamento...

NA - Divisão, que chamava.

LR - Eu acho que já era departamento sim, no momento está me parecendo que sim. Agora, esse departamento está vinculado à divisão de Microbiologia e Imunologia. Então, existiu o departamento ligado a essa divisão. Veja bem, hoje o Departamento de Imunologia é uma unidade separada, assim como o Departamento de Virologia está separado do departamento de Micologia e este de Bacteriologia.

NA - O senhor está lembrado quem é que... tinha um chefe da divisão?

LR - Tinha.

NA - Além dos chefes de departamentos?

LR - O chefe da divisão, que eu me lembre, durante algum tempo foi o doutor, o primeiro foi Dr. Area Leão, o segundo foi José Guilherme Lacôrte e eu tenho a impressão que na gestão do...

NA - O Olimpio [da Fonseca] não foi chefe da divisão?

LR - Mais para frente, me parece que anteriormente, porque depois de José Guilherme Lacorte não me recordo de ter... Eu tenho a impressão que era a questão da divisão, esse tipo de estrutura desapareceu nessa época.

WH - Desapareceu quando virou Fundação ou antes?

LR - Desapareceu... eu acho que foi antes, não vou precisar, mas eu acho que foi antes.

WH - Aí viraram departamentos?

LR - É. Quando, por exemplo, foi criada... é, foi antes. O chefe de departamento se reportava diretamente ao diretor, o diretor era o doutor... eu não me lembro, está me faltando, eu tenho uns buraquinhos aí...

NA - Mas, por exemplo, quando o Dr. Gobert foi embora o senhor lembra quem era o diretor?

LR - O departamento tinha outro chefe. Quando o Dr. Gobert saiu quem assumiu a chefia do departamento foi a Dra. Niber da Paz Moreira da Silva.

NA - E o senhor assumiu o laboratório?

LR - O laboratório e outros colegas. Tínhamos aqui um laboratório de anaeróbios, trabalhava com clostrídium e essa pessoa resolveu deixar o laboratório, deixar a Fundação e se dirigir à Gama Filho para trabalhar lá e também na Universidade Federal Fluminense,

de modo que ele optou por deixar aqui a instituição e com isto, com a saída dele, o Dr. Altair Antunes Zebral, com a saída dele desapareceu o laboratório de clostrídium, de anaeróbios.

NA - E ficou o senhor e mais quem no departamento?

LR - Então, ficou no departamento... Estava ainda alguém que trabalhava com o professor Genésio Pacheco mantendo assim alguma atividade com relação a diagnóstico de brucelose.

NA - Isso era outro laboratório.

LR - Era outro laboratório. Tinha o laboratório de brucelose, tinha o laboratório da Dra. Niber, que trabalhava...

NA - Ela era chefe do departamento mas também tinha o laboratório dela.

LR - Tinha o laboratório dela.

NA - Ela trabalhava com o que, o senhor lembra?

LR - Ela mantinha uma pequena coleção de bactérias e tinha algumas linhas de pesquisa voltadas para a ação de penicilina em parede celular de algumas enterobactérias. Eu me lembro que um gênero dessas enterobactérias era o *proteus*. Ela chegou a fazer alguma publicação mostrando... Não era novidade o trabalho, mas ela observava esses efeitos também das modificações da morfologia da bactéria. Quando ela botava uma certa quantidade de penicilina que inibia a síntese da parede celular do *proteus*, de alguma maneira ele ficava deformado. Então, ela tinha esse tipo de investigação e tinha uma pequena coleção de culturas. E também se dedicou a estudar um pouco bactérias halofílicas, são bactérias que exigem muito sal no meio, a coisa onde elas estão para poder crescer. Se não tiver muito sal elas não conseguem crescer.

NA - E isso vem de onde?

LR - Essas bactérias, como...

NA - Qual é o ambiente natural delas?

LR - Elas estão no mar. Quando você tira o sal, ela vem no sal e quando você salga o charque para preservar o charque, aquelas bactérias se manifestam, então, estragam o charque. Então, ela estava fazendo algumas observações em cima disso e isso era um tipo de atividade que ela tinha.

NA - Tinha mais alguém?

LR - Depois do Gobert, a Dra. Maria Luiza Palmeira que, não foi chefe, ela liderava o laboratório de genética do departamento. Então, ela trabalhava com resistência microbiana a antibióticos. Ela fez a tese dela de livre docente em cima de antibiótico. Livre docência não existe mais a nível federal, parece que só em universidade privada

que está havendo alguma coisa assim, mas, por determinação federal, pelo que eu saiba não existe mais. Foi uma época, agora não tem mais.

NA – Se faz hoje aquele concurso para titular e por aí... A livre docência é depois do titular, não é isso?

LR - Não, não.

NA - Era concurso de... não?

LR - O livre docente...

NA - O senhor tem tese de livre docência.

LR - Eu fiz livre docência, mas a livre docência é no mínimo equivalente ao doutorado.

NA - O título...

LR - É um título que você buscava na universidade, que a universidade criou, o Ministério da Educação, para digamos, regulamentar a vida de pessoas que se dedicavam ao ensino e entravam para o magistério de nível superior e não tinham como fazer a pós-graduação *sensu stricto*.

NA - E nem era comum também, nos anos 60 não era.

LR - Não era não.

NA - Só depois da reforma universitária que isso se implantou.

LR - Exatamente. Então, muita gente não teve oportunidade de fazer isso. O governo, através do Ministério da Educação, criou a livre docência que era um título que já existia há muito tempo. Outrora você via, por exemplo, num receituário médico, o médico que era livre docente botava aquilo porque era um título que dava a ele um prestígio acadêmico muito grande.

NA - Eu estou fazendo confusão, porque eu acho que até bem pouco tempo atrás, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a Madel [Luz] fez tese de livre docente. Agora eu estou fazendo confusão. Ela inclusive tem doutorado.

LR - Provavelmente ao nível de governo do Estado, provavelmente, eu estou sublinhando assim, poder-se-ia fazer esse tipo de concurso, de provas e títulos. Então, acho que, ao nível de Estado pode fazer, mas no federal, isso terminou em oitenta e poucos. Na década de 80 terminou. Não me lembro qual foi a lei. Então, a Maria Luiza fez a livre docência, assim como outros colegas aqui também fizeram a livre docência. Por exemplo, na USP, para você fazer livre docência tem que primeiro ser doutor para depois fazer livre docência e fazendo a livre docência você pode ascender depois a titular na USP. Quer dizer, isso depende um pouco assim...

NA - De cada universidade.

WH - O senhor fez livre docência também nessa época?

LR - Eu fiz livre docência numa segunda época, após a Maria Luiza ter feito, após o Altair Zebral ter feito, após o Dr. Hofer ter feito, aí abriram novamente e modificaram as regras do concurso, botando mais duas provas, uma coisa assim, que não existia no primeiro concurso. Existiam três provas, depois estendeu para cinco provas. Aí eu tive a sorte de poder fazer e, assim, não precisei voltar aos bancos escolares para fazer o doutorado.

NA - Isso foi nos anos 60 ainda que o senhor fez? Foi na década de 60 ou de 70?

LR - Eu fiz em oitenta e poucos.

NA - Foi agora, mais recente.

LR - É, parece que 81, 82, não estou me recordando.

NA - Aí o senhor não precisou fazer a pós-graduação baseada no modelo americano que tem hoje.

LR - Exatamente, exatamente. Antes, na década de 60, eu havia me inscrito para fazer, mas tive dificuldades e os chefes não deixavam. Eu precisava ser liberado do tempo. Eu estava inscrito no Instituto de Microbiologia da UFRJ, onde já dava, vez por outra, uma aula, colaborava com eles lá. Então não deixaram. Eu tive dificuldades desse nível, me estimularam e na hora 'h' quando eu apareci com a inscrição não podia, porque não podia liberar. Houve até quem dissesse que não era do interesse da instituição eu fazer o mestrado e depois o doutorado.

NA - Já existia nessa época lá mestrado e doutorado?

LR - Já, já.

NA - De microbiologia?

LR - Já existia porque o Instituto de Microbiologia é um dos pioneiros em mestrado e doutorado, pelo menos nessa área de microbiologia no Brasil.

NA - O senhor conhece o Dr. Isaac Roitman?

LR - Conheço.

NA - Foi daí também da Virologia.

LR - Pois é, nós estudamos juntos no Instituto de Microbiologia, ali na Praia Vermelha. Eu já estava lá quando ele veio de Santos para fazer o mestrado.

NA - Isso, eu lembrei porque é da mesma época.

LR - Alguns anos depois veio a esposa dele fazer mestrado, a Celina e depois eles se casaram. Isaac entrou primeiro, Celina depois. Provavelmente Celina foi aluna do Isaac.

NA - A Celina fazia Odontologia. Mas enfim, nós estamos aqui no departamento, aí o senhor falou do laboratório de Genética. O senhor está lembrando de mais alguém nessa época?

LR - No laboratório de Genética, nessa época estava a Maria Luiza Palmeira, ela fez a livre docência dela...

WH - Dr. Hofer não estava nessa época?

LR - Estava aqui no departamento também e, depois de um ano e meio, algo assim, a Dra. Niber resolveu deixar a chefia do departamento.

NA - Um ano depois que ela assumiu?

LR - É.

NA - O senhor não falou como foi que ela assumiu, o senhor está lembrado? Quando se aposentou?

LR - Ela se aposentou agora em noventa...

NA - Não, ele, o Gobert, porque ela assumiu no lugar dele.

LR - Foi.

NA - O senhor não está lembrado?

LR - Não estou lembrando, mas isso deve ter sido no final da década de 60.

NA - Que ele se aposentou e ela entrou.

LR - Final da década de 60. Aí ficou mais ou menos um ano, um ano e meio então, houve uma indicação da Dra. Niber em favor do Dr. Ernesto Hofer e ele ficou aí, me parece, uns 18 anos chefiando o departamento.

NA - 18!? Nossa! Não tinha nenhum tipo de rotatividade interna não?

LR - Não.

NA - Por que Dr. Leon?

LR - Acho que não via interesse (RISO)...

NA - Ele era pesquisador sênior, nesse momento? Ou tinha outro sênior como ele nesse momento?

LR - Ali tinha a Maria Luiza Palmeira que fez também a livre docência na mesma ocasião, tinha Altair Zebral que também era livre docente da mesma ocasião.



NA - Eram pesquisadores do mesmo tope, isso que eu estou perguntando.

LR - No mesmo tope, isso. Quem mais? Parece-me que só o Gobert. Acho que não tem mais livre-docentes, quer dizer, chefes-cabeças, orientadores. Acho que só esses.

WH - E tinha muita gente circulando nesses laboratórios?

LR - Tinha.

WH - Porque hoje a gente vê pessoas de fora, mestrado, doutorados, orientações...

LR - Tinha muita gente circulando sim. Nós sempre tivemos alunos e os alunos podem ser então bolsistas ou não, ou estagiários também. Tinha épocas que você podia ter estagiário tranquilamente, sem maiores trâmites burocráticos. Outras vezes você tinha que se enquadrar dentro de alguma norma que aparecia e depois ela ia com o tempo desaparecendo, volatilizando. Porque muita gente já estava com uma segunda intenção, para fazer estágio para depois entrar na justiça reivindicando direitos e isso refletiu muito na Fundação. Mas sendo um órgão de governo isso não dura também muito. Você ficar pedindo para assinar uma declaração de que não vai reivindicar nada em tempo algum, em época alguma, isso não dura muito, e, na realidade, concurso público só agora que está existindo. Porque eu entrei, não havia concurso público. Alguns anos antes é que alguns pesquisadores se submeteram a concurso público. Quem fazia era o Dasp.

WH - Isso na década de 40, 50...

LR - Departamento de Administração de Pessoal de nível superior. O Dasp, o governo federal é quem tomava conta. Hoje o que é o MARE? Ministério da Administração...

NA - Ministério da Administração e da Reforma do Estado.

LR - Então, o Dasp está ali dentro. Então, o Dasp fazia o concurso, era uma determinação de governo. Parece-me que não havia outra maneira. Isso não era universidade, então você tinha que se submeter às regras comuns a qualquer instituição do governo federal.

NA - Eu estou falando do tempo que o Dr. Ernesto Hofer ficou mas também tem isso que o senhor está falando: não é uma universidade, não tinha um mecanismo de substituição formal, tinha? Não tinha.

LR - Não tinha, era indicação do diretor, não havia, assim, digamos, consulta interna no departamento para indicar nomes, não havia isso.

NA - Era um cargo de confiança, a chefia de departamento.

LR - Era um cargo de confiança, exatamente.

NA - Que se dava a um pesquisador sênior, isso era assim, respeitava-se a liderança dele, é isso?

LR - É, exatamente.

WH - Agora, dá uma impressão que é praticamente um posto vitalício.

LR - É, nós vimos isso dessa maneira. Eu mesmo passei a perceber que alguma coisa não estava muito correta ali, mas o que a gente podia fazer? Tem toda uma estrutura. Quando você tem uma pessoa que fica muito tempo no poder ela cria os seus dependentes que, dificilmente, sabem depois se mover pelas próprias pernas. Então, fica isso... Eu acho que até você mudar mentalidade e outras coisas mais leva tempo.

NA - Mas isso não impedia, por exemplo, que jovens ingressassem? Mesmo nessa condição, o senhor está falando, não tinha concurso, não podia entrar por concurso, mas...

LR - Então, o que acontecia? Nós estamos caminhando nesse sentido com a resposta, mas fomos desviando assim um pouco. É o seguinte: a instituição, durante muito anos, buscava trazer o estagiário como estudante. Normalmente, se esse estudante mostrava algum pendor para o trabalho e vontade de persistir nesse caminho, as chefias procuravam proteger essa pessoa e sempre havia a chance, de alguma maneira, de se mostrar ao governo a importância, a necessidade. O governo dava uma condição e essas pessoas eram trazidas para o contexto. Então, com o tempo passavam a ser estatutárias. Eu mesmo entrei na Instituição, como muitos outros entraram aí, por uma lei, por um decreto ou por um outro mecanismo que com o tempo faria com que ele viesse a ser estatutário. Da época para cá isso ficou mais difícil, tem se mantido... Nós chegamos, talvez, se é que podemos chamar de aperfeiçoamento, a gente pode encontrar um outro lado que quando a gente está pedindo concurso a gente não vê o outro lado quando existe concurso. Quando existe concurso o negócio não é assim tão bom, porque podem entrar uma ou duas pessoas e ela pode dar certo mas tem outras que entram e não dão certo, não trazem o benefício que se quer para aquela posição. Eu acredito que alguns casos assim devem estar ocorrendo agora. E mais, algumas vagas existem aí, persistem aí. No meu laboratório, por exemplo, eu não tive a sorte de ser contemplado com vaga, até para, se é um laboratório que merece alguma credibilidade, para continuar depois de mim. Essa é uma das falhas que me parece que existe no governo federal que não existe muito em outros países, em alguns países que tem, que são...

NA – Eu concordo com que o senhor está falando, mudar um pouco, mudar um pouco esse...

LR - grandes potências, as potências se preocupam com a continuidade. Continuidade não da pessoa mas da vida. O laboratório, ele vai crescendo, se desenvolvendo, vai se dicotomizando, às vezes, mas o número de pessoas que vieram da... Um exemplo típico de uma coisa que eu vi, eu frequentei muito o Instituto de Microbiologia. Ele, hoje, acho que ainda continua com um valor muito grande em termos de formar cérebros para o país, pessoas de qualidade, você na formação você tem cérebros maiores, cérebros menores mas você tem. Eles fabricam esse pessoal ainda vindo de uma época de 1960 ou um pouco antes... Eu estava ainda na graduação o Instituto já estava surgindo e eles faziam cursos que ganharam credibilidade perante o governo, perante a comunidade que fez com que eles pudessem se tornar curso de pós-graduação. E criaram modelos muito fortes. Essa fortaleza permite que eles sobrevivam hoje. A seriedade, a importância, a seriedade para com o trato com a ciência, com a pesquisa, permite que eles sobrevivam bem hoje.

NA - Eles substituíram aquele curso do Instituto Oswaldo Cruz? O senhor acha isso? Ocorreu-me isso agora. O antigo curso de Biologia. Ele foi um grande concorrente daquele curso que existia aqui desde o início do século?

LR - Foi, mas parece que acabou. Depois de algum tempo acabou. Por que? Porque muitas cabeças do curso lá... Por exemplo, Dr. Paulo de Góes, eu não me lembro se foi daqui. O fundador do Instituto de Microbiologia da Universidade do Brasil, Paulo de Góes, ele não deve ter sido aqui do Instituto, mas o cunhado dele foi, professor Amadeu Cury chegou, me parece, a dirigir o Instituto. Eu trabalhei num departamento, num laboratório do Dr. Amadeu Cury. Assim como o Isaac, que vocês mencionaram, também trabalhou. Uma cria, de certo modo, mais ou menos, daquele laboratório foi o Dr. Luis Rodolfo Travassos, está se não me engano na Escola Paulista de Medicina, em São Paulo.

NA - Eu estava falando que substituiu um tempo, em importância, como referência.

LR - Certo. Então, muitas cabeças do Instituto Oswaldo Cruz foram para lá, para fundar o Instituto de Microbiologia e esse curso apareceu lá. Mas no Instituto Oswaldo Cruz existia também um curso, sem maiores compromissos. Lá eles estavam ligados à universidade e aqui nós não estávamos ligados à universidade.

NA - Uma coisa que eu ia lhe perguntar, como é que vinham os alunos?

LR - Agora, veja que às vezes tem males que também podem vir para bem. Então, na administração do Rocha Lagoa, o Rocha Lagoa, com um grupo dele resolveu reinstaurar o curso de Oswaldo Cruz.

WH - Curso de Aplicação.

LR - Curso de Aplicação. E isto foi, também não me lembro... Ah, eu vou me lembrar sim. Ele estava planejando isso no início, me parece, de 63, porque eu estava entrando aqui no Instituto Oswaldo Cruz e aqueles que estavam entrando ele já estava de olho como possíveis alunos.

NA - Candidatos.

LR - Candidatos a aluno do Curso de Aplicação. Então, deve ser mais ou menos em... em 62 ele estava planejando...

WH - Mas ele não era diretor ainda do Instituto.

LR - Ele era diretor.

WH - Não, ele foi diretor em 64.

LR - Em 64?

WH - É, ele passou a ser diretor em 64.

NA - É que saiu o Lauro Travassos...

WH - Lauro Travassos não, Joaquim Travassos.

LR - Então, ele estava planejando já alguma coisa em 63, porque veja o seguinte: eu entrei no curso em 63.

WH - O laboratório dele era...

LR - O laboratório dele estava onde está hoje a Virologia.

NA - Aqui, nesse prédio?

LR - Não, lá no Cardoso Fontes.

NA – É Cardoso Fonte. Era lá, na Virologia?

LR - Todavia, ele resolveu como diretor acabar com esse esqueleto aqui. Esse prédio era o Derby Clube. Vocês já ouviram esta história Derby Clube? Onde está a reitoria da UERJ, um prédio que destoa do resto da construção, está na Rua Turfe Clube, quando vai desembocar para entrar em Vila Isabel...

NA – Na 28 de Setembro.

LR - ...na 28 de Setembro, você olha o prédio da reitoria. Pois é, aquele prédio é um esqueleto que seria ligado ao Turfe Clube ou porque, me parece que, existia o turfe por ali, tinha a estação de trem, se não me engano, Turfe Clube, hoje é Maracanã.

NA - Tinha um hipódromo ali, tal de cavalo.

LR - Acho que era por isso. Então, era um esqueleto. Ficou anos ali até que o governo construiu a universidade lá. Aqui tinha um esqueleto. Isso aqui seria um hospital, esse prédio seria um hospital.

NA - Construído por quem, o senhor sabe?

LR - Não me lembro. O professor Rocha Lagoa imaginou o seguinte: “Temos um monte de departamentos, entre aspas, espalhados pelo *campus* do Instituto Oswaldo Cruz. Vamos unificar a Microbiologia e a Imunologia estaria junto”. Acabou com esse prédio, investiu aqui e colocou...

NA - Como acabou? Acabou com a estrutura?

LR - Não, acabou a...

#### **Fita 4 – Lado B**

WH - Ele finalizou a obra do prédio...

LR - Ele finalizou, aproveitou isso aí. Não seria mais um hospital, seria então um laboratório de pesquisa. Ele trouxe a Microbiologia e a Imunologia para cá. Na realidade, a Imunologia aqui não era... Não era Imunologia como a gente vê aqui no departamento do...

NA - Era o quê?

LR - Ela estava espalhada, por exemplo, a Bacteriologia tem alguma coisa de Imunologia, a Virologia tem alguma coisa de Imunologia. A mesma coisa com a Micologia. Então, aqui estavam os prédios... O térreo era usado para acabamento de produção de vacinas, por exemplo, a parte de enfrascar, de envasar, rotular era feita aqui embaixo e hoje continua com Bio-Manguinhos. Agora, no segundo andar estava o laboratório de produção de vacina contra *pertussis*, contra coqueluche e, também, o laboratório de produção de vacina contra a febre tifóide.

NA - Não tinha Bio-Manguinhos ainda, quem coordenava isso, o senhor lembra?

LR - Quem coordenava?

NA - É, quem fazia isso? Porque isso não era Bio-Manguinhos ainda.

LR - Não, não era Bio-Manguinhos.

NA - Quem coordenava isso?

LR - Então, dentro do Instituto Oswaldo Cruz vocês devem ter ouvido falar que existiu uma área de produção. Essa área de produção era a área que ajudava a sustentar a pesquisa. Era mais fácil ir por esse caminho para se conseguir recursos do que você imaginar que vai bater na porta do Ministério e dizer: “Eu tenho um projeto revolucionário de pesquisa, só 5 milhões de reais e a gente faz”. Não, não existia isso. “Ah, não, nós queremos saber quantos milhões de dólares de vacina vocês vão produzir”. O governo sempre recorria, logicamente, ele criou para isso.

NA - Quando o senhor entrou isso ainda era uma área ativa? Participante no orçamento do Instituto?

LR - Era, era.

NA - Era uma coisa importante?

LR - Então, aqui você tinha o fabricante de vacina contra a febre tifóide, *pertussis*, contra coqueluche, fazia-se toxóide diftérico e tetânico. Então, seria difteria e o tétano.

WH - Febre Amarela.

LR - Febre Amarela, exato.

WH - Varíola, se produziu.

LR - ...varíola. O último nome assim que eu me lembro é o do Dr. Fonseca da Cunha que era o último chefe produtor e técnico que sabia fazer nos moldes da época, que ainda devem ser válidos até hoje, acredita?

WH - Nós entrevistamos eles.

NA - Ele é uma pessoa ótima.

LR - Fazia no dorso do vitelo, e que mais? O Dr. Oswaldo Cruz Filho entendia muito de toxinas e toxóides. Toxinas, por exemplo, do *Corynebacterium diphtheriae*, durante algum tempo ele produziu essa vacina. Tenho impressão que eles andaram fabricando ou produzindo o toxóide duplo diftérico tetânico precipitado com hidróxido de alumínio ou com alumina. Ele trabalhava com um pouco de peçonha de cobra...

NA - Aqui não teve muito disso não...

LR - ...não chegou a criar corpo. Quando pôde os pesquisadores saíram e a coisa morreu, desapareceu, mas Oswaldo Cruz sabia titular essas toxinas; titular, quantificar essas toxinas. Ele tinha conhecimento para isso. Depois ele também abandonou essas toxinas, resolveu ficar só com, me parece, alguma coisa a ver com tuberculose. Ele fazia a tuberculina que prosseguiu com um trabalho feito pelo professor Laerte Manhães de Andrade, que também entendia de micobactéria em tuberculose ou tuberculose humana. Então, fazia a tuberculina que era mais um outro produto que era usado para você poder participar do diagnóstico da tuberculose humana. Que mais que tinha aqui?

WH - Gripe já não se produzia mais?

LR - A gripe foi caindo no descrédito. Fazia-se uma vacina, o Dr. [Guilherme] Lacôrte fazia uma vacina em ovo embrionado, mas parece que essa vacina não conferia imunidade duradoura. O acometimento de gripe nas pessoas ocorria quase que a cada seis meses...

NA - Você sabe que essa coisa é muito complicada, de gripe.

LR - É, porque você vai ter um surto porque o antídoto de anticorpo deve subir, você começa a ser protegido e vai ficar...

NA - E faz vacina, como é que vai fazer vacina para vírus...

LR - ...seis meses ou mais protegido até que venha novo surto e você pegue de novo e... Provavelmente, eu não sei como é que está hoje, mas durante algum tempo a gente tinha ideia de que ocorriam dois surtos numa mesma pessoa, dois acometimentos de gripe numa mesma pessoa, duas vezes por ano. Estimado assim, isso pode variar um pouco de pessoa a pessoa mas... agora eu não estou lembrado que mais se fazia...

NA - Mas eu acho que essa pauta dos anos 60, era isso que o senhor está falando. O que eu lhe perguntei foi isso, se isso ainda contribuía, isso era importante no orçamento do Instituto? A venda dessas vacinas era uma coisa importante?

LR - Era. O Ministério pagava para fazer e a instituição foi ganhando senioridade, credibilidade de modo que a Organização Mundial da Saúde tinha aqui um ou outro centro produtor. Esse de febre amarela me parece que é um. O outro da varíola também. Que mais?

NA - A varíola era centro de referência.

LR - Centro de referência.

NA - Ela confere esse título.

LR - Exato. Então, vacinas brasileiras eram mandadas, às vezes, para outros países.

NA - A varíola certamente era.

WH - Agora, nessa época, Dr. Leon, o seu laboratório e o Departamento de Bacteriologia como um todo, tinham recursos que eram da produção, mas também era uma época meio confusa. O Departamento tinha dificuldades assim em termos de recursos ou de pesquisas que não iam para frente por falta de pessoal, nessa época, década de 60, 70...

LR - Falta de pessoal é um problema e falta de recursos também.

NA - Como é que era a distribuição de verbas nesse período? Passava pela direção?

LR - Ficava na direção e, logicamente, cada chefe de departamento ia lá bater na porta do diretor e pedia a ele, vê o que ele pode fazer, um determinado projeto poderia ser aceito pela casa [o IOC] para poder prosseguir. Então, esse era o caminho, a gente não tinha... era raro, às vezes, uma bolsa do CNPq, uma bolsa de pesquisa.

NA - E não tinha essas agências de financiamento não? CNPq, FINEP, ou fundações privadas americanas, por exemplo, que vocês pudessem pedir... tinha?

LR - Tinha.

NA - Quais eram as que o senhor lembra?

LR - Me parece que a Fundação Ford é que construiu aquele prédio ali, o Pavilhão Rockefeller...

NA - Não, ali foi a Fundação Rockefeller.

WH - Mas a Fundação Ford colocava muitos recursos aqui?

LR - A Fundação Ford podia dar recursos.

NA - O senhor particularmente nunca...

LR - Eu me lembro no Instituto de Microbiologia da UFRJ teve, em alguma época, recurso da Fundação Ford.

NA - O senhor, particularmente, nunca pediu para o seu laboratório?

LR - Não, nós não sabíamos de mecanismos, nós não sabíamos muita coisa...

NA - Ou vinha o dinheiro do Ministério ou não tinha outro recurso?

LR - Exatamente. Então, quando a gente ganhava um microscópio, ou o Dr. Gobert conseguia comprar algumas coisas que nós havíamos solicitado ou que ele mesmo queria para o laboratório dele ou para os outros laboratórios era uma festa, era um acontecimento. Mas era muito pouquinho, muito... Hoje as coisas estão diferentes. Hoje nós temos outros problemas mas materialmente houve um certo amadurecimento, um certo aprendizado. A gente está conseguindo algumas coisas que nós não conseguíamos. Falta, talvez, ordenar tudo um pouco mais ou racionalizar certas coisas.

NA - Pelo o que o senhor está dizendo, na época não tinha uma estrutura governamental de financiamento à pesquisa, de apoio à pesquisa como tem hoje. Quer dizer, antes era o recurso orçamentário da União, do Ministério para o Instituto. O senhor não tinha um MCT, ou na FINEP, sei lá. Hoje, particularmente neste momento, as coisas estão mais complicadas, mas até algum tempo atrás, na década de 80, tinha outras formas de financiamento. Nos anos 60 isso não existia?

LR - Se você me permite eu vou dizer que nós tivemos já projetos aprovados pela Finep que ajudaram muito esse laboratório. O recurso da Finep ajudou muito.

NA - Nos anos 70 ou nos anos 80? O senhor se lembra disso?

LR - [falando com alguém na sala] Rosângela, o projeto Finep na coleção de culturas, nós ganhamos em que época? 1970, 80? Como é que foi? Você ajudou a montar, foi um dos primeiros projetos.

[Rosângela - Foi em 88]

NA - Foi na década de 80.

LR - Em 88. Naquela época nós tivemos uma ajuda da Finep. A Finep estava descendo até ao nível de um laboratório.

NA - O senhor montou o que? Comprou equipamento? Eles deram dinheiro para o senhor para pessoal ou equipamento?

LR - Para pessoal e equipamento, os dois itens. E material de consumo também.

NA - Quer dizer, investir na infra-estrutura.

LR - Na infra-estrutura, exatamente. No caso, vale a pena lembrar isso, me parece, você mesma deve saber que a Finep, na época... Alguém que trabalhou com Dr. Paulo de Góes, esse que foi diretor do Instituto de Microbiologia da UFRJ e o Dr. Paulo, uma das ideias dele era de que o país precisava ter algo forte na área de coleção de microrganismos.



Muito lógico, é fácil a gente ver, quem está nesse meio percebe, sabe que toda potência tem grandes coleções de microrganismos. Não é potência só militar não, potência como poder financeiro, influência em várias áreas. Ele tem uma coleção de microrganismos. Isso é estratégico, porque isso significa muita coisa, não só a segurança, se precisa falar um pouco de segurança, outrora era segurança nacional. O Instituto Oswaldo Cruz já foi alvo de importância para a segurança nacional. Era um dos que o país poderia contar, outros estavam em São Paulo e em outros estados brasileiros. Mas então, ele tinha essa ideia. E de lá saiu uma pessoa que foi trabalhar na Finep e levou, entre outras coisas... Não era uma pessoa que olhava só numa direção, olhava em muitas direções, ele criou...

NA - Era um pesquisador...

LR - ...um pesquisador, professor Wilson Chagas de Araújo. O Wilson Chagas com o grupo dele, ouvindo o reclame de outros pesquisadores resolveu propor à estrutura da Finep um programa setorial de coleções de culturas.

NA - Quer dizer, ele foi trabalhar na Finep?

LR - Ele foi trabalhar na Finep.

NA - E lá fez o projeto?

LR - Fez esse projeto. E então, a Finep procurou alguém avalizado para levantar isso no país, percorrendo vários estados brasileiros e, realmente, essa pessoa fez um levantamento e passou por aqui pelo Instituto Oswaldo Cruz.

NA - Quem fazia, quem tinha a coleção?

LR - Ele foi obtendo dados e publicações, informes: “Quem presta algum serviço nesse campo? Quem está juntando microrganismos?”, então ele bateu aqui no Instituto Oswaldo Cruz. Veio no meu laboratório. Veio no departamento. Procurou pessoas que tivessem interessados em colaborar com ele, foi ao Departamento de Micologia, foi ao Departamento de Virologia, enfim, que mais... principalmente isso.

NA - Gente que trabalhava com cultura.

LR - Isso. Fez um levantamento do acervo existente e, fazendo isso em termos de vários estados brasileiros, levou a sua informação para a Finep. Lá, ele pode, com a ajuda da Finep, criar um catálogo de coleções de cultura. Então, pela primeira vez, aparecia alguma informação, mesmo que rudimentar, sobre a existência de setores aqui guardando microrganismos. E pôde verificar que isto era muito amadorista, não tinha nenhum... era rara a instituição que levava isso como uma missão importante.

NA - Como o senhor falou, com estratégia.

LR - Com estrutura. Sabe o que é estrutura? Se você olha a *American Type Culture Collection*, ATCC, a NCIBM parece no Reino Unido, *National Collection Of Industrial and Marine Bacteria*. Eu estou dando dois exemplos só, porque o Japão tem não sei quantos, a Holanda tem, a Bélgica tem, a França tem. Isso é muito sério, você ter

microrganismos guardados, porque isso tem vários significados, inclusive econômico. É um banco, é uma livraria, é uma Biblioteca Nacional, só que na prateleira não está o livro, mas está o microrganismo.

NA - Uma Biblioteca Biológica.

LR - Uma biblioteca biológica, pode ser. OK. Por que nós estávamos falando isso?

NA - Porque o senhor falou que o financiamento da Finep veio em função disso.

LR - O financiamento da Finep, ele selecionou no país...

NA - Depois desse levantamento.

LR - ...13 coleções, e esse laboratório foi um. Com a ajuda que eles deram nós compramos equipamentos, apareceu um computador...

WH - Essa coleção ela já vinha desde...

LR - ...e equipamentos de pesquisa, liofilizador para secar a bactéria para você poder arquivar.

WH - Eu ia lhe perguntar, Dr. Leon, essa coleção ela já vinha sendo criada desde o início ou foi uma coisa mais recente?

LR - Não, apareceu comigo aqui.

NA - O senhor que começou ela?

LR - Só do gênero *bacillus*.

NA - Mas o senhor que começou?

LR - Fui eu quem começou.

WH - Esse gênero, mas já tinha outras...

LR - Comecei, fui interessando estagiários, ingressando no laboratório e hoje estamos vendo se a gente consegue dar vida, reativar isso, porque esse equipamento foi comprado agora, para esse fim, é uma luta para botar isso...

NA - O senhor continua fazendo ela.

LR - Continuo. Estou querendo ver se a gente prende o pessoal aqui que vai se adestrando e ganhando cancha para fazer esse tipo de trabalho, mas a gente está sentindo dificuldade e não vê nada assim para frente, como eu posso fixar pessoas...

NA - Interessado, pessoal nisso.

LR - Concurso, concurso, está bem, mas eu não tive vaga para esse concurso e o concurso aqui tem um perfil, se não tiver perfil você nem entra.

NA - E aí, bom, vai parar isso? Ele falou o seguinte, que a dele é de *bacillus* mas tem outras coleções, na Virologia, outras pessoas que tinham, que foi levantado na época e tal.

WH - Na bacteriologia também tem outras coleções.

LR - Tem, tem de enterobactérias, mas aí nós tivemos a preocupação de cole... Existe o seguinte: você pode juntar microrganismos, encaixotar centenas, milhares e aquilo ficar ali, você só mexe, uma outra pessoa vai te pedir isso. Mas a coleção que nós estamos fazendo, queremos instituir aqui é como se fosse possível, não digo Biblioteca Nacional, mas que fosse dentro do laboratório um órgão muito ativo, com vida própria, com este tipo de trabalho. Seria para prestação de serviços envolvendo ensino, de pesquisa e serviços. Atendendo a área de ensino, a área de produção, ou seja, indústrias podem se reportar a nós aqui. Isso existe sem qualquer compromisso, aparece aí, fulano vem, às vezes, se desloca alguém de algum estado para passar alguns dias aqui com a gente discutindo, resolvendo algum problema industrial. Outro dia apareceu alguém com um problema lá de *bacillus* dentro da fábrica, outra vez foi um que tinha problema na fábrica de gelatina, tinha um *bacillus* que parecia estar incomodando aquela fábrica, destruíam... essa gelatina que a gente usa aí para alimento, indústria de alimento.

NA - Essas prontas. E o senhor ajudou resolver?

LR - Eu acho que sim, acho que ajudamos a dar uma série de conselhos no fluxograma da fabricação. Algumas coisas eles faziam já sabiam e outras coisas nós reforçamos e eles adotaram para sanar problemas de esporos e de *bacillus* que apareciam em gelatinas e deterioravam o material. Fizemos uma investigação de microrganismos para eles, que poderiam estar aparecendo lá. Então a gente presta esse tipo de ajuda, esporadicamente aparece, ou então a universidade. Então, a coleção, ela tem essa missão...

NA - Mas o senhor tem a vontade de instituir isso como uma estrutura, como o senhor está falando, de serviços?

LR - Um centro ligado ao laboratório, pertencente ao departamento. Não é criar uma unidade independente, não. Ela é dependente, está dentro da estrutura, mas tem seu pessoal especializado e isto dá tese, isto é tecnologia, é biotecnologia.

NA - E tem uma relação para fora da Fiocruz importante.

WH - E capta recursos.

LR - E capta recursos, é lógico. Então, não é alguém que guarda, mas que não faz isso. Agora para a gente prestar serviço...

NA - Fica aquele conceito meio de museu assim, que é uma coisa meio intocável. Você entra lá e não se mexe. Um centro de museu antigo, que é uma coisa intocável, de ficar armazenando coisas.

LR - Agora, nós dedicamos um tempo num sentido de criar utilidade. Eu notei que no ano de [19]96 o nosso trabalho com a coleção foi diminuindo muito. Por que? Porque nós não temos o pessoal para trabalhar. Se você for olhar, quem que nós temos aí dentro? Eu vou te dizer, nós temos dois estatutários, o resto é bolsista, o resto... E não tem mais bolsista porque não tem mais bolsa. Então: “Como é que você está..”, não sei como é que eu estou aguentando o pessoal. Talvez, uns estão por amor à arte, uns estão por consideração, não sei até onde isso vai durar.

WH - Quer dizer, hoje, Dr. Leon, no seu laboratório tem o senhor e mais duas pessoas que são da instituição?

LR - Nesse laboratório e somos 14. Se você me perguntar como é que são os outros?

NA - Quer dizer, que os outros 11...

LR - Dois são de convênio, um terminou bolsa, os outros terminaram bolsa, não tem mais bolsa, não tem mais bolsa. Então, como não posso fixá-los aqui com o dinheiro do governo, porque isso não é possível, a não ser por concurso, mas para o laboratório não foram dadas as vagas. E nós pedimos em tempo hábil, o departamento pediu, o laboratório tal precisa de tantos, tantos de nível superior, tantos de nível médio.

NA - O senhor é chefe do departamento hoje?

LR - Eu estou substituindo o Dr. Claude que está de férias.

NA - Mas o mandato é dele nesse momento.

LR - O mandato é dele.

NA - O senhor está só substituindo.

LR - É.

NA - Hoje quem é o chefe do departamento é ele.

LR - Isso. Então, não sei. Esse aspecto está horrível porque eu não vejo como resolver. Agora, aonde eu busco saída? Eu busco fazer acordos, vender ideias, fazer projetos para...

NA - Na universidade o senhor não tem como fazer umas trocas lá não? Trazendo pessoas de lá para cá, com a universidade.

LR - Mas...

NA - Não tem sido uma saída possível para o senhor?

LR - Como é que...

NA - Uns empréstimos (RISOS), umas seções de gente de lá para cá, gente interessada em fazer um trabalho aqui.

LR - Sim, mas o que vou fazer com o pessoal que está comigo, que aprendeu...

WH - Que o senhor treinou, que o senhor orientou...

LR - E que queremos ver se faz mestrado, doutorado. Quer dizer, eu quero fazer futuros nomes no negócio. Eu tenho que fazer, eu não vejo de outra maneira.

WH - É, e, por outro lado, deve ser desestimulante, o senhor não tem como troca na formação dessas pessoas, a garantia de que elas sejam contratadas.

LR - Exatamente, exatamente.

WH - O senhor acaba tendo papel exclusivamente de formador e não de garantir trabalho, pesquisas para essas pessoas.

LR - Eu já mostrei a vocês um pouco da coleção?

NA - Não.

LR - Então hoje antes de sair a gente vê.

NA - Claro! Claro! Agora, eu queria perguntar, esses dois estatutários que estão com o senhor se tem nível de doutorado, mestrado?

LR - Não, um está fazendo fora.

NA - Mestrado?

LR - Ah, os dois estão fazendo.

WH - Doutorado?

LR - Isso.

NA - São doutorandos. E o resto dos outros 11 são estudantes, o senhor pode falar para mim?

LR - São estudantes.

NA - De Iniciação Científica, pós-graduados?

LR - Tem de iniciação, tem aperfeiçoamento... Essas bolsas acabaram, um ou dois anos acabam.

NA - E aí?

LR - Tem aluno da [Escola Politécnica de Saúde] Joaquim Venâncio fazendo...

WH - O politécnico.

NA - O senhor tem usado, tem aproveitado, é interessante para o senhor? Ou é mais interessante para eles? O senhor acha interessante esse tipo de troca lá com a Joaquim Venâncio?

LR - Eu acho interessante. Agora, se você disser: “Bom, isso aí é importante”, importante não, para o trabalho não. Todavia, o que a gente vê de bonito, de bom, de gostoso é que eles mandam sempre meninos formidáveis para cá, em geral, no mínimo são garotos que poderão ser educados para serem profissionais. Então, isso estimula a gente, a mim e aos colegas que estão mais perto deles.

NA - Que convive diariamente.

LR - Que convivem com eles, uma orientação maior do que eu estou dando. Então, vale por isso saber: “Olha, o cara é bom”, então vale a pena você perder aí um pouco do seu tempo e ganhar esse tempo de outra forma ajudando na formação dele. Então, já passaram por aqui meninos interessantes.

NA - Essa equipe que o senhor montou, essa que a gente está falando, nos anos 60, e um pouquinho nos anos 70 eu não entendo o que o senhor falou. Nos anos 60 era difícil, não tinha financiamento para pesquisa. A bolsa era difícil também. Uma pergunta que eu ia fazer é o seguinte: como é que vinham os alunos nos anos 60? O senhor oferecia o que? Que tipo de coisa?

LR - A bolsa.

NA - Tinha do CNPq? Mas de onde saía essa bolsa?

LR - A bolsa do CNPq. Eu tive muita gente que ajudamos a formar e elas estão trabalhando em outros lugares.

NA - De iniciação científica?

LR - De iniciação científica e aperfeiçoamento.

WH - Na década de 60?

LR - Não, 60 não, era 70... Bom, é lógico que a gente tem que ganhar um currículo, para você também entrar nessa disputa, você tem que de alguma maneira mostrar que eu cheguei a um ponto que o examinador, aquele que vai julgar ele: “Ah, esse cara já tem alguma cancha, então vale a pena conceber uma bolsa”. Então, em 64 eu acho que não tinha muito isso. Na década de 60, deixe-me ver, provavelmente já tivesse. Por que? Eu vou citar um nome de uma colega que hoje me substitui na universidade, ela começou aqui comigo. Foi minha aluna na universidade, eu trouxe para cá, foi bolsista do CNPq e hoje é professora da Universidade Federal Fluminense. E deve ter outros aí também, já passaram por aqui, outros que estão em outros setores da Fiocruz, não estão aqui.

NA - É porque eu pedi para o senhor fazer uma comparação. Eu estou perguntando isso pelo seguinte: o senhor acha que hoje, hoje é dos anos 80, meados dos anos 70 para cá, foi mais fácil atrair alunos, atrair pessoas interessadas no trabalho do que no início dos

anos 60, quando o senhor mesmo ingressou na carreira de pesquisa? Pela dificuldade de se manter, porque, cadê os recursos para manter as pessoas? O senhor acha que não é mais fácil hoje do que naquela época?

LR - Em princípio eu diria acho que é a mesma coisa. Aqui no laboratório já passou muita gente, muita gente. Afinal, nós estamos trabalhando indústrias e alguns são professores, outros deixaram de trabalhar no ramo da biologia. E até hoje a gente consegue trazer jovens interessados, até universitários. Nós temos alguns aqui, vocês vão ver, é uma população que habita o laboratório. Os jovens são universitários, estão ganhando as bolsas, isso sim, não é? Você tem que ter... Veio gente admitindo ou não receber bolsa, mas isso eu sei que fica por algum tempo, porque ninguém pode ficar pagando alimentação, se bem que a instituição dá, mas tem que ter alguma coisa para passagem, tem que ter algum. Então, eu não vejo assim muita diferença não. Eu já tive, não guardo de cabeça, mas muitos estagiários, muitos bolsistas aqui. E desse punhado, eu acho que isso é comum em muitos laboratórios, você tem muitos e alguns é que mostram pendor, que gostam.

NA - Vai selecionando.

LR - Exato, é uma seleção até natural. Eu tive gente que estagiou aqui, ganhou uma cancha, depois, quando abriu a Gama Filho, foi trabalhar no Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Paulino da Gama, por exemplo. Dois foram trabalhar, mas, logicamente que as primeiras letras eles ganharam aqui. Então, não vejo muita diferença não. Agora, a gente também não pode oferecer muito e fixar, a fixação é uma raridade. Então, no frígir dos ovos, o laboratório sofre, ele poderia...

### **Fita 5 – Lado A**

NA - Quer dizer, não é que não tenha mantido o fluxo de alunos, mas o problema é a fixação.

LR - O problema é a fixação.

NA - Que implica em menos produtividade.

LR - Exato. Isso faz com que a gente ensine, a pessoa adquire alguns conhecimentos e depois e se vê forçada a ir para outros lugares prestar o seu trabalho em outros setores. E a gente acaba perdendo. Em relação ao laboratório isso não quer dizer que seja uma coisa muito igual em todos, mas que tem uma parecência, isso não há dúvida.

NA - Isso eu acho que é algo bastante comum na Fiocruz, bastante, não é só aqui. Bom, mas enfim, essa equipe hoje, atual, ela foi montada a partir de que, dos anos 80?

LR - É, não a atual...

NA - Porque já mudou, o senhor falou que mudou muita gente.

LR - Um dos estatutários está aqui, vem dos anos 80, não há dúvida. Os dois estão aqui. Nos anos 70 eu tive uma pessoa que eu consegui trazer para cá na época em que havia

um sistema de avaliação e que era o regime CLT vigente na época. Então, ali nós pudemos fazer a contratação de uma pessoa, nós conseguimos e só que essa pessoa não se deu bem no laboratório e está prestando serviços em outro laboratório. Foi uma pena, porque poderia ser um doutor, agora, com linha própria, independente cultivando outros, mas está em outro lugar, isso foi uma pena. Mas surgiu na época em que se podia contratar.

NA – Eu sei que o senhor já falou, mas esse problema da fixação é complicado.

LR - Vale a pena sublinhar o seguinte: os dois que estão aqui, na época de 80, foram graças ao acordo com a Finep que a gente pode... Porque havia uma cláusula que dizia: “Olha, fulano que estiver, no final do período da bolsa que a gente vai dar, será absorvido pela entidade”.

NA - Pela Fiocruz.

LR - Pela Fiocruz.

NA - Era a contrapartida da Fiocruz ao convênio.

LR - Era contrapartida, mas depois isso parece que não ficou muito legal, porque o governo achava que era uma maneira de introduzir pessoas no serviço público. Mas, como, eu estava dizendo, a gente tem 30 anos ou mais, a gente está vivendo concurso agora, mas o concurso também não resolveu. Mas antes qual era o sistema de você colocar as pessoas para dar continuidade a essa... Era assim: lavador de vidro, bolsista, estagiário, bolsista, aluno de pós-graduação, é uma pessoa se transformando até ele vir a ser presidente da Fundação. Exemplo típico, Dr. Hermann Schatzmayr, ele começou debaixo aqui. Não sei se o Dr. Hermann lavou vidro, mas quase. No laboratório estava trabalhando, pesquisando, aprendendo, treinando, fazendo aonde podia, fez concurso, e treinando...

NA - Mas esse problema da fixação, eu ia perguntar ao senhor; eu não sei se o senhor concorda comigo, este é um problema central de continuidade de qualquer instituição científica.

LR - É.

NA - Porque eu ia lhe perguntar, se o senhor não conseguir um mecanismo de fixação, se bem que o senhor já tem com os dois, os dois estão fazendo pós-graduação, o senhor precisa ter sênior aqui dentro, o senhor está formando e tal, tem que ter formal e tal. Mas, para aumentar isso, para ampliar isso, o senhor precisa ter mecanismos de fixação. Se não for assim, qual é a continuidade desse laboratório?

LR - Olha, ela é duvidosa, está em risco. Então, eu vou lembrar a você o seguinte: o Instituto Oswaldo Cruz já teve técnicos trabalhando com brucelose, hoje não tem ninguém e a coisa cai no esquecimento.

NA - Técnicos que o senhor está falando técnico de nível médio?



LR - Não, pesquisador. O Departamento de Bacteriologia, entre outras coisas, fazia pesquisa e ajudava no diagnóstico da doença. Como é uma doença não muito comum e o conhecimento de como diagnosticar não é em qualquer setor, em qualquer lugar que tenha esse conhecimento. Esse era um tipo de vantagem que essa instituição possuía, de ter este conhecimento e ajudar. Então, a praça, eu estou chamando de praça a comunidade, ela recorria ao Instituto Oswaldo Cruz para fazer isso, o diagnóstico de brucelose. Carbúnculo hemático, não carbúnculo sintomático, não a Manqueira, mas o carbúnculo esse que os magarefes ao se ferirem, os bacilos entravam nos poros e produziam a lesão. Também tinha gente que sabia diagnosticar isso aqui e contribuir para o tratamento dessa pessoa. Eu estou falando de algumas coisas, de bactérias, mas não estou falando para o lado de protozoologia ou de protozoários, da área de micologia. Podem estar certas... Agora, *paracoccidiosis* a instituição sabia diagnosticar isso aí. Deve estar sabendo ainda, mas o laboratório está funcionando? Não sei, mas a varíola desapareceu, e cadê o conhecimento? Está guardado esse conhecimento ou se você repentinamente precisar, você tem que começar do zero praticamente. Olha, clostrídium, anaeróbios, nós tínhamos no laboratório, saiu a pessoa. Não houve interesse da instituição continuar com isso, não tem no Instituto Oswaldo Cruz quem faça anaeróbios, ou talvez na Fiocruz, quem trabalhe com bactérias aneróbias. O que mais... *Coccus*, *coccus* patogênicos, não temos ninguém trabalhando com isso e é importante, *Stafilococcus*, *Streptococcus*, é importante e mais ainda, para talvez colaborar com Bio-Manguinhos na feitura de vacinas contra a meningite, por exemplo. Tuberculose, tinha espertos em tuberculose trabalhando no Instituto Oswaldo Cruz, ajudando a comunidade. Eu citei um nome, o Laerte Manhães de Andrade. Com a saída do Laerte Manhães e a morte do último que ainda ficou segurando um pedacinho que foi o Dr. Oswaldo Cruz Filho, fazendo a tuberculina no seu laboratório, hoje pode ser que o pessoal da micobactéria, da lepra, hanseníase ainda mantém o micobacterio da tuberculose, que não é o da lepra, mas é primo irmão, fazem lá a tuberculina bruta.

NA - Eu estive lá fazendo entrevista com a Maria Cristina, não sei se o senhor conhece, uma pessoa ainda bem jovem.

LR – Quem? A Pessolani?

NA - É, a Maria Cristina, ela me disse da importância... Todo mundo sabe da importância da tuberculose hoje, mas ela disse que desapareceu. Elas têm lá, estão fazendo, dedicam-se, mas não é uma coisa integral, porque na verdade o problema delas é lepra.

LR - Mas o laboratório chegava a ajudar, trabalhava, às vezes, ajudando não sei o quanto, mas alguma coisa ajudava, o hospital de isolamento...

NA - São Sebastião.

LR - São Sebastião, no Caju. Então, havia várias maneiras de ajudar a área de tuberculose aqui. O Instituto Oswaldo Cruz participava disso. Deixa eu ver alguma coisa... Fazer a vacina contra a febre tifóide. Dá uma enchente, a começa: “Ah, a leptospirose, a febre tifóide”. Eu não sei se há um laboratório em São Paulo que está fazendo a produção de febre tifóide.

NA - O Butantan, o Butantan não faz isso...

LR - Pode ser, o Butantan já trabalhou com toxinas de botulino, que é um negócio...

(INTERRUPÇÃO)

LR - Então, tem muitos laboratórios que com a morte ou a transferência do cabeça desapareceram, não tiveram continuidade. Difteria, que trabalha com toxina diftérica aqui, alguma coisa em Bio-Manguinhos se tenta fazer, mas aquele pesquisador, conhecedor de causas, dedicado aquilo, você não vê mais.

NA - Na verdade, a Fiocruz não tem nenhuma política ou um tipo de discussão... Tem algum tipo de discussão dentro do Instituto Oswaldo Cruz, não precisa nem falar da Fiocruz, com relação a isso? Quer dizer, o que é importante manter aqui? Tem alguma coisa nesse sentido, Dr. Leon? O que seria importante o Instituto investir...

LR - Para não cometer injustiça...

NA - Tem algum tipo de discussão dessa natureza?

LR - Tenho impressão que não.

NA - O senhor nunca participou disso.

WH - Isso parece ser mais uma iniciativa pessoal, individual, do pesquisador de manter um... Aliás, em falar em manter um trabalho, eu ia lhe perguntar, o senhor trabalhava junto com o Gobert, e, com a saída dele o senhor ficou como chefe do laboratório, digamos assim. Foi aí que o senhor definiu uma área de trabalho, que foi canalizando para esse setor que o senhor até hoje trabalha? Eu queria que o senhor contasse um pouco como é que foi...

LR - Foi. O que você perguntou da fidelidade...

WH - Eu queria voltar um pouquinho a esse tema.

LR - Olha, você está falando em fidelidade, eu já ouvi falar em pesquisadores que eles ganham tanto conhecimento, se tornam cientistas e, então, raciocinam com qualquer modelo, sendo o modelo um vírus ou uma bactéria ou uma levedura ou um fungo.

WH - Pode ser também uma técnica, o senhor ter uma técnica que se aplique a qualquer germe.

LR - Pode, exatamente. Eu não procurei variar, mas não quer dizer que eu não possa de repente, trabalhar com uma levedura aqui. Nós teremos elementos suficientes, pelo menos, para dar início à coisa, você está entendendo? Por exemplo, se, de repente, for interessante trabalhar com... Tinha um assunto que alguns me abordavam, da Impal, para quem a gente fez um desenvolvimento, um processo de produção de inseticida...

WH - O senhor contou para nós na entrevista passada.

LR – Celulase: “Ah, celulase, importante, porque a empresa...”.

NA - O que é celulase?

LR - Celulase é um complexo de enzimas que destrói a celulose.

NA - Ah, papel, madeira...

LR - Ela destrói em termos, ela vai cortando pedaços da estrutura química até chegar no açúcar, na glicose. Por exemplo, celulose é constituída de açúcar, de glicose. Então, tudo bem: “Ah, você podia mandar um projeto”. “Espera aí, não é assim, mandem vocês uma carta convidando a gente”. Mas aí, dentro da problemática da empresa eles param com isso durante algum tempo. Celulase para eles, por exemplo, teria mercado em trabalhar em cima do jeans, para desbotar, fazer aquele aspecto *stone washed*. Você usa essa enzima, então, está mais fácil, parece, comprar do exterior do que fazer aqui. Então, eles pararam um pouco com essa história. Tendo um grupo de quem eu possa orientar e possa dele exigir, a gente poderia iniciar um trabalho de pesquisa voltado para produzir celulase aqui, um processo de produção. A industrialização já é outra etapa, como é o caso aí do inseticida. Então, eu dei um pequeno exemplo, ou então, é fazer algum...

NA - Sim, mas veja bem, quando eu falei fidelidade, eu não estou falando que o senhor esteja limitando o seu horizonte de pesquisa não. Quando o senhor falou que tem pesquisadores que trabalham com modelo e com esse modelo eles podem ir para vários... Porque eu tenho ouvido, por exemplo, pessoas que trabalham com [Doença de] Chagas, agora estão dizendo que Chagas não tem muito mais o que fazer, vai para Leishmaniose. Também não é assim, porque é complicado passar de uma coisa para outra, mesmo que você esteja trabalhando com modelo experimental de *Trypanosoma cruzi*, eles não são obrigados a reconhecer isso, não é? Então, quando eu digo a fidelidade no sentido de permanência do seu interesse por um assunto científico, por uma curiosidade, um assunto de investigação, é nesse sentido.

LR - Porque eu não vou saber te explicar.

NA - Mas o senhor concorda com isso pelo menos? Existe essa coerência na palavra fidelidade na sua trajetória científica?

LR - É, eu abracei, eu gosto desse microorganismo.

NA - É, mas como é que o senhor definiu isso lá no início? Essa era a pergunta dela.

LR - Como eu defini?

NA - É, quem queria que o senhor fizesse *bacillus*?

LR - Eu acho que foi o tempo que foi me dizendo: “Continue, este aspecto é interessante, olha que bacana, continue”. Logicamente, se você perguntar a um colega assim: “Escuta, fale porque que o Leon está trabalhando com *bacillus*, você que trabalha com clostrídium tetânico”. Esse colega que trabalha com clostrídium tetânico vai dizer: “Bom, porque ele

está trabalhando com o mais fácil, está com medo de trabalhar com aquilo que eu trabalho”.

NA - Ah tem isso? (RISOS)

LR - “O laboratório dele não tem os riscos que o meu tem. Clostridium tetânico eu posso causar uma desgraça aí muito grande se eu não souber trabalhar com ele e eu preciso trabalhar com ele porque eu vou produzir uma toxina e com a toxina eu produzo o antígeno que protege as pessoas que precisam da vacina antitetânica ou até o soro antitetânico”. E pior do que clostridium tetânico seria o *Clostridium botulinum*, uma molécula da toxina pode acabar com alguém.

WH - Contaminação, os riscos são muito maiores, são muito maiores.

LR - Os riscos são muito maiores, você tem que ter gente muito... você não andar falhando lá.

NA - Habilidade.

LR - Não é só habilidade, você não pode deixar nada escapar...

NA - Segurança.

LR - Segurança, se não você pode... Que risco? Você tem um punhado de risco, uma pessoa se contamina e morre da doença. Então, você pode contaminar áreas, algumas pessoas tenham a doença e são doenças fatais.

NA - Nesses laboratórios tem jovens?

LR - Botulismo pode ser fatal, a não ser que consiga tratar em tempo com soros antitóxicos.

NA - Nesse laboratório tem jovens? Confia-se nesses jovens?

LR - Se tiver eles vão ter que ser muito bem treinados.

NA - Porque é perigoso.

LR - É perigoso, não há dúvida que é perigoso. Então, você tem que ter gente muito capacitada..

WH - Hoje não tem ninguém trabalhando com esse tema aqui no IOC?

LR - No IOC não, mas no Butantan tinha. Eu assisti o pessoal trabalhando com *Clostridium botulinum* para fazer... Eles faziam toxoide, a vacina e, principalmente, o soro antibotulínico. Então, a fidelidade é isso: eu gostei do tema, só não faço mais porque não estou conseguindo fazer mais.

WH - O senhor herdou e manteve...

LR - A ideia que me foi passada eu fiquei trabalhando com ela. Busquei os centros...

NA - Mesmo sem o Gobert perto, que lhe influenciou inicialmente o senhor continuou com esse assunto.

LR - Claro.

NA - Mas ele foi fundamental para isso.

LR - Agora, eu dei a minha conotação pelo tipo de formação que eu possuo, porque se ele estivesse aí ele buscaria talvez outra conotação pela formação que ele teve. Ele era médico e eu sou farmacêutico químico. As associações são importantes porque na troca de conhecimentos, você cria, às vezes, uma coisa mediana importante, é o somatório que vem dos dois, mas de qualquer maneira a coisa caminha por aí. Como você falou, eu fiquei com a influência dele.

NA - Esses dois estatutários eles estão fazendo formação em que? Qual é a área?

LR - Estão trabalhando com essas bactérias entomopatogênicas...

NA - Não, mas eu digo, disciplinarmente a pós-graduação é feita em quê? O senhor encaminhou para alguma coisa de química, alguma coisa por aí, não?

LR - Não, na área de controle, procurando sempre controle de vetores. O vetor transmite o agente etiológico na doença que nos interessa aqui...

NA - A pós-graduação é aonde, é aqui na UFRJ?

LR - A pós-graduação é aqui na Federal Rural do Rio de Janeiro.

NA - Os dois?

LR - Uma outra está na Universidade de Brasília, UnB.

NA - Mas esta pós-graduação da UnB é o que?

LR - É, doutorado.

NA - Mas em que?

LR - Na área de, vamos chamar, de genética dessas bactérias entomopatogênicas. Não vou exagerar, mas tocaria de leve no que é chamado de engenharia genética, um toque assim de leve.

NA - Quem trabalha com genética?

LR - Aqui? Dr. Win [Degrave], a esposa do Dr. Win, mas outros do DBBM [Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular], mexem com isso.

WH - O senhor já mexe com esta área ou está justamente formando gente para isso?

LR - Eu estou querendo é isso. Eu preciso, por necessidade de serviço, fazendo de conta que nós não temos nenhum problema, nenhum desses que nós estamos falando, eu tenho que formar gente nessa área por necessidade de serviço. Por que eu chamo de necessidade de serviço? É que a gente tem que acompanhar a evolução das coisas sem abandonar o mundo de conhecimentos que a gente tem para trás. Isso é importante, não é: “Larga o que está fazendo que agora tem uma novidade aí”.

NA - Não pode parar a sua coleção de bacilo em função da Biologia Molecular...

LR - Exato, exato.

NA - A Biologia Molecular vai usar aquilo.

LR - Tem que fazer, tem uns conhecimentos aí, caminhar, penetrar, mas não pode abandonar certas coisas, porque senão você vai tender no futuro a esquecer o elementar, o básico.

NA - Tem gente que diz, por exemplo, Biologia Molecular não se faz sem as informações da sua coleção de microorganismos.

LR - Exatamente, senão comete erros.

NA - Que eles precisam das informações e estão nessas coisas, como por exemplo isso.

WH - Agora, Dr. Leon, uma coisa que me chamou atenção: o seu campo assim, digamos de aplicação, porque o senhor tem uma linha de pesquisa, não sei nem com quantos projetos, o senhor até poderia nos dizer mais ou menos como é que ela... Mas o seu campo de atuação é especificamente na área de controle biológico de vetores ou o senhor vê alguma outra possibilidade nesse campo, no campo que o senhor está trabalhando de *bacillus*?

LR - O campo de bacilos é vastíssimo...

WH - Mas aqui no seu laboratório?

LR - Aqui no laboratório nós estamos despendendo uma grande quantidade de tempo no controle de vetores e no conhecimento das bactérias que estão industrializadas e outras que ainda não estão industrializadas, mas que podem ser algo melhor, em relação àquelas que estão industrializadas. Então, existem diferentes tipos de enfoques, enfoques voltados para a célula do microorganismo, então tem gente aqui que já fez tese sobre isso. Não quer dizer que revolucionou, não revolucionou nada, mas, antes de revolucionar, às vezes, a gente começa a aprender para poder revolucionar. Se você não conhece não vai sair nada. Então, às vezes, para você ganhar conhecimento é preciso repetir o que os outros já fizeram, como treinamento.

NA - O mesmo caminho. Mas para o senhor seria importante engenheirar uma bactéria aqui, não seria?

LR - Seria.

NA - Com esse conhecimento da Engenharia Genética, ao conhecimento que o senhor tem, isso acrescentaria uma técnica importante para aquilo que o senhor faz.

LR - Exato, então eu estou procurando injetar outros colegas jovens em algum ponto desses. Mando para o Instituto de Microbiologia, mando para algum colega daqui do Instituto para, em associação, tentar caminhar para isso aí ou mando para o exterior, tento mandar para o exterior. Tento porque, às vezes, é preciso que a pessoa também se deixe, queira, saiba, possa.

NA - Esteja interessada nisso também.

LR - Não é? Se dedicar, passar uma temporada lá fora para ganhar o conhecimento para ver e montar o seu canto aqui. Monta e começa tá, tá... e vai crescendo...

NA - O senhor abriria um espaço para isso, certamente?

LR - Claro, claro, isso é lógico. Os espaços estão abertos aí, só falta o pessoal querer, querer mais, querer mais. Bom, então, deixa dizer uma coisa, engenheirar? Nós temos uma associação com uma universidade escocesa. A associação é feita com um pesquisador. Ele é o elo dessa universidade. Fez um projeto na Europa e gostou, por qualquer motivo, daqui do laboratório da gente. Às vezes, não é só gostar da capacidade, é gostar assim...

NA - Ter empatia.

LR - Se dar bem. Porque às vezes o cara pode ser um grande luminar, mas não se dá bem e nada sai. Então, esse pesquisador resolveu investir colocando também o nosso laboratório no contexto da pesquisa dele. A coisa girou mais ou menos da seguinte maneira: ele tem pesquisadores brasileiros com ele, tem pesquisadores estrangeiros trabalhando nesse projeto. Para nós coube isolar microorganismos que provavelmente para eles são desconhecidos, brasileiros, microorganismos aqui do nosso solo, nosso ecossistema. Nós mandamos esses microorganismos para lá, juntamente com informações que nós obtivemos quando ele mandou os microorganismos deles para cá. Nós fizemos um *pool* e fizemos verificação de características desse *pool*. Esse *pool* tinha microorganismos do mundo todo, de diferentes regiões geográficas, inclusive uns 30 brasileiros, somando 70 e tantas linhagens no total. Então, mandamos essas informações. O objetivo dele era escolher microorganismos que pudessem ficar mais tempo na natureza com essa atividade mosquitocida para determinado tipo de larva de mosquito, que não desaparecesse fácil da natureza para poder fazer durar mais o efeito mosquitocida.

WH - A gente falou na última entrevista que essa malinha que o senhor estava desenvolvendo, foi.

NA - É, mas em relação ao seu inseticida, lembra? Que o senhor estava tentando fazer isso.

WH - Que o senhor estava tentando aumentar o prazo de duração dele.

LR - Mas aqui, que eu estou falando, isso é uma pesquisa com ele, que é o cabeça, coordenador geral...

WH - O senhor pode dizer o nome dele?

LR - Posso. Fergus Prist, da Heriot Watt University.

NA - Da Escócia?

LR - Da Escócia e graças ao pequeno dinheiro que ele manda para cá, a gente tem como ficar quebrando galho.

NA - Mas o objetivo dele é fazer uma bactéria transgênica, chama-se transgênico?

LR - O objetivo dele é fazer um transgênico. Então, a gente deu um monte de características. Por exemplo, essa bactéria resiste ao sal, a altas concentrações de sal. Nós encontramos, ele ganhou a informação, existem altas concentrações de metal pesado, existe a presença de inseticidas no meio onde ela está, inseticida químico. Então, ele procura microorganismos dessas características. Ele tem um gene de algum lugar e vai botar esse gene... Gene de que? Da toxina mosquitocida, não é gene maluco aí.

NA - É um específico.

LR - Exato. Então, ele acabou de mandar a semana passada quatro transgênicos para cá para a gente fermentar isso e, controladamente, experimentarmos em larvas de mosquito. Controladamente significa que nós não vamos fazer isso no campo sem termos certeza de que nós podemos avançar em qualquer sinal. Do contrário, a gente pára. Por causa dos transgênicos...

NA - É, não vai soltar isso aí na natureza.

LR - Não podemos.

NA - Vai fazer isso no laboratório?

LR - Fazer no laboratório com controles, para evitar escape, mas ele mandou quatro. Quer dizer, eles conseguiram fazer quatro porque eles querem saber agora se estão...

NA - É o resultado dessa consulta internacional dos vários microorganismos que todo mundo mandou para ele?

LR - Exato. Esses quatro... Ele mandou do acervo dele para cá. Nós pegamos o nosso aqui, colocamos neste conjunto. De todos tiramos as características e mandamos para ele.



E lá ele começou a estudar quem... “Esse aqui vai entrar na brincadeira, este aqui vai entrar na brincadeira”. Então tem quatro.

WH - Por isso que é interessante para o senhor também desenvolver essa área de Engenharia Genética. É um caminho aberto assim com perspectiva para essa...

NA - Quanto tempo começou esse programa?

LR - Porque a ideia é que eu faça aquele tipo de cérebro aqui, pelo menos teoricamente.

WH - Até com outras finalidades.

LR - Isso é importante.

NA - Há quanto tempo o senhor está com essa cooperação com ele?

LR - Formalmente ela deve estar há uns três anos.

NA - O senhor o conheceu como?

LR - Pela literatura é um ponto. Agora, pessoalmente, fisicamente, quando alunos daqui foram fazer curso em Campinas onde ele estava dando aula e depois se interessaram em conhecer o laboratório. Vieram para cá, mantivemos contato e foi num crescendo, de tal maneira que eles já vieram aqui convidados para participar de simpósio de controle biológico. Eles já vieram umas duas vezes, talvez venham mais... Eu estou usando o plural porque são alguns pesquisadores, isso vai rendendo. Então, eles se interessaram.

NA - Eles estão sediados na universidade lá?

LR - Eles são professores da universidade e pesquisadores da universidade. Professores e pesquisadores. Esse é um caso tem outros. E agora...

NA - Quer dizer que eles estão querendo produzir os transgênicos na universidade ou vão entregar isso para uma indústria ou qualquer coisa assim? O senhor tem ideia disso?

LR - O projeto é usado assim. A malária, países tropicais... O projeto quem financia diz o seguinte: “Olha, tem que ter um país europeu com outros países que necessitam...”.

NA - Onde tem malária.

LR - Onde tem malária.

NA - A OMS, são as regras...

### **Fita 5 – Lado B**

LR - ODA, a gente chama de projeto ODA.

NA - Isso é um código (RISOS)

LR – É um código, ODA é *Overseas Development Agency*? Qual é a sigla da ODA?

NA - Porque eles colocam um país do terceiro mundo onde tem malária, é quase como exigência disso aí.

LR - Eu acho bom até fazer um parêntese para lembrar o seguinte: eu não acredito, isso para evitar qualquer tipo de prurido, que nós estamos servindo de lugar de experimento.

NA - Eu ia lhe perguntar isso. O que o senhor acha disso?

LR - Nós até precisamos tomar muito cuidado com isso, porque, às vezes, pode ser e eu acho que muitas vezes não é e o país perde. O país perde. Deixa então eu lembrar o seguinte: há muitos anos atrás, quando eu estudava, a gente ia ter aulas de antibióticos. A gente sabia que o Brasil produz antibiótico e levavam a gente para ver uma fábrica de antibióticos. Nos levaram nessa fábrica aí eu vi: “Que diabos, a gente não está produzindo, a gente está envasando”. O antibiótico é comprado no exterior, é embalado, então monta só a parte... A matéria prima vem pronta, só falta fracionar. É importante dizer que está sendo fracionado lá. “É importante eles ficarem com a sensação de que produzem, mas não produzem. Eles estão sempre nas nossas mãos”. Então, tem a barrica, essa barrica tem que entrar sete chaves dentro do ambiente. Dentro do ambiente você gasta, investe um pouco, faz cantos arredondados, azulejos, bota filtro estéril. Bota um cara vestido de marciano, com roupa estéril, entrou, está com a roupa estéril. Saiu, para voltar tem que tirar a roupa estéril e entrar, câmaras, anti-câmaras, não sei quê, faz aquele negócio de segurança, mas o que você está fazendo? A barrica veio do exterior e você está envasando em frasco ampola. Esta era a fabricação. Tempos mais tarde, de fato, nós começamos a fabricação. Foi no parque do eixo Rio-São Paulo, implantou-se várias fábricas onde a fermentação era feita aqui. A matéria prima era produzida aqui dentro e os técnicos brasileiros começaram a aprender. Hoje destruiu-se tudo, não tem mais.

NA - E viabilizou a indústria farmacêutica no Brasil, é isso?

LR - Não sei se a farmacêutica, mas de antibiótico... procura e vê quem fermenta penicilina. Quem fermenta tetraciclina? Quem fermenta a eritromicina?

NA – Não tem.

LR – Documentos ainda atrasados, informações: “Ah, mas a Cibram ainda está fazendo”. A Cibram deve estar quase acabando, é a última nacional que a gente sabe que existe aí.

NA - Isso acabou por quê?

LR - Não vamos discutir: “Comercialmente deu golpe ou não deu golpe”, “Faliu ou está em concordata”. Não importa. Eu estou olhando sob o lado técnico. Tem um punhado de técnicos lá que sabem fazer de cabo a rabo e não são estrangeiros.

NA - Mas isso acabou por que? Essa possibilidade?

LR - Não sei, eu acho que interesses, a China estava produzindo mais barato...

NA - Mas não tem um problema tecnológico nisso aí?

LR - Tem, também, acho que tem.

NA - Porque se a China está produzindo mais barato é porque ela está com alguma tecnologia lá...

LR - Bom, China está mais barato porque... não vamos discutir...

NA - É porque tem um bilhão de pessoas...

LR - A mão-de-obra é grátis.

NA - Mas não tem uma questão de técnica também, Dr. Leon?

LR - Tem, se for a técnica ele vão tender a se aperfeiçoar que eles não são bobos. Mas, qualitativamente parece que não é a mesma coisa. O que eles fazem aqui já deve ter uma cancha maior, tenho impressão. Mas o preço manda, então ganha o mais barato. Aí esse vai seguir a farmacopeia americana e a brasileira. A brasileira e americana. Então, vai seguir as especificações, tem que ser assim, assim, assim, assim. Agora, o chinês não vai seguir, necessariamente, a farmacopeia americana. Se vier um pouquinho pintado de amarelo: “Tudo bem dá no mesmo. Por isso aí mesmo que a gente está dando a preço de banana”. [falando com alguém da sala] Obrigado.

NA – Vamos ver o que quer dizer ODA.

LR – *Overseas Development Administration*.

NA - Nunca ouvi falar. Agora, de onde é essa empresa, Dr. Leon?

LR - Europeia.

NA - Europeia, mas eu digo é privada ou governamental. O senhor não sabe?

LR - Eu vou dar um chute, eu acho que é privada.

NA - O senhor acha que é privada? Ela que está financiando então a universidade? Então quem vai produzir o transgênico é ela.

LR - Não acredito.

NA - A universidade vai ter estrutura para produzir isso?

LR - Não, não, não, nós estamos produzindo só conhecimento. A parte comercial, produção industrial são outros papos. Entretanto, o microorganismo está com a gente, quando eu digo a gente...

NA - Sabe porque eu estou lhe perguntando isso, sabe porque? O patenteamento disso, como é que vai ficar? Digamos que tudo dê certo?

LR - O patenteamento vai envolver a Fiocruz.

NA - Daqui até lá, imagino. É uma associação? Não sei, eu estou lhe perguntando, é uma associação?

LR - Diga melhor.

NA - É o seguinte, essa Overseas, não sabe se é governamental, o senhor está achando que ela é privada.

LR - Eu acho que é privada.

NA - Provavelmente, se dá certo o transgênico, se um dos quatro dá certo...

LR - Privada assim envolvendo um grupo de países, dinheiro que vem...

NA - E está relacionada com a universidade que está produzindo conhecimentos sobre isso.

LR - Pode ser do Reino Unido.

NA - Enfim, não importa, mas se dá certo, Dr. Leon, vai ter o produto, uma bactéria engenheirada.

LR - Você pode ter uma bactéria com sinais: "Olha, vale a pena colocar isso em escala industrial".

NA - Malária, em escala industrial. Quem vai produzir? Ela. Se for uma indústria privada, ela pode produzir ou passar para frente, mas ela certamente estará no pedido de patente disso. Agora, se isso envolve um pedido de patente, ela tem que considerar as pessoas da universidade lá na Escócia, mas aqui o senhor e outros parceiros que ela tem pelo mundo.

LR - Tem porque o projeto é claro.

NA - Ele diz isso? Ele chega a prever isso, Dr. Leon?

LR - O projeto diz quem está metido nisso.

NA - Ele prevê isso, patenteamento no final? Não?

LR - Não posso te dizer com certeza. Agora, para você patentear você tem que estar dentro de algumas regras. Você não pode fazer divulgação do produto, vamos ver como é que isso vai ficar. Divulgação assim...

NA - Nem congresso, não pode publicar nem nada.

LR - Exatamente.

NA - Publicar e nem falar em congresso nenhum, a não ser depois que entrar.

LR - Exatamente. 'OK'. Então, eles sabem disso. O que eu quero dizer a você é o seguinte: para onde essa coisa caminhar a Fiocruz deve ir junto.

NA - Posso lhe contar uma coisa? Desliga depois aí.

LR - No meu entender se tiver que chegar a esse ponto de patente, tomara que chegue, alguma coisa útil foi criada aqui. Acho que a Fiocruz vai ter a sua participação.

(INTERRUPÇÃO)

NA - Só para retomar o assunto, para não ficar meio estranho, é que quando o senhor comentou a respeito de que: "Eu quero deixar claro que eu não estou sendo usado no meu laboratório por um cientista do primeiro mundo"...

LR - Olha, é aquela velha história de que o cara vai fazer um veneno lá e você vai experimentar aqui. Você é o campo de prova. Não é nada disso.

WH - Mas é verdade, Dr. Leon, que hoje existem mecanismos de proteção muito maiores. Quer dizer, se tiver um contrato, se tiver uma patente é obvio que os mecanismos de proteção do trabalho que o senhor desenvolveu aqui vão, de alguma forma, estar implícitos no processo de patenteamento, não é? Ou uma coisa não implica na outra? Eu acho que não. Se desenvolver uma bactéria, havendo um contrato de que o senhor trabalhou junto, que a Fiocruz...

LR - Certamente eles sabem que eles estão condenados a ter que fazer um acordo com a Fiocruz. É isso que eu quero ressaltar para vocês.

WH - Aí o senhor estava dizendo agora que...

NA - Mas a Fiocruz não tem nenhuma estrutura e nem um escritório comercial.

LR - E, se isso chegar a esse ponto: "É uma bactéria importante, tem um valor comercial". A Asplan vai ficar sabendo. Eles vão negociar, mandar quem entende do negócio no jogo, para ver como é que ficar, quanto é que a instituição leva. Nenhum pesquisador do outro lado ou coordenador está por fora disso, você sabe disso. Agora, existe o aspecto... Ele não é um comerciante, ele é um pesquisador, um cara de peso nesse ranking aí. Não está aí fazendo fortuna. Ele está fazendo porque gosta, divulga e tem um produção científica enorme, entendeu? Então, não vejo perigo aí. E da nossa parte, logicamente, a Fiocruz vai estar, ela logo vai saber.

NA - A Fiocruz não, o senhor também, a propriedade intelectual do seu conhecimento, do seu trabalho, da sua equipe.

LR - Isso se o patrão achar que é assim, mas eu não vou dizer a ele que tem que ser assim.

NA - Que patrão que o senhor está falando aí?

LR - A Fiocruz, entende? Por isso, em prol de fazer a coisa e ir ganhando terreno e chegar ao fim: “Olha, fizemos isso”, eu assino com o grupo aqui, tudo que a gente já patenteou. Tenho três, quatro, cinco colegas sempre no bolo, todos assinam a seção dos seus direitos para a Fiocruz. Para poder entrar no INPI, a casa exige isso. Perfeito! É o que nós queremos. Nós não estamos aqui para comercializar com doença. Eu entendo muito bem que eu sou funcionário do governo, o governo vai me pagar.

NA - O senhor não acha que o senhor devia ganhar parte desses *royalties*, nem que fosse para investir no seu laboratório?

LR - Ah, no laboratório sim, acho.

NA - O senhor admite isso.

LR - Para o laboratório sim, não pessoalmente. Isso fica de acordo com que o patrão achar que deve. Se não achar que deve tudo bem, já ganhei o meu salário. É meio incrível a gente falar assim, mas é verdade, existe também.

NA - O que Dr. Leon?

LR - Isso, que não há interesse por trás de a gente querer se locupletar ou ganhar dinheiro com isso, porque aí a gente iria para a ‘[iniciativa] privada’ (risos)... quer dizer, para empresa privada.

NA - Mas olha só, primeiro, se tiver a possibilidade desses *royalties* serem repassados para o laboratório, digamos, para a infra-estrutura do laboratório, o senhor não concorda que isso também pudesse, diante da situação... Não vamos dizer isso, porque isso é muito complicado, mas em face ou em função da produtividade daquele laboratório, de alguns pesquisadores do seu laboratório, que parte desses *royalties* fossem complementar esses salários. O senhor não é favorável a isso? Salário, não infra-estrutura. O que o senhor acha disso?

LR - Em princípio parece que sim, mas se a gente pensar um pouco mais vai ver: “Bom, bota mais salário”. O outro do lado vai ficar com inveja, vai querer...

NA - O senhor sabe que isso está previsto na reforma do Estado, não é?

LR - É?

NA - É, está previsto. Esta diferenciação salarial, não pelos *royalties* de patente, mas pelo mercado mesmo; o próprio orçamento da Fiocruz poderá ser utilizado de acordo com a produtividade dos pesquisadores e aí vai estabelecer essa diferenciação salarial interna. Se isso se estabelece legalmente pelo Estado, por que a gente não pode estabelecer por alguma coisa tipo patentes e *royalties* que venham daí e se é do trabalho das pessoas? O senhor concorda com isso?

LR - O meu medo é, uma vez instituído isso, tem um lado de justificativas, as boas justificativas para que seja assim, mas eu fico com medo de, uma vez implantado, começar a aparecer umas coisas esquisitas que vão minando tudo isso aí, todo o belo e justificável que existe nessa história.

NA - Tipo o que? Fala com a gente?

LR - Fulano vai querer fazer um negócio, um trabalho visando lucro, visando...

WH - O senhor acha que a ciência acabaria se envolvendo com questões de mercado.

LR – Mercantilizando. É, eu acho que sim.

WH - Na verdade a pergunta é ao contrário: o senhor acha que a ciência não pode, não deve ser preocupar com questões de mercado, é isso?

NA - Se mercantilizar?

LR - Se mercantilizar. Então, ficar disputando, o outro ganha mais, competição, eu acho que tem uns riscos aí, sabe? Porque a gente não está trabalhando só como robôs, nós estamos trabalhando com seres humanos e seres humanos são suscetíveis a essa parte negativa, a deturpação de coisas. Aí eu ficaria com medo.

NA - Na verdade, a competição acadêmica tudo bem.

LR - Veja que eu estou falando numa coisa que pode ser contra mim, eu poderia estar: “Não, se eu fizer, descobrir eu vou ganhar dinheiro”. Não é isso que eu quero. É difícil acreditar, mas é. Se o governo garantir o meu salário, eu queria até que ele aumentasse, mas eu estou satisfeito. Eu não preciso fazer fortuna, ser um industrial no Instituto Oswaldo Cruz.

NA - O senhor iria para a empresa privada?

LR - É, exato, e convite não falta.

NA - Mas, competição acadêmica tudo bem.

LR – Tudo bem.

NA – Um artigo aqui, um artigo ali e tal. Agora, essa competição mercantil não.

LR - E aí, aqui dentro da Fiocruz leva a um ponto que é limite, leva esse ponto limite, onde está a periferia da Fiocruz tem quem negocie isso lá fora. Eu acho que... Não sei se a Fiocruz quer adquirir estrutura de uma empresa privada, mas como órgão público não vai produzir bem. Ela vai produzir mal. Por uma série de ingerência e de influências que tem aqui. Na empresa privada isso é diferente ou costumava ser diferente. Porque lá as decisões são outras, as obrigações são outras. Tem que cumprir com etapas, cumprir com tarefas, cumprir com cronogramas.

NA - Muito mais rígido.

LR - Então, eu acho que você leva a um ponto a que se desenvolve, as cabeças pensam e alguém produz aquele compromisso. Aí entra a parte mercantil.

NA - Quer dizer que o senhor acha que ao Instituto Oswaldo Cruz não deveria caber, certamente, a produção dessas coisas.

LR - É, como órgão de governo.

NA - Mas Bio-Manguinhos tudo bem.

LR - É. Eu ressalto que eu tive que mudar de pensamento. Eu quando estudante jovem, eu achava que o governo pode fazer tudo, ele pode produzir, pode, e é uma beleza porque ele tem tantas facilidades na mão, mas a gente viu que não é bem assim porque surgem coisas incríveis.

P - Mas, e Bio-Manguinhos? O senhor acha que tem que ser privatizado?

LR - Olha, o que eu sei de Bio-Manguinhos é que ele faz aquilo que a empresa privada não quer fazer, porque não vê lucro. Ele faz aquilo que, me parece, pela constituição, tem que fazer, ele tem que dar saúde. Então, no contexto da saúde você tem uma série de doenças que precisam ser prevenidas. E parece que não tem quem queira fazer aqui, a baixo custo toxoide diftérico. Parece que não tem interesse comercial, nem na vacina tríplice, aparentemente, não tem, não existe interesse comercial. Não tem quem queira fazer aqui outra coisa. Kit para diagnósticos de leptospirose, febre amarela, enfim. Então, é preciso, o governo tem que dar um jeito de se ocupar com isso aí. Agora, por exemplo, e esse tipo de... Quer dizer, fazer faz, mas vai fazer mal, sabe porque? Porque ele pode fazer bem um ano, quando você monta uma estrutura, essa estrutura humana se deturpa e o negócio vai começar a capengar.

NA - Isso que o senhor está falando se privatiza?

LR - Se for em órgão público. Órgão público, se privatizar, não.

NA - Mas Bio-Manguinhos está aqui.

LR - Não sei. Você acha que está tudo bem?

NA - Não, não. Já entendi.

WH - Os fatos comprovam o que o senhor está dizendo, na verdade.

LR - Não é? Com todo respeito, com toda... E, olha, eu visto camisa de Bio-Manguinhos também, mas agora você tem que saber o seguinte: nós produzimos aqui toxoide. Eu vou falar muito superficialmente porque não conheço a questão em profundidade. Nós produzimos polissacarídeos contra meningococos tipo A e tipo C. Quem implantou essa fábrica foi o Mérieux; o grupo Mérieux montou essa fábrica, treinou técnicos brasileiros



e mostrou todos os passos técnicos para a produção. Agora, quem faz ou quem fazia não está mais aqui. Quantos são remanescentes do grupo que fazia?

NA - Poucos.

LR - Esse é um aspecto. Depois, todos os passos, que eu não sei quantos são, vamos supor, apenas por hipótese que sejam 20, tratar a bactéria assim, cultivar a bactéria assim, preparar o meio de cultura assim, cultiva durante tantas horas em tal temperatura, com tanto de ar, num recipiente desta forma, misturado desse jeito. Depois nós temos que tirar amostras, fazer controle de qualidades de tanto em tanto tempo. Depois se o controle acusou que nós podemos prosseguir nós prosseguimos, fazemos uma série de centrifugação, separamos a bactéria. Depois essa massa de bactéria vai ser tratada com não sei o que o quê que vai tirar o polissacarídeo, depois... Então, são etapas, etapas, etapas. Eu pergunto, todas as etapas estão sendo cumpridas como foram ditadas pelo instrutor e como manda a técnica? Isso eu não sei. Então, se você insere no contexto dessa fabricação pessoas estranhas, que não foram suficientemente preparadas, não receberam aquele preparo e aqueles avisos todos daquela época, nós podemos ter coisas estranhas daí para frente. O que eu estou falando pode até ser uma hipótese, mas vale para vários tipos de produtos. Pois bem, numa empresa privada nós podemos ter deslizes, mas é menos porque a pessoa é tirada dali e é colocada uma outra que tem que ter a mesma especificação técnica. Aquilo tem que ser, existir...

WH - Ter um controle muito maior de pessoal.

LR - ...controle, o trabalho existe todo dia e toda hora. Então, podemos depois discutir um outro aspecto dessa questão. O trabalho escravo, o capital explorador, essas coisas assim. Mas, a produção, eu sei quanto eu vou produzir em janeiro e sei quanto vou produzir em dezembro e tem uma estimativa de quanto eu vou ganhar em dezembro, se o dinheiro não mudar, se a inflação não comer, eu tenho uma estimativa de quanto eu vou ganhar. Então, tem um grupo tratando do mercado, do comprador, do marketing.

NA - Deixa eu lhe fazer uma pergunta, eu acho que eu estaria assim encerrando por aqui, a não ser se você tivesse mais alguma pergunta ou que o Dr. Leon queria falar mais alguma coisa. É o seguinte: Dr. Leon, eu entendi o que o senhor estava falando sobre Bio-Manguinhos e tal; o senhor está achando, mas me pareceu curioso, que o senhor é um pesquisador ativo no sentido de voltar o seu trabalho para interesses sociais mais gerais, mais amplos, tanto pelo inseticida como essa coisa que o senhor está falando agora aqui, lá com italiano, eu não sei bem o que é mas parece que também tem a ver com isso, alguma coisa de interesse mais amplo, diria. O senhor volta a sua pesquisa para uma área aplicada. Não que não tenha conhecimento básico nisso, mas o senhor está preocupado com este aspecto da atividade de pesquisa. Isso faz com que o senhor veja e perceba as empresas privadas como um parceiro ativo, um parceiro possível nesses empreendimentos nessas atividades suas, não é isso? A Impal é exemplo disso. A empresa privada...

LR - Parceiro em termos assim: “Vim encomendar com vocês para fazer isso, vocês topam?”

NA - A Impal, no caso de inseticida, é isso, não é? O senhor produziu conhecimento...

LR - Mas não comercial, não no sentido comercial.

NA - É aí que eu quero chegar.

LR - Agora, talvez, indiretamente, porque você vai fornecer informações. Ele produz, ele vai vender, vai comercializar.

NA - A minha questão é a seguinte: por que é que essa lógica econômica que vige no mercado, nas empresas privadas, é uma lógica incompatível com outra que é a da ciência, a do cientista, a do pesquisador? Por que isso é tão incompatível? Por que para o pesquisador o lucro econômico é algo tão pejorativo?

LR - Não, não, isso é uma coisa pessoal...

NA - Não? Não é nada pessoal não, porque eu acho que isso é um pouco geral.

LR - É?

NA - É. O que o senhor acha disso?

LR - Eu tive colegas que, vamos dizer assim, faziam ciência, não queriam saber de outra coisa e com o tempo viraram comerciante, com os conhecimentos adquiridos dentro da universidade, se tornaram empresários.

NA - Empresários da ciência.

LR - Desse lado, explorando conhecimentos científicos para elaborar produtos e vender, comercializar e eles ganham.

NA - Mas isso é mal visto no âmbito da comunidade científica, não é não? Confessa aqui para gente.

LR - Não, eu confesso, confesso que não é mal visto, mal visto sim... Eu não vejo, necessariamente eu não vejo mal não, o que eu...

NA - É um valor negativo, na ideia do lucro, que a ciência possa dar lucro.

LR - É porque se imagina sempre que você vai estar vendendo a mãe ao diabo para fazer dinheiro e ganhar e deixa para lá se alguém passar mal com isso. Às vezes é verdade, mas nem sempre é verdade. Tem uma relatividade.

NA - Aí eu vou chegar a outro ponto: se o senhor não ganha alguém vai ganhar. Isso que eu acho que o senhor está falando e eu estou comentando, não é à toa. Porque eu já ouvi, tenho ouvido muito isso, o sentido pejorativo do lucro, do econômico, de uma ciência voltada mais para o mercado. Muitos pesquisadores são contra patenteamento e a lei de patente em função disso: de que a ciência não pode estar sendo restringida por esse tipo de coisa. Sem ver que isso é uma forma de proteção do conhecimento que cada um pode produzir. Pode-se pensar em termos nacionalistas, esse país... O senhor é um cérebro deste

país, há que se proteger a sua produção intelectual. O senhor está entendendo o que eu estou falando? Se o senhor não quiser... Eu sou contra a lógica mercantil...

LR - Você pode pegar em muitos pontos aí que eu não saberia como explicar (RISOS)

WH - Uma coisa é verdade, talvez aqui a gente poderia dizer que esse lado econômico não faz parte hoje dos valores da ciência como ela feita aqui na Fundação, pelo menos isso está mudando ou, da forma como o senhor está falando para nós pareceria que isso está fora.

NA - Mas o senhor percebe a contradição disso, Dr. Leon?

LR - Talvez eu pudesse dizer a vocês o seguinte: teoricamente, se a gente admitisse que na Fiocruz nós tivéssemos técnicos muito bons sempre ou quase sempre, que não houvesse influência de fora, que nós somos públicos, todo mundo mete a mão, todo mundo influi, que não houvesse influência de senador, deputado, presidente da República, ministro no sentido de bota meu sobrinho, bota meu filho, bota meu...

NA - Isso existe ainda hoje?

LR - Tem.

NA - Isso já existiu muito.

LR - Já existiu. Eu ainda digo que tem. Então, esse é um item. Outro item, nós começamos a trabalhar aqui às 8 horas da manhã, toca a sineta, já acabei de tomar o meu café, a empresa me deu e eu começo a trabalhar. Ao meio-dia, eu paro, vou para um bom refeitório, como uma boa refeição e uma hora eu estou de volta ao laboratório para continuar com o meu trabalho. Às 5 toca a sineta para eu ir para casa, com ônibus que me leva ou sem ônibus que me leva. No dia seguinte 8 horas eu estou aqui. No dia seguinte 8 horas eu estou aqui. Essa é uma das características da empresa privada e a produção sai, tem que sair. Se a Fiocruz trabalhar nesse ritmo, entrou a filha do senador, mas essa aí é boa, é *master doctor* não sei de onde, então não tem o que discutir. Mas se tem gente aqui que fica sentado em berço esplêndido e você não pode fazer nada. Todo mundo sabe e não pode fazer nada, porque tem a Asfoc que vem brigar comigo, vem reclamar comigo. Vai dizer que eu estou perseguindo o trabalhador e não sei que mais, não sei que mais. Aí eu começo a pensar no modelo, porque eu não quero ir, porque se eu for para uma empresa privada, eu perco a minha liberdade, porque eu vou ter que ficar tão restringido, chegar às 8 horas da manhã e lá se chega e tem que fazer, tem uma meta a cumprir.

NA - E lá tem que fazer o que eles disserem que o senhor tem fazer...

LR - E você tem um planejamento do ano, a empresa tem o planejamento do ano.

NA - Lá o senhor não pode escolher o seu trabalho.

LR - Não vou, lá eu tenho que fazer o que vão me dizer, aqui a gente escolhe. Deixa fazer um parêntese, eu sou a favor da Universidade Federal como ela é, porque ali foram criados os cérebros brasileiros. Ali há liberdade de pensamento, de criação. Quando se pensa em

se privatizar ou transformar aquilo em empresa e tirar essa liberdade, você vai ‘emburrecer’, desculpe a expressão, vou falar isso entre aspas, o país. Com honrosas exceções, porque na universidade privada você também tem que pensar conforme manda o investimento. Aqui não, aqui eu criei o *bacillus*. O meu patrão não disse: “Leon, não quero que você trabalhe mais com isso”. Houve um momento aí, a título de piada, quando entrou Dr. Fonseca...

NA – Vinícius da Fonseca.

LR - Foi presidente da Fundação e ele criou, ele deu alguns empurrões aqui dentro, mas em compensação ele achava que nós devíamos trabalhar com determinados modelos, projetos...

### **Fita 6 – Lado A**

LR - Então ele dizia: “Projeto de esquistossomose, projeto de doença de Chagas. O programa de doença de Chagas e o programa de esquistossomose”. Nós viemos da bacteriologia, trabalhava com bacilo, o que eu vou fazer? Então eu tenho que dar um jeito de botar algum bacilo a serviço de doença de Chagas ou algum *bacillus* a serviço da Malária, algum bacilo a serviço da...”, você está entendendo?

NA – Doenças endêmicas.

LR - Houve um pavor. Então tinha coisas assim do arco da velha, quem era de doença de Chagas não sabia se tinha que passar para esquistossomose que pudesse dar mais ibope, porque o negócio correu durante algum tempo assim. Imagine que nós tínhamos um colega que trabalhava com macaca mulata, macaco *Rhesus*. E o doutor, até ele entender o que era aquilo, achava ridículo uma instituição como o Instituto Oswaldo Cruz estar trabalhando com macaca mulata: “Tem uns caras que ficam estudando o comportamento sexual da macaca mulata. Isto é um desperdício, etc, etc, e tal”. Quando ele entendeu o que significava isso, já não reclamava mais do estudo, da pesquisa sobre o comportamento, porque estavam tentando trazer da Ilha dos Pinheiros ali onde está aterrado agora... Vocês conhecem? E estão conseguindo manter em cativeiro aqui, os técnicos conseguiram manter. Então, isto tem um significado importante, aí ele se aquietou, mas até então, a gente ficou horrorizada. Achava que o mundo vai acabar ali, você não tinha mais significado na instituição. Então, era a perda da liberdade, significava a perda da liberdade de criação.

WH - Ele é economista, deve ter sido um choque cultural.

LR - É. Até ele aprender...

WH - Para vocês também.

LR - É claro! Porque nós vivíamos horrorizados, porque tinha coisas que vinham assim de cima para baixo e, de repente, não acabava. Se ele dissesse: “Sai”. Você tinha que sair. (Risos)

NA - Ele era autoritário, ele era muito autoritário desse jeito?

LR - É, eu acho que precisava chegar bem perto dele, colar e começar a explicar e explicar.

NA - Até ele ouvir, aí ele ouvia.

LR - Exatamente.

NA - Quer dizer que é o seguinte: o limite do mercado é a manutenção da liberdade. Enquanto estiver mantida a liberdade pode ter mercado.

LR - Para a criação científica você tem que ter um alto grau de liberdade senão... E numa população de seres humanos que pensam, que são capazes disso e dali surge um punhado só, não todos, um punhado que traz boas ideias, traz inovações, traz genialidade.

NA - Essa sua condição de ser um pesquisador de uma instituição pública que tem a possibilidade de ter algum tipo de relação, cooperação com empresas privadas é a melhor situação que o senhor considera nesse momento?

LR - Espera aí, é uma condição à qual eu fui levado...

NA - O senhor estando aqui o senhor está...

LR - ...por alguns motivos, porque ela encomenda, ela quer: “Olha, eu acho que o que você está fazendo é interessante para mim. Vamos fazer um acordo aí? Eu faço a proposta, vocês topam?”, a casa estuda, acha que pode ser...

NA - Sim, mas isso quer dizer o que, o senhor mantém a sua liberdade.

LR - Ah sim, claro!

NA - Esta parceria, a da Impal, o senhor está mantendo a sua liberdade.

LR - Em princípio eu estou criando utilidades, mesmo ela sendo empresa. Ela deve estar vendendo algum produto que vai ter utilidade. Eu não vou aqui discutir se ela rouba, se ela exorbita, se ela cobra caro. Isso é outra coisa, tem outro lugar para ser discutido isso, controlado isso. Acho que não sou eu que vou controlar isso. Agora, se ela fizer bom uso disso que a gente está produzindo é o que a gente quer, nós estamos aí para isso.

NA - A minha pergunta foi mal feita, o senhor me desculpa, na verdade é o seguinte: esta condição de relação da ciência, no Brasil pelo menos, com a empresa privada, talvez a forma mais desejada seja que os pesquisadores estejam com a sua independência e liberdade dentro das instituições de pesquisa ou na universidade e tal. Os pesquisadores não têm o controle desse processo.

LR - Eles mantêm o controle do processo. Acho que em geral...

NA - Não é ao contrário, quer dizer, a empresa privada contratar o serviço de um pesquisador de uma instituição pública, está entendendo? Porque são coisas diferentes.

LR - A empresa pública contratar os serviços...

NA - Ao contrário, a empresa privada contratar o serviço de uma empresa pública, de um pesquisador de uma universidade, um instituto público em que ela dita quais são as normas, quais são as regras. Na sua situação não...

LR - Na minha situação não, mas isso existe, isso que você está falando existe.

NA - Existe.

LR - As partes se entendem e caminham juntas. Isso existe, não é incomum a gente sabe que grandes empresas contratam serviços de prêmios Nobel.

NA - Pois é, mas o que eu lhe perguntei é se o senhor acha que essa situação que o senhor está vivendo com a Impal, enfim, a situação imediata que o senhor está vivendo, essa é a melhor situação. O senhor mantém a sua liberdade numa instituição pública e o senhor controla esse processo, de alguma forma o senhor está controlando ele?

LR - Ah sim, há um certo controle, dependendo da gente, não existe relações de dinheiro entre eu e a Impal, nenhuma relação de dinheiro existe. Tem uns colegas que são pagos pela Impal, colocados para trabalhar, formam um grupo para fazer a pesquisa, mas fora disso não existe. Nós controlamos algumas coisas... É pena que nós não fomos... A Impal não produz porque ela não quer, não investe como deveria investir, assim em termos de levar a produção industrial.

NA - Inseticida.

LR - Se bem que ela procura um par para produzir industrialmente, provavelmente um financiador, um grande financiador, que vai investir na planta industrial.

NA - Dela?

LR - Ela esperava encontrar isso na Cibram, provavelmente não encontrou. É um negócio meio confuso que, às vezes, você pode me pegar assim em determinados pontos porque eu não tive tempo de ficar pensando em profundidade.

NA - Porque na verdade, Dr. Leon, a partir desse trabalho que a gente está fazendo é que a gente está vendo a variedade das complicações, da complexidade dessas relações entre a ciência e o mercado e as empresas, que é uma tendência mundial. Essa é uma tendência que se fortaleceu nos anos 80 com a biotecnologia moderna, dos bichos engenheiros, mas isso é muito complicado, é uma relação muito complexa.

LR - É muito complicado, muito complicado.

NA - Tem muitos fatores.

LR - Agora, você sente isso quando aparece um vendedor aqui de produtos de uma empresa que te oferece a técnica e o equipamento da técnico...

NA - Como assim, oferece a técnica?

LR - O avanço, então, você nota que aquilo já está industrializado, já tem empresa produzindo. Não o kit do diagnóstico que eu estou falando é o aparelho de PCR. Aquilo já está conhecido. Agora falta aprendermos a mexer com aquilo ou vamos ter a sorte de criar alguma coisa ou vamos estar repetindo coisas que os outros estão fazendo, mas o equipamento já está industrializado. Quer dizer, houve quem bolasse e quem investisse em produzir aquilo e sair vendendo mundo afora. Desde que eu me conheço isso ocorre, ocorre, ocorre. Quer um exemplo, quando eu estava na faculdade conheci... O equipamento já existia lá anteriormente Kleat Summers é um fotocolorímetro. Kleat Summers é o nome do fabricante. Então, fotocolorímetro Kleat Summers. A gente já faz a imagem até da caixinha, de como é que ela é. Aquilo era um avanço na época que chegava ao Brasil. Então, com aquilo eu podia dosar, glicose, colesterol, uréia, creatinina, nitrogênio, amilase, toda uma gama de análises reclamadas pela clínica médica, naquela época, nos laboratórios de análises clínicas. Então, o que ocorria, aquilo chegou no Brasil. Os laboratórios foram se equipando com Kleat Summers. Na faculdade nós tínhamos aula de como fazer o negócio, como é que vai dosar uma glicose, como é que vai dosar um colesterol. E a fábrica já te dava o manual com todas as técnicas. Então, em algum lugar do mundo aquilo já está mastigado, já se sabe, agora estamos vendendo para os outros. Então, estão fazendo dinheiro, estão vendendo. Então, o que me intriga é isso, daqui a pouco entra um vendedor aí: “Está vendo, porque eu tenho um equipamento que permite o senhor fazer isso, o senhor faz assim, bota assim, aquilo é de vidro, aqui a gente pode não sei o que”, está entendendo? Então, isso resultou de que? De pesquisa, comprovação da pesquisa, a construção do equipamento, a venda do equipamento, o investimento para vender, fazer os catálogos botar aqui no comércio e tem um monte de laboratórios no mundo usando aquilo. Se a ciência é dependente do dinheiro, se o dinheiro é que manda na ciência isso é um negócio meio complicado. Eu acho que existem as duas coisas.

NA - Duas coisas como? O dinheiro e...

LR - O desenvolvimento científico também pode, às vezes, estar atrelado a um investimento que foi feito para que ocorresse aquilo.

NA - Às vezes?

LR - Ou muitas vezes, pode ser.

NA - Isso não vai acabar nunca, (risos) eu não consigo parar de perguntar. Um exemplo claro, o senhor faria sozinho o seu inseticida sem a Impal? O senhor teria o mesmo interesse? O mesmo ela? O senhor teria desenvolvido?

LR - É uma boa pergunta, uma boa pergunta.

NA - Sem essa coisa?

LR - Eu tenho a impressão que não. Menos pelo cartaz que a Impal me dá para eu poder ficar falando esse nome Impal. Nem quero falar (risos). Menos pelo cartaz, mais pela verdade da coisa. Ou seja, eu acho que esse inter-relacionamento foi até um estímulo e o

fato deles investirem alguma coisa também foi um estímulo, numa época que tudo era tão difícil para a gente conquistar, tão difícil. Os equipamentos... Eles puseram contratualmente seis funcionários no programa. Ouçam bem, são seis salários, não são seis salários mínimos não, são seis pessoas ganhando salários, sendo que, cinco salários de nível superior. Não são salários exuberantes, são salários que estão piores do que os nossos, de empresa privada, não se iludam com isso também, um ou outro na empresa privada vai lá para cima. Mas a grande massa não ganha bem não... não sei às vezes, não ganham bem. Mas são seis salários colocados aqui. No momento temos cinco, não quero mais para não ter problemas, me aborrecer e tal. Agora eu estou esperando há muito tempo melhorar para a gente poder... Por exemplo, o que é melhorar? Voltar a dar um empurrão para a industrialização do negócio ou não. Aí a gente sai dessa e entra em outro programa.

NA - Foi importante porque legitimou o seu trabalho?

LR - Ah sim, e mais ainda. Não digo inter-relacionamento, mas todas as solicitações que eu fazia e quando tinha alguma... eles davam, implementavam o que eu estava solicitando para levar o produto para ser provado em áreas diferentes, para ver se aquilo vale alguma coisa ou não. As respostas começam ser satisfatórias, o produto vale, ele pode é ser melhorado, embelezado, perfumado, adocicar, mas ele vale. Então, é competitivo com o que existe.

WH - Quer dizer, além de ter apoio tinha também a perspectiva do seu produto virar um bem do mercado ou ser produzido. O senhor já tinha essa visão de que fazendo esse contato com a empresa privada, com a Impal no caso, o seu produto poderia reverter para a sociedade? Caso o senhor não tivesse feito talvez ficasse restrito ao laboratório, seria mais difícil colocar no mercado.

LR - Claro, claro.

NA - O seus pares, a comunidade científica.

WH - O senhor já tinha essa visão?

LR - A visão de que nós podíamos fazer uma utilidade e tínhamos que descobrir qual o caminho que ela teria que ter para chegar à comunidade sendo útil, sendo válida.

WH - E a empresa privada entra nesse caminho?

LR - ...com o mínimo de prejuízo para a própria comunidade.

WH - A empresa privada entra nesse caminho?

NA - Foi importante nisso?

LR - Como assim?

WH - Porque eu estou lhe perguntando, quando o senhor quer tornar o resultado da sua pesquisa, no caso é um produto útil à sociedade, esse produto tem que ser comercializado, digamos assim, para ele ser utilizado, comprado pela Secretaria de Saúde. Tem que estar



no mercado, de alguma forma ele tem que ser visível. A empresa privada lhe deu essa visibilidade ou o senhor teria conseguido isso dentro do seu laboratório, indo lá para a Secretaria dizer: “Olha, eu estou produzindo aqui no meu laboratório...”

LR - Não, acho que não. A gente aprendeu muito nesse trajeto, nessa associação, no sentido de levar até a esse ponto que você está falando. A gente aprendeu muito porque a gente começou a perceber dificuldades internas, dentro da Fiocruz, nesse caminho.

NA - De que natureza?

LR - Você puxou bem (risos) ... de que a gente poderia estar mais avançado nisso aí.

WH - Nessa parte de comercialização...

LR - Não digo comercialização que não compete a gente. Isso é uma coisa que compete à Impal, na sua associação. A gente dá o apoio técnico científico, instruções, vai por aqui, faz assim até onde a gente também é competente para isso, fora disso a gente recomenda: “Olha, vai para outro especialista, você tem que contratar um despachante para registrar esse produto no Ministério da Saúde”.

WH - Aí tem problemas?

LR - E aqui a gente encontra problemas que outros não conseguem, porque fazem um *lobby* e registram o *lobby* no Ministério da Saúde e com a Fiocruz nós não conseguíamos!

NA - Por que?

LR - Porque deve faltar uma vontade. Eu acho que se colocar um grupo de pessoas para resolver isso, é importante? É. Tem alguma coisa de verdade? Tem, tem um produto que funciona. É de tecnologia sofisticada? Não, não é tecnologia sofisticada, tecnologia simples. Mas é funcional? Pode ajudar, pode contribuir a resolver problemas? Pode contribuir para resolver problemas. Então, vamos botar fulano, fulano, fulano para resolver isso no Ministério da Saúde. Agora, quando há competição interna, motivada por certos fatos que eu acharia que não valia a pena entrar agora em detalhes, é uma questão delicada. Então, alguns embargos começam a ocorrer. Certos papéis não começam a andar, OK? Enfim, por exemplo, é mais fácil a Embrapa registrar um inseticida no Ministério da Saúde, também não vou entrar em detalhes por uma questão de ética, do que a Fiocruz registrar o seu produto no Ministério da Saúde, sem favor nenhum, seguindo os trâmites, cumprindo com as exigências que o Ministério faz para ter um produto dessa natureza legalizado.

NA - Isso aqui não era a contrapartida da Fiocruz?

LR - Isso aqui é uma contrapartida da Fiocruz.

NA - Na relação com a Impal ou é a Impal que tem que fazer isso?

LR - Não, na contrapartida, se está muito claro, escrito, não sei...

NA - Não está.

LR - Não sei, mas foi acertado que seria uma contrapartida...

NA - E não foi cumprido.

LR - Porque, veja bem, você pode chegar num dado momento: “Ah, mas para que você vai registrar isso? Quem vai ganhar é a Impal, é dinheiro”. Não, eu diria que quando foi feito o acordo de cooperação, discutiu-se muito. Não foi feito um negócio em uma semana: “Olha aí, é uma ação entre amigos, que nós vamos botar o governo aqui nessa rodinha e nós vamos nos aproveitar disso”. Tenho certeza de que não é isso e nós estamos aqui para fiscalizar para não ser isso. Nós mesmos devemos ter fé pública, eu como homem do governo neste nível, não vou permitir que coisas que fujam ao que a legalidade exige que aconteça. Então, discutiu-se parece que uns oito meses... nós estamos discutindo, mas foram uns oito meses e não foi o Leon que discutiu não; o Leon é chamado para dar opinião técnico-científica, mas tem técnicos da Fiocruz de outras áreas discutindo para saber o que também a Fiocruz ganha, se a comunidade vai ser afetada negativamente ou não. Tem essas coisas todas que foram colocadas e achou-se que era conveniente fazer o acordo e ele foi feito.

WH - Não sei, talvez eu esteja compreendendo errado, mas eu queria lhe perguntar diretamente: a gente já falou que o Estado está propondo reformas e, dentro da Fundação, essa questão do patenteamento de desenvolvimento do produto vai ser uma questão que até já é colocada como orientação. Agora, pelo que o senhor está me dizendo eu concluo que a instituição não tem estrutura para viabilizar isso. Quer dizer, é isso que o senhor está falando?

LR - Ah não, a estrutura... Quer dizer para ela transformar num produto...

WH - Eu estou perguntando do seu caso.

NA - Do seu processo.

LR - Não, ela não está, ela deve ter estrutura para viabilizar isso.

WH - Não tem vontade, digamos assim.

LR - É, eu acho que está faltando alguma coisa a mais da Fiocruz para isso.

NA - É, o senhor disse no meio do caminho aí, assim rapidinho: “Ah, tem gente que está dizendo que isso aqui é para ganhar dinheiro, o Leon vai ganhar dinheiro com isso, não sei que, não sei que, não sei que”. Isso não é falta de estrutura, isso é um tipo de cultura, de mentalidade que percebe, voltamos à discussão anterior, no mercado uma coisa corruptora da atividade científica. Esse tipo de relação é corruptora da própria atividade científica. É isso que o senhor está falando? Além da estrutura tem um problema de cultura institucional.

LR - Tem, tem. Eu acho que sim.

NA - Que vê essa relação como uma coisa complicada.

LR - Isso não é... Não vamos falar que é a entidade Fiocruz. Você diagnostica, encontra fácil aqueles que: “Não, o negócio é bacana, está legal, é bom, é isso mesmo, está certo”. Até com conhecimento de causa, porque tem aqueles que viram tudo isso nascer que não são aqui do departamento, são de áreas administrativas. Então eles sabem e eles têm uma confiança. Mais ainda confiança aqueles que estão vivendo o que está sucedendo.

NA - Agora, isso na verdade, essas desconfianças, esse tipo de mentalidade está entre os seus colegas, mais talvez do que em Bio-Manguinhos, do que em Far-Manguinhos ou na própria estrutura administrativa. É no Instituto Oswaldo Cruz que essa mentalidade vige, está sendo cultivada.

LR - Olha, o Instituto Oswaldo Cruz pode não chegar... aos seus chefes ficarem do meu lado para todos em linha saber para combate, mas eles são simpáticos ao negócio, tenho certeza que não botam areia no caminho. Agora, em outras áreas a gente pode encontrar isso.

NA - Isso o que? Os atrapalhadores?

LR - É, que não pega: “Olha, gente nós temos aqui umas temáticas para cuidar, uma delas faz parte dessa aqui, esse assunto do inseticida biológico. Como é que está esta história? Funciona ou não funciona?”. Há evidências de outros setores, não desse laboratório que mostram que o negócio funciona. Por exemplo, se for perguntar lá na Asplan, tem gente que sabe e acredita. Olha daqui, olha dali, vê para lá e diz: “Aqui é que parece que está a verdade, ali a gente tem que ficar calado. Porque são pressões negativas, são oportunistas, são talvez farsantes e que querem jogar seus ganchos para ver se conseguem alguma coisa nessa área também”. Eu sei que existem pessoas que sabem, mas não podem fazer porque não dá como fazer alguma coisa para parar com isso.

NA - Algumas políticas institucionais poderiam intervir nesse processo.

LR - Poderiam.

NA - Se tivesse algum tipo de...

LR - Porque, inclusive, quando a gente começou com esse assunto de inseticida, a gente começou por dentro da Fiocruz oferecendo para Bio-Manguinhos porque a gente via em Bio-Manguinhos a unidade dentro do conjunto que poderia se interessar pela questão e desenvolvê-la da maneira que os seus técnicos achassem: “Olha, até esse ponto nós e daqui nós negociamos a planta fabril que nós não temos capacidade de tomar conta dela, implantar e tomar conta dela”, ou “Não, nós vamos montar uma planta para isso e para outras coisas”. Uma planta (inaudível) que durante três meses faz isso, dois meses faz aquilo. Aquilo se alterna como os países evoluídos fazem. Ou alugam: “Olha, vai ficar ocioso em maio, junho e julho, então arrenda”, você entendeu? No frio não vão poder operar, mas dá para fazer com não sei o que. Então, a renda é para aquele fulano que vem fazer o produto aqui. Existem ‘n’ tipos de caminhos para você resolver isso. Infelizmente eu não consegui. Incrível, isso é incrível! Você vai encontrando sócios nos lugares onde você menos espera e não onde você espera.

NA - Na empresa privada, por exemplo.

LR - Por exemplo, eu tive também...

NA - O senhor encontrou na Impal e não encontrou em Bio-Manguinhos.

LR - Ah, ok, bom, mas aí vai ser acusado de ser o cara que está interessado em dinheiro.

NA - Não, mas o senhor foi a Bio-Manguinhos, o senhor está deixando registrado isso aqui.

LR – Fui a Bio-Manguinhos.

NA - O senhor foi a Bio-Manguinhos, não foi?

LR - Em duas oportunidades diferentes, com dois presidentes diferentes, diretores. Por quê? Porque era lógico, lógico, você oferece aqui dentro e depois não dando... Mas não fui eu quem foi procurar lá fora. Foi a instituição ao se autodivulgar que a empresa foi despertada e veio buscar, compreendeu? Esses catálogos...

NA - Eu queria saber o seguinte, se o senhor tem alguma coisa a nos declarar, eu estou achando, gostei muito da sua entrevista, vai contribuir muito para o nosso trabalho, foi muito esclarecedora. Eu acho que, de repente, eu até posso voltar aqui para conversar se o senhor estivesse disponível, eu gostaria até de voltar uma outra hora, dependendo de como a gente vai analisar esse trabalho todo, mas isso foi muito interessante o que a gente conversou hoje aqui e se o senhor quiser falar alguma coisa sobre, enfim, para encerrar a entrevista, está aberta aí.

LR - Eu agradeço o fato de ter sido entrevistado. O fato de vocês virem buscar esse tipo de assunto e vocês devem estar encontrando na minha pessoa alguém que se apaixonou pelo Instituto Oswaldo Cruz sem outros interesses. Não quero ser mais do que eu sou. Já contribuí como chefe de departamento, fui até vice-diretor do Instituto Oswaldo Cruz. Agradeço aquela oportunidade que foi dada por um colega que indicou meu nome para ser vice-diretor, mas é isso aí, o meu trabalho está aqui no Instituto, é modesto, mas sempre buscando fazer alguma coisa. Pode parecer incrível. Às vezes tem muita gente que não acredita nisso... você está fazendo uma coisa, não digo de graça, mas quase, sem interesses, outros secundários, escondidos, camuflados. Eu gosto muito do Instituto Oswaldo Cruz, aprendi a admirar muito a instituição. Sou agradecido ao governo pela oportunidade que me deu, primeiro de cursar a Universidade do Brasil grátis e ali me formar e o próprio Instituto Oswaldo Cruz que me recebeu e muitos colegas aqui me receberam e me ajudaram a fazer carreira. Lembro aqui, acho que vale a pena lembrar, porque um agradecimento pessoal, uma situação que ocorreu há tempos atrás quando o Oswaldo Cruz Filho estava começando a contratar os primeiros pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz que seriam os primeiros pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, eu estava nesse grupo. Eu vinha desse Curso de Aplicação no Instituto Oswaldo Cruz.

NA - Que o senhor acabou fazendo (risos).

LR - Exatamente, acabei fazendo no peito...

NA - O senhor começou a contar e não terminou.

LR - Tive que fazer porque senão eu seria escorraçado daqui: “Ou faz o curso ou tchau, está fora da instituição”. Essa era a imposição do...

NA - Oswaldo Cruz Filho.

LR - ...não é do Oswaldo, foi do Rocha Lagoa. Pois bem, então, havia uma colega, ela ainda deve estar aqui na Helminologia, Ana Kohn que era assessora do Oswaldo Cruz e ela sabia das necessidades da turma, dos nomes que estavam terminando o curso e ela foi chamando em dupla, em trinca, para conversar com o Oswaldo Cruz e o Oswaldo Cruz disse: “Não, eu tendo oportunidade eu contratarei vocês”. Assim que a gente ganhou o primeiro sapato de chumbo, para pesar e manter a gente aqui na instituição. Muitos colegas daquela época não existem mais, faleceram, mas eu não posso de deixar de agradecer a Ana que, em momentos em que a coisa ficava pendurada por um fio de cabelo, a gente tinha assim uma ajuda, apoio dela e de outros colegas. E a gente pode persistir e mostrar que podíamos fazer algum trabalho de utilidade aqui na instituição. Eu agradeço a vocês.

NA - Nós que agradecemos a sua paciência, seu tempo, a disponibilidade de ficar tantas horas com a gente.